

SOPRO DE VIDA

Kim Lawrence

Título original: PREGNANT BY THE GREEK TYCOON



Tudo o que o magnata grego desejava era... seu filho.

Após um casamento relâmpago com Angolos Constantine, Georgie estava grávida e certa de que ele ficaria encantado. Mas, em vez disso, ele a mandou "sair de sua vida e nunca mais voltar". E foi exatamente o que ela fez. Assim, ele jamais viu seu filho... até agora.

Angolos não achava que pudesse ter filhos... e não está preparado para deixar seu pequeno milagre escapar. Mesmo que Georgie pareça odiá-lo, ele terá o que considera seu... a qualquer preço.

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Edith/Cris



CAPÍTULO UM

- Claro que eu sabia que não ia durar.

Aquelas palavras fizeram Georgie parar de repente e voltar quatro anos no tempo.

Para a maioria das pessoas, aquele fora um verão dos mais quentes, no qual a Inglaterra fria e úmida deleitou-se com temperaturas tropicais. Para Georgie, aquele fora o verão em que sua vida mudara.

Na ocasião, ela estava com apenas 21 anos, era uma típica estudante curtindo as férias de verão antes de voltar à faculdade, na qual cursava o último ano. Seus únicos planos envolviam a desejada carreira de professora e o carro que estava economizando para comprar.

No período letivo anterior, fora parada na rua por uma mulher com uma prancheta na mão, que fazia uma pesquisa para um programa de televisão.

- Você acredita em casamento?

- Eu não *desacredito*.

- Então você se casaria? - pressionou a entrevistadora.

- Eu...? Ah, sou muito nova para pensar nisso. - Georgie riu. - Quero me divertir antes de me amarrar.

Em pouco mais de três meses, ela estava se casando com um homem a quem conhecia fazia menos de um mês.

E, sim, sua avó *disse* que não iria durar, mas ela não estava sozinha nisto! Seria difícil achar *alguém* que achasse que aquele casamento era boa idéia!

Georgie, alheia por completo, sorriu serenamente ao ouvir todas as reprimendas e ignorou as previsões de desastre. Pelo menos a oposição fortalecera sua decisão, fazendo-a parecer de certo modo mais romântica.

Os lábios dela se curvaram num sorriso irônico ao se lembrar do futuro idílico que veria à sua frente.

- Mamãe...!

Georgie afastou as memórias que a atormentavam e se voltou para o menininho que queria mostrá-la algum tesouro que trazia em sua mãozinha gorducha. Ele sorria para ela com seus longos cílios negros, cabelos cacheados brilhantes e bochechas rosadas.

Nem tudo que vinha de seu imprudente casamento era negativo. Georgie tinha Nicky, seu bebê. Na verdade, ele não era mais um bebê, pensou ela melancolicamente, enquanto exclamava os "oh" e "ah" que o menino esperava.

Quando Nicky voltou para sua brincadeira - ele era uma criança realmente feliz e bem-disposta -, Georgie bateu as sandálias com força na mesa de ferro do terraço.

Não teve o efeito desejado. Entretidas demais na conversa, as duas mulheres lá dentro continuaram alheias à sua presença.

Era tudo de que eu precisava! Um lugar de camarote para a dissecação do casamento do inferno! Georgie podia ter-lhes poupado o trabalho: "péssima idéia" resumia a história.

- Estavam juntos fazia muito tempo?

Georgie reconheceu o sotaque típico de Yorkshire de Ruth Simmons, uma diretora de escola aposentada e aficionada em observação de pássaros que havia alugado a casinha ao lado da dela durante o verão.

- Seis meses.

O modo como a avó lhe disse isso fazia soar como uma condenação.

- Acha que existe alguma chance de reconciliação? Quem sabe se eles dessem mais tempo ao tempo... se tentassem outra vez...?

- Tentar... para quê?

Georgie encostou a testa ao umbral da porta e, sem perceber, começou a raspar com o dedo a tinta que estava descascando. Ela dificilmente pensava como a avó, mas, desta vez, concordava inteiramente com seu ponto de vista. Ela poderia passar a vida inteira tentando ser o que Angolos queria e, mesmo assim, não conseguiria satisfazê-lo.

No final, contudo, quem quis se separar não foi ela.

Angolos terminara. E o fizera com brutal eficiência, mas ela refletiu que, afinal, Angolos não era do tipo que deixava as coisas pela metade, e não era nada sentimental.

- Poderiam tentar até o fim dos tempos que o resultado seria o mesmo - ela ouviu Ann, sua avó, dizer com autoridade.

- Mas *seis meses*... pobre Georgie...

A tristeza sincera na voz daquela mulher fez Georgie ficar com um nó na garganta. Não houve muita compreensão para com ela quando resolveu engolir o orgulho e bater na porta do pai. Ouviu todos os "eu te avisei" e "quem procura, acha" que podia. Porém, nada de solidariedade.

- Era apenas questão de tempo para aqueles dois se separarem. Questão de *quando* ele ficasse entediado ou *quando* ela acordasse para a realidade de que ambos viviam em mundos diferentes. Melhor assim. Ele só estava de brincadeira.

Na época, pareceu bastante verdadeiro para ela, mas talvez vovó estivesse certa. *Você estava de brincadeira, Angolos?* Às vezes, só queria poder ficar no mesmo recinto que ele por cinco minutos para fazê-lo responder *por que* ele fizera o que fizera.

- Tudo indica que a primeira esposa fez gato e sapato dele... Linda, impetuosa, fogosa... *Aparentemente*, ela podia ter feito uma carreira de sucesso como pianista se tivesse se dedicado aos concertos com a mesma energia com que se dedicava às festas.

- Na *minha* opinião, após o divórcio ele estava procurando por uma nova esposa para ter uma vida calma... Infelizmente, escolheu Georgie. Era inevitável, a novidade acabar quando ele se cansasse de ser certinho.

Não fazia muito bem ao ego ouvir alguém falando sobre você como se falasse de um capacho. Era triste, mas Georgie não podia rebater o que ouvia. Fora patética na ânsia de agradar, e era muito difícil relaxar, ser ela mesma, ao lado de alguém que idolatrava - e ela de fato idolatrara Angolos.

- Acho que você está sendo injusta com Georgie - protestou Ruth. - Ela é uma menina brilhante e inteligente.

Georgie encostou-se à parede, sorrindo sozinha. *Obrigada, Ruth.*

- Claro que é, mas... veja, deixe-me mostrá-la isto. Georgie ouviu um barulho de papel e soube de imediato o que a avó estava fazendo.

- Isto estava no suplemento do jornal do último domingo. *Isto é Angolos Constantine.*

Georgie sabia o que ela estava mostrando. Vira a revista antes de a avó escondê-la debaixo das almofadas no sofá. Era uma foto de duas páginas de Angolos saindo de um carro com chofer direto para o tapete vermelho de uma estréia cinematográfica. Ao lado dele, estava Sônia, sua glamourosa ex-esposa. Será que eles tinham voltado...? Boa sorte para eles, pensou Georgie com raiva. Eles se mereciam.

- Minha nossa! - ela ouviu a outra dizer. - Ele é mesmo bem... sim, *muito!* Dizem que os opostos se atraem... - acrescentou.

Valeu a tentativa, Ruth.

- Há opostos... e há Angolos Constantine e minha neta.

Um sorriso amargo veio aos lábios de Georgie. Sempre podia contar com a avó para um toque de realidade.

- Sempre foi uma idéia absurda. Ela jamais se encaixaria no mundo dele, e eles não tinham absolutamente nada em comum, a não ser, talvez... - Ann Kemp abaixou a voz para um sussurro confidencial. Tinha um tom pesado, típico de atrizes amadoras.

- *Sexo!* Ou *amor*, como minha neta preferia chamar. Eu, pessoalmente, acho que a culpa é daqueles romances que ela ficava lendo na adolescência.

- Eu também gosto de um bom romance - disse a outra.

- Sim, mas você não é nenhuma moça jovem, tola e impressionável que espera que um cavaleiro em uma brilhante armadura venha lhe salvar.

- Posso não ser jovem, mas não perdi de todo as esperanças.

Georgie não escutou a resposta seca. Um ar distraído tomou conta de seus traços suaves enquanto ela esfregava os braços que, apesar do calor, estavam com a pele arrepiada. Seus músculos do baixo ventre se contraíram. Ela apertou os olhos com força para apagar a imagem que lhe veio à mente, mas ela, assim como Angolos, se recusava a atendê-la, ou sequer a atender a suas súplicas, ela pensou com amargura, Desnorteada e com medo, acabou perdendo toda a dignidade e implorou que ele pensasse melhor. Não *era possível* que ele quisesse que ela fosse embora. Os dois eram felizes, iam ter um filho.

- Diga o que há de errado - pediu Georgie.

Angolos não disse nada. Apenas fixou seu olhar soturno, brilhante e duro como um diamante, nela.

Estranho como uma decisão podia afetar o curso da vida de uma pessoa.

No caso, se Georgie não tivesse dado ouvidos ao meio-irmão, que pedira para levá-lo à praia... Na verdade, ela pretendia se aninhar em uma poltrona e ler o último capítulo de um livro. Se tivesse feito isso, jamais teria conhecido Angolos. Não que adiantasse ficar especulando naquele momento sobre o que poderia ter sido. Mas acaba-se sobrevivendo de qualquer forma, e Georgie pensou, com toda a modéstia, que não estava se saindo tão mal. Tinha uma boa carreira, alugara um apartamento, tinha

um filho lindo. Uma amiga solteira dissera recentemente que não entendia como ela conseguia dar conta de ser mãe solteira de filho pequeno e trabalhar fora o dia inteiro em um emprego que exigia tudo de si.

- Não consigo imaginar minha vida sem Nicky. É por isso que dou conta - explicou Georgie. Era verdade, mas a amiga não acreditou em uma palavra sequer.

O fato de não haver um homem em sua vida era questão de escolha. Não que ela tivesse descartado a idéia de encontrar alguém, mas não conseguia imaginar isto acontecendo.

Às vezes, tentava imaginar outro homem tocando-a do jeito que Angolos tocara. Era um erro. Os nervos todos doíam só de pensar naqueles dedos longos em sua pele.

Angolos lhe causara muita dor.

Quando não estava pensando em como Angolos lhe causava dor, estava pensando em que tipo de pessoa teria sido se jamais o tivesse conhecido. Será que ainda seria tão ingênua e crédula como fora naquele verão?

Este tipo de conjectura não levava a nada, porque ela o conhecera e pronto. E porque em sua mente ardiam os mínimos detalhes daquela ocasião fatídica, o momento em que pôs os olhos em Angolos Constantine, o momento em que sua vida mudou para sempre.

Estava na praia, sentada em uma canga, com um olho no livro que tentava terminar e outro no meio-irmão que brincava com um grupo de garotos mais adiante. A primeira coisa que Georgie viu foram os brilhantes sapatos de couro dele, feitos à mão, e a calça de corte primoroso, calça cara, de bom gosto e *loucamente* imprópria para uma praia.

Georgie tinha que ver quem seria tão idiota de se aventurar em uma praia naqueles trajes! Ela protegeu os olhos do sol com a mão e franziu a testa ao levantar o rosto.

Ah, minha nossa...!

O dono daqueles sapatos tinha pernas muito, muito longas; e o resto dele era bem melhor que a média. Na verdade, para quem gostava de homens magros e musculosos - e qual mulher não gosta, tendo a chance? - ele era quase perfeito.

Alcançou então seu rosto, e seu ímpeto de zombar desapareceu ao se deparar com aqueles olhos cor de âmbar - *olhos que ela jurou amar* - que a deixaram abalada até o dia em que ele disse que queria que ela fosse embora.

- Embora...? - Desconcertada, mas certa de que se tratava de algum mal-entendido, ela perguntou - Por quanto tempo?

- Para sempre - respondeu ele, e saiu.

Mas, naquela primeira tarde de verão, não houve o menor indício da crueldade tranqüila de que ele era capaz. Ficou perplexa demais e era muito inexperiente para disfarçar o que sentiu ao se deparar com aqueles olhos de longos cílios que chegavam a sombrear as pronunciadas maçãs do rosto.

Aqueles olhos profundos, sedutores e aveludados tinham um conhecimento do mundo que ela achou fascinante. Mas, também, Georgie achava tudo nele fascinante, pensou, revoltada. Dos cabelos negros sedosos à sensual curva dos lábios.

Alto e magro, ameaçadoramente cativante, o rosto moreno de Angolos possuía ângulos fortes e uma estrutura óssea maravilhosa, a verdadeira essência da beleza masculina.

- Olá - disse ele, iluminando-a com um sorriso lindo. Tal como sua aparência, a voz com ligeiro sotaque era impossivelmente masculina.

Ela estava com calor, seu rosto grudento, a pele lambuzada do suor que se alojou no vale entre os seios. A jaqueta pendurada casualmente em um ombro era a única concessão que o estranho fazia ao calor, que parecia não lhe afetar.

Ao passar meio que inconscientemente a mão nos cabelos, percebeu que ela estava cheia de areia. Georgie quis desesperadamente parecer tranqüila e dizer algo inteligente, porém só conseguiu dizer um "olá" sem graça. Seu coração batia de tal maneira que ela mal escutou a própria voz.

Ela sabia que o estava encarando, mas não conseguia parar. Simplesmente não conseguia tirar os olhos daquele homem espetacular. Homens daquele tipo não costumam ficar passeando em uma praia cafona freqüentada por famílias apenas... Ela nem mesmo acreditava que homens daqueles existiam fora das páginas de ficção!

Ficar imaginando aquele estranho sem roupa fazia dela uma depravada? Isso jamais lhe acontecera antes! Seria o calor? Não havia lido em algum lugar que o calor tinha efeito na libido? Mas sua libido jamais lhe dera problemas. Na verdade, até ficava pensando às vezes se não tinha libido de menos.

- Não conheço bem a área.

- Percebi.

Ele arqueou a sobrancelha e Georgie foi logo se explicando, corando de vergonha.

- O lugar é pequeno e a gente nota quando aparece alguém que não é daqui. - Só que mesmo no lugar mais glamouroso do mundo ele teria se destacado! Não conseguia imaginar como seria entrar com ele em um quarto e parar de conversar. *Como seria estar com ele?*

Ela abaixou os olhos. *Pare com isso, Georgie!*

- Então você mora aqui?

Ele está falando comigo. Este homem incrível está falando comigo! O que ele disse...?

- Desculpe?

- Você vive aqui? -Sim... não.

As rugas ao redor dos olhos dele se aprofundaram.

- Sim ou não?

Essa não! Ele ia voltar para o planeta de onde viera - sim, porque era lindo demais para ser deste planeta -, rindo do pessoal pouco privilegiado mentalmente do lugar. Ela fez um esforço supremo para dar uma de inteligente.

- Nós passamos as férias de verão aqui. Meu... - Georgie abaixou os olhos, como quem reprime o constrangedor impulso de contar a história de sua vida. Apesar de sua vida poder ser resumida em um parágrafo, as pálpebras daqueles olhos estupendos dele começariam a cair de tédio antes que ela terminasse.

Uma coisa digna de nota acontecera em sua vida e ela nem lembrava! Ela era bebê quando a mãe fugiu com um garçom grego. Desde então, o pai se recusava a viajar ao exterior. Daí, aquela casa para onde viajavam todos os verões que ela conseguia lembrar - primeiro com o pai e a madrastra, e posteriormente com a madrastra e o meio-irmão.

- Mas você conhece bem a região? Sabe os lugares aonde se vai?

- Lugares aonde se vai... - Desfez a expressão intrigada. - Acho que sei. - Estava feliz da vida de poder ser útil àquele homem incrível. - Bem, na verdade, depende - disse ela seriamente.

- De quê?

- Se você tem problema com altura.

- Não tenho.

- Eu tenho - admitiu ela, tristonha. - Dizem que o caminho até o pontal pela reserva é legal. Mas, se você preferir algo mais calmo, a trilha pelo pântano é bem traçada e há esconderijos onde se pode... Tem interesse por pássaros? A área atrai muitas pessoas com binóculos para observá-los. Não é o período de reprodução, mas...

- Não sou observador de pássaros. Prefiro me dedicar a coisas mais... ativas.

Depois que ele disse isso, Georgie não teve problema em vê-lo se adequar no clichê do sujeito incauto que gostava de esportes radicais... Daqueles que, muito provavelmente, terminavam em ferimentos ou coisa pior.

Só de pensar em vê-lo quebrar aquele pescoço lindo, ela acabou dando com a língua nos dentes.

- Você devia tomar cuidado.

- No momento, estou sob recomendações expressas de relaxar. - Ele sorriu de leve. - E de repente - disse ele em tom confidencial que deixou Georgie arrepiada - a idéia não me parece mais tão má.

Será que ele estava flertando com ela...? Georgie descartou a idéia antes mesmo de formá-la.

- Estava pensando na vida noturna...

- Vida noturna? - repetiu ela. Distraída pela visão dos pêlos negros que apareciam debaixo do tecido branco e fino da camisa, teve dificuldade em se concentrar no que ele dizia.

- Sim, boates, essas coisas.

- Boates? - repetiu ela, como se ele estivesse falando alguma língua estrangeira. - Aqui?

Seus lábios belamente desenhados se contorceram de estranheza.

- Nada de boates? - perguntou Angolos, e ela fez que não com a cabeça. - E restaurantes...?

Georgie arregalou os olhos mais ainda.

- Acho que você está no lugar errado. Tem uma casa de chá perto do correio. Eles têm um chá com creme delicioso, e também tem um restaurante de comida caseira, mas... Está rindo de mim?

- Você é adorável!

Apesar de saber que ele provavelmente quis dizer adorável no sentido de gracinha, fofinha, algo assim, ela não conseguiu parar de sorrir.

- E esta parece a primeira vez que eu dou risada em muito tempo.

Georgie estava pensando nesta frase enigmática, quando uma bola de futebol caiu em seu colo, enchendo-a de areia. Então, veio o som de risadas quando ela se esparramou na areia.

- Jack Kemp! - gritou ela, cuspidando areia, enquanto o meio-irmão se aproximava. Georgie lutou para se pôr de pé e olhou para a figura cheia de culpa.

- O que deu em você? - perguntou o sardento garoto doze anos. - Não foi com força - continuou, zombando.

Ela jogou a bola de volta, avisando que era melhor ele tomar cuidado.

- E só mais cinco minutos - acrescentou, olhando para o relógio. - Prometi cuidar do jantar hoje.

- Certo... certo, Georgie - respondeu Jack antes de sair rolando pela areia.

- Georgie?

- Georgette - disse ela, um pouco sem graça. - Minha família me chama de Georgie. Este é meu meio-irmão - explicou, referindo-se ao menino que corria.

Ela se virou ao falar e viu que ele não estava olhando para o menino e, sim, para ela. Havia uma sensualidade no exame minucioso daqueles olhos sombrios que a deixava arrepiada, e seus mamilos não estavam nada discretos debaixo do tecido elástico da parte de cima do biquíni.

Ela olhou ao redor, corada de vergonha, procurando a camiseta que tinha tirado. Achou-a embolada debaixo do protetor solar e pegou apressadamente.

- Vou chamá-la de Georgette - decidiu ele.

Ela jamais o veria de novo, mas, no que dependesse de Georgie, aquele homem podia chamá-la como quisesse.

CAPÍTULO DOIS

- Quantos anos você tem, Georgette?

Georgie considerou brevemente a idéia de se sair com algo como "tenho idade suficiente", mas sabia que não conseguiria. Além disso, seria um vexame se ele caísse na risada.

- Vinte e um - respondeu ela.

- Você gostaria de jantar comigo hoje? - perguntou Angolos sem perder tempo.

Ela o olhou com olhos perplexos.

- Eu... Você...?

- A idéia é essa.

Georgie engoliu em seco, passou a língua nos lábios salgados e olhou para ele com desconfiança.

- Não está falando sério. - Ela tentou rir, mas não conseguiu.

- Por que não estaria? - Ela balançou a cabeça e corou ao sentir o tom irônico dele.

- Você é a mulher mais atraente desta praia.

- Sou a única com menos de 60 anos sem marido e filhos, portanto não vou me entusiasmar com seu elogio.

A quem ela queria enganar? Por toda a vida, como uma garota normal, com um enorme mundo interior escondido. Mas será que alguém se daria ao trabalho de procurar saber? Agora, totalmente do nada, aparecia este homem incrível que a via como uma mulher desejável!

Se entusiasmar...? Ela estava nas nuvens!

Tentou fazer uma expressão divertida, mas falhou miseravelmente ao ver aqueles cílios de ébano. *Flame-jantes* era o termo para definir aqueles olhos esfumaçados que a fitavam.

- Nem sei seu nome - protestou Georgie.

O sorriso dele era seguro, com o toque de arrogância que vinha naturalmente de alguém como ele. *E por que não seria*, meditou ela quatro anos depois. Angolos Constantine estava acostumado a conseguir o que queria. Um pouquinho de

complacência era compreensível, considerando-se que mal ele havia alcançado a puberdade e as mulheres já se jogavam aos seus pés!

- Não é nenhuma barreira insuportável, e eu já sei seu nome, *Georgette*. - Ele disse seu nome de um jeito quase palpável, que a fez sentir um arrepio na nuca e uma dor indefinível no ventre.

Ela olhou para ele, sonhando. *Era só um jantar.*

- É só um jantar - disse ele, como se lesse seus pensamentos.

O que ela estava fazendo, hesitando? Todas as garotas que conhecia não precisariam ser convidadas duas vezes. Viam o que queriam e corriam atrás. Georgie as admirava, mas, por dentro, ficava pensando se essas garotas não seriam tão inseguras quanto ela própria.

Ao abrir a boca, ela quis dizer sim, mas seu pai não a criara para ser impulsiva. Desde pequena, sempre a educaram para ter cuidado, e seu condicionamento acabou falando mais alto no último instante.

- Obrigada, mas não posso. - Ele era um estranho. Podia ser um maníaco, ou, até mesmo, um maníaco *casado*. Ela fez que não com a cabeça; estava além de seu alcance e sabia disso. - Obrigada, mas acho que não posso. Meu namorado não iria gostar.

Em outras circunstâncias, a expressão de frustração e confusão no rosto dele seria risível.

Ela não estava com vontade de rir; nem mesmo de sorrir. Estava em dúvida se tinha mesmo feito "a coisa certa".

Angolos arqueou as sobrancelhas negras.

- Está se recusando?

Georgie percebeu que ele estava de fato pasmo. Não estava acostumado a ouvir *não*. Ela fez que sim. Desta vez, ele falou com um toque de irritação.

- Como quiser.

A irritação dele a fez se sentir ligeiramente melhor. Sua natureza normal, aquela que tinha quando não estava transformada em uma devassa descerebrada por causa da aura sexual que irradiava daquele homem, voltou ao comando. Por que ele achara que ela era uma presa fácil? Podia ter sido um tantinho *óbvia* em sua atração por ele, mas uma garota podia olhar sem querer tocar, não podia?

Ela deu um sorriso que era, em parte, de desculpas. Não estava tentando puxar briga em nome da igualdade de direitos entre homens e mulheres. - mulheres melhores e mais corajosas já haviam feito isto -, tudo o que ela queria era dar o fora de lá sem ficar parecendo mais idiota ainda!

Ciente que seus atos eram acompanhados pelos olhos dele, ela pôs de modo desajeitado suas coisas na bolsa de lona.

- Jack! - chamou ela enquanto fechava o zíper da bolsa, dando um suspiro de alívio.

- Esqueceu isto aqui.

Georgie se virou e viu que ele estava segurando o protetor solar.

Ela esticou a mão.

- Obrigada. - O contato entre os dedos durou menos que o tempo de uma batida de coração, mas foi o bastante para ela sentir uma onda elétrica por todo o corpo. Os olhos arregalados e assustados dela se depararam momentaneamente com os dele e Georgie percebeu, sem precisar dizer nenhuma palavra, que ele sabia exatamente o que ela estava sentindo.

Bem, ao menos alguém sabia!

Sem esperar para ver se seu irritante irmão a estava acompanhando, Georgie tropeçou e correu pela areia até a faixa litorânea coberta por pedrinhas, o tempo todo lutando contra o insano impulso de voltar.

Um grito infantil puxou Georgie de volta ao presente. Ela fez sons de admiração ao ver o filho orgulhosamente lhe mostrar as pedrinhas que ele empilhara no terraço.

Ela lembrava de fazer a mesma coisa quando era criança, continuidade era importante. Estava longe de ter passado por grandes provas quando criança, mas havia um vazio; perguntas que continuavam sem resposta porque sua mãe não estava lá para responder. E agora Nicky tinha um pai ausente... A história se repetia!

Ela empinou o queixo. Rejeição não era coisa hereditária, era falta de sorte, e se Georgie tinha algo a ver com isto, Nicky saberia julgar a mãe melhor do que ela mesma.

Era estranho... Ela havia mudado tanto que não dava mais para reconhecer nela a menina correndo na praia naquele dia, mas a casa da praia e a cidade não haviam mudado nada. Era como se o lugar tivesse entrado numa cápsula do tempo.

A cidade continuava audaciosamente cafona. Não havia nenhum restaurante estiloso de frutos do mar, nem grandes ondas para atrair os surfistas, mas, apesar de tudo, Georgie tinha uma queda pelo lugar. Ela esfregou as mãos cheias de areia nos bolsos traseiros da bermuda e aceitou a concha que Nicky estava lhe dando com toda a pompa.

Era a primeira vez que ela voltava lá desde aquele verão fatídico. Em parte, viera para enterrar os fantasmas do passado, porém, em termos mais práticos, não havia como ela bancar as férias com Nicky de outra maneira.

Respirou fundo, curtindo o ar salgado. *As memórias tomam conta da gente sem que a gente perceba*, refletiu ela. As coisas mais inesperadas podem desencadeá-las: um cheiro... uma textura. Como antes, num segundo estava tentando tirar a areia dos pés antes de calçar as sandálias, e no outro... *zap*.

Foi incrivelmente vivido.

De repente, ela estava com o pé no colo de Angolos, com a cabeça abaixada, os olhos azul-escuros cintilando ao sol enquanto ele tirava a areia do seu pé. O toque de seus dedos a fez sentir pequenos arrepios pelo corpo todo. Ainda de olhos fixos nos dela, ele levantou o pé dela até sua boca e chupou um dedo.

Georgie apertou a areia com a mão, contorcendo o corpo.

- Você não pode fazer isso! - gritou ela, quase engasgando. Tirou o pé da mão dele, levando os joelhos até o queixo.

- Por quê? - perguntou ele com uma expressão estranha nos lábios.

- Porque assim você me mata - confessou, abalada.

O jeito que ele olhava para ela, aquele brilho predatório de desejo, aquilo a derretia por dentro.

- Você não vai ter que esperar muito tempo, *yineka mou*. Amanhã, seremos marido e mulher.

De volta ao presente, Georgie abriu seus punhos cerrados. Estava com as palmas das mãos suadas. Ela suspirou e esfregou as mãos na parte de trás da bermuda. Será que um dia ela seria capaz de pensar no marido sem ter um ataque de nervos?

- Eles mal conseguiam tirar as mãos um do outro.

Os detalhes lascivos... Disto, ela realmente *não* precisava mesmo.

- Não sou puritana - prosseguiu a mulher mais velha -, mas francamente... ela não conseguia tirar as mãos dele...

Por mais mortificante que fosse o comentário da avó, Georgie não era dada a ficar se iludindo, portanto tinha de reconhecer que o que ela disse era verdadeiro.

Sempre com o leve desdém pelos relacionamentos amorosos das meninas de sua geração, que ela considerava confusos e muitas vezes dolorosos, Georgie nunca esteve preparada para as emoções primitivas que Angolos despertava nela. Ela ficou totalmente mesmerizada por ele.

- Meu filho e eu discordamos na maioria das coisas, mas, naquela ocasião, nós pensamos a mesma coisa. Robert disse a ela: "Durma com esse homem, se quiser, até *more* com ele, mas *casar*... É *insanidade*".

- Mas uma insanidade pela qual todas nós passamos, Ann - foi a lúgubre resposta.

Georgie ficou imaginando as duas senhoras vivendo a luxúria cega e insana que ela sentira por Angolos.

- A menina colheu as conseqüências de sua estupidez.

O desdém na voz da avó fez o rosto bronzeado de Georgie ficar mais vermelho ainda, de vergonha. Ela havia cometido um grande erro e estava pronta para reconhecer isto, mas, às vezes, pensava que, se dependesse de sua família, teria de ficar se culpando por aquilo até os oitenta anos!

- Ela era muito nova.

- Nova e achava que sabia de tudo.

- Os jovens são assim mesmo. Ele... o homem da revista... parecia mais velho?

- Trinta e dois ou algo assim, acho, na época. Você tem que entender que Georgie era muito ingênua para a idade dela, enquanto ele esbanjava experiência. Uma tentação em carne em osso, claro. Não me admira que ela tenha se apaixonado por ele.

Aquele reconhecimento impressionou Georgie. A avó jamais demonstrara solidariedade na frente dela. -Você acha que ele se aproveitou...?

- Bem, o que você acha? Um homem com um casamento fracassado nas costas... E grego.

Pelo tom de sua avó, era difícil dizer qual erro ela considerava mais difícil de perdoar: ser separado ou ser grego.

- Na hora em que bati os olhos nele, vi que não era de confiança. Eu disse a ela, nós *todos* dissemos a ela, e ela ouviu? Nada, ela o *amava*.

- Mesmo assim, você devia ter orgulho do modo como ela reconstruiu a vida e do menino lindo que ela tem.

- Um menino que nunca viu o pai,

- *Nunca?* Tem certeza...?

- Recusa-se categoricamente. Angolos Constantine deixou claro que não quer nada com a criança. Nem ele, nem ninguém de sua família maravilhosa, jamais se aproximou... Se quer saber, eu acho uma bênção que fiquem longe.

Era tolice, porém, mesmo depois deste tempo todo, a verdade ainda doía. O nó de dor e raiva no peito de Georgie apertava ainda mais quando ela olhava para a pequena figura que cruzava o gramado em direção a ela.

Seu rostinho adorável era uma máscara de concentração ao carregar um pequeno balde cheio de pedrinhas. O olhar carinhoso dela o seguiu enquanto ele depositara cuidadosamente o baldinho no chão, ajoelhava-se com as pernas gordinhas e começava a cavar a terra macia.

O amor que sentia pelo filho, amor que sentira desde o primeiro momento em que o segurou nos braços, pulsou em seu peito. Georgie imaginou que aquele momento mágico pudesse ser compartilhado com Angolos. , Como estava errada!

Ela deu à luz sozinha. Não teve marido para segurar sua mão nem ajudá-la a passar por aquela dor, não havia ninguém para ela compartilhar a magia daquele momento.

Angolos já não a amava mais... Ou será que, na verdade, jamais amara?

Mas por que a dúvida agora, Georgie? Afinal, homem nenhum podia tratar alguém por quem já sentira alguma coisa do jeito que ele a tratara.

Ela aceitou aquilo.

Claro que aceitou!

Mas como Angolos era capaz de rejeitar o filho que fizeram juntos? Nicky era perfeito... Como alguém poderia não querê-lo? Como um pai era capaz de *não* amar o próprio filho?

- Ainda bem que a família dela estava aqui para segurar as pontas.

A observação da avó foi perfeitamente audível, porém Georgie teve de se esforçar para ouvir a resposta da outra mulher. Este era o problema de ficar escutando atrás da porta: depois que se começara, era difícil parar.

- Que triste! Como um homem pode não querer ver o filho?

- Eu pergunto o mesmo. Só sei que ele não deu um centavo a ela e Georgie é cabeça-dura demais para lutar pelo que é dela por direito. Eu disse que ela devia entrar com o divórcio e exigir cada centavo que pudesse. Não houve acordo pré-nupcial. Meu medo é que Georgie tenha puxado à mãe, que não tem um pinga de senso prático.

Georgie ficou pensando no que a avó acharia se soubesse que Angolos comparecia com dinheiro todos os meses, mas que o dinheiro permanecia intocado.

A esta altura, já tinha bastante dinheiro na conta.

- Mamãe... - A vizinha cansada fez Georgie perceber o perigo de Nicky ouvir aquela conversa.

- Estou com sede. - A figura diminuta, com baldinho e pá na mão, puxou a perna da bermuda dela.

Georgie se abaixou para ficar na altura do menino, sorrindo, e afastou uma mecha cacheada e brilhante do cabelo, que lhe caía sobre o rosto. Jamais poderia esquecer do rosto de Angolos, pois o via em miniatura todos os dias.

- Também estou, querido - disse ela, falando alto para anunciar sua presença às duas senhoras. - Vamos ver se a vovó também quer uma limonada?

CAPÍTULO TRÊS

A realeza compareceu a um espetáculo de caridade e a mídia estava toda lá para cobrir o evento. No tapete vermelho, a estrela de uma novela estava ocupada em negar para as câmeras de tevê os boatos de que iria se casar com seu par na trama.

A entrada estava amontoadada de outras caras, todas exibindo seus melhores sorrisos e roupas de grife. Apesar de a maioria dos homens presentes vestir basicamente os mesmos ternos escuros e formais, Paul não teve dificuldade em achar a pessoa que procurava.

Angolos Constantine se destacava na multidão. Não só por causa da altura e do visual. Ele tinha aquela qualidade rara chamada *presença*.

- Angolos...? - chamou ele, aliviado.

A figura alta, que tinha por companhia uma morena elegante repleta de jóias, virou-se ao ouvir seu nome. Um sorriso se espalhou por seu rosto ao identificar de onde vinha.

- Paul! - exclamou ele, tirando o braço da acompanhante e se aproximando com a mão estendida. - Não sabia que era fã de ópera.

- Não sou... e, mesmo que fosse, não seria o motivo de eu estar aqui - admitiu com franqueza. - Só vim até aqui para dizer a eles que sou seu médico particular.

O entalhe do forte nariz aristocrático de Angolos ficou mais pronunciado.

- Muito bem pensado da sua parte. - Ele virou a cabeça levemente para os lados, procurando alguém. - E onde está a adorável Miranda?

Paul Radcliff balançou a cabeça e olhou para o rosto do amigo que conhecia desde os tempos de universidade.

- Mirrie não veio.

- Pensei que vocês viessem juntos.

- A pressão dela estava um pouco alta... Nada sério. Angolos bateu com a mão na testa.

- Esqueci! - admitiu com um sorriso de autocensura! - Quando chega meu afilhado?

- Já chegou na semana passada.

Angolos arqueou as sobrancelhas.

- Agora a coisa ficou séria.

- Você está com ótima aparência, Angolos.

Ele sentiu que a frase soou incompleta. Ninguém que olhasse para sua figura esguia e saudável diria agora que poucos anos antes seu futuro era incerto. Paul era uma das poucas pessoas que sabiam disso, e ele mesmo mal conseguia acreditar!

- Sempre o médico, Paul - provocou ele, arqueando uma sobrancelha.

- E amigo, espero. - Foi por causa desta amizade que, após muito considerar, ele acabou vindo. Por isto e por causa da insistência da esposa.

- O homem tem direito de saber, Paul - insistiu ela. Ele estava inclinado a deixar a coisa como estava, mas esposas em estado avançado de gravidez precisam de tratamento especial. Miranda insistiu que ele tinha de falar com Angolos sem demora e que aquele era o tipo de coisa que não se fala por telefone.

Então ali estava ele, desejando não estar.

As feições duras do moreno grego se suavizaram com um sorriso devastador.

- E amigo - concordou Paul. - Então, qual o problema, Paul?

- Nenhum *problema*, exatamente - respondeu com desconforto.

Angolos não se deu ao trabalho de disfarçar que não acreditava naquilo.

- Não venha com essa. Tem de haver algo muito sério para você ter deixado Miranda sozinha numa hora dessas.

Aquele era Angolos, racional até o último fio de cabelo, a não ser quando se tratava de sua esposa. No que dizia respeito a Georgie, ele ficava bastante... grego... e imprevisível, refletiu o inglês.

- Ela... Mirrie foi quem me fez vir - admitiu Paul. Angolos balançou a cabeça.

- Que bom que ela fez isso. Eu ficaria ofendido se você não viesse me procurar quando está com problemas. Espere um segundo e já estarei com você.

- *Meu...* problema...? Mas *eu* não tenho... - Paul parou e observou com uma expressão cômica de incredulidade enquanto o amigo trocava palavras com a morena, que não pareceu nada feliz com o que escutou. Segundos depois, Angolos estava ao seu lado de novo.

- Vamos sair daqui - sugeriu Angolos. - Tem um bar ali na esquina. Podemos conversar.

A primeira coisa que Paul pensou em dizer quando pediram as bebidas foi:

- Deixe-me esclarecer uma coisa. Não estou aqui para lhe pedir dinheiro emprestado, Angolos.

- Eu sei muito bem que nem todos os problemas se resolvem com dinheiro, Paul. - Seu olhar grave deixou o outro homem desconfortável. - Mas, se o seu problema puder

ser resolvido com dinheiro, eu vou resolvê-lo, queira você ou não. - Então ele sorriu calorosamente. - Meu amigo, se não fosse por você, eu nem estaria aqui.

- Besteira!

O evidente desconforto de Paul fez Angolos sorrir com dentes muito brancos, contrastando com o rosto moreno.

- Sua modéstia britânica chega a ser engraçada, Paul -observou ele secamente. Apoiou os cotovelos na mesa e se aproximou do outro com expressão atenta. - Então, qual é o problema?

- Eu não diria que é um problema... É só que o doutor Monroe se aposentou e seus pacientes foram repassados a nós... - Paul respirou fundo ao ver a testa franzida de Angolos e prosseguiu rapidamente. - Ontem, meu sócio foi chamado para uma emergência e eu vi o nome dos novos pacientes. - Engoliu em seco. - Georgie... sua Georgie está entre eles.

A expressão de Angolos permaneceu a mesma, mas seu jeito de pegar a bebida e levar aos lábios pareceu estranho. Quando pôs a bebida na mesa de novo, ele olhou nos olhos do outro.

- Ela está doente?

- Não, não!

Os ombros de Angolos relaxaram quase imperceptivelmente.

Angolos reconheceu por dentro que aquilo era algo perverso, mas considerando que três anos e meio atrás ele havia amaldiçoado a esposa infiel com todas as suas forças, a possibilidade de ela estar doente agora talvez tivesse despertado algum instinto primitivo de vingança.

- Na verdade, ela pareceu estar muito bem... um pouquinho magra, talvez - comentou Paul. - Ela sempre teve bons ossos.

- Não tenho o menor interesse em saber da parte estética dela. - O maxilar de Angolos enrijeceu enquanto o outro homem olhou para ele com ceticismo. - E não me lembro de você me dizer que Georgie tinha bons ossos quando veio me falar que casar com ela seria o maior erro de minha vida...

- Ah, bem, eu temia que você estivesse...

- Maluco? Pois no final você estava certo mesmo. - Ele se aproximou mais um pouco. - Ela pediu para você interceder? Pensei que você tivesse mais juízo e não fosse se deixar levar por...

O doutor pareceu indignado.

- Na verdade, parceiro, tenho a séria impressão que você é a última pessoa com quem ela gostaria de entrar em contato - revelou com toda a franqueza.

- Realmente!

- Georgie ficou bastante chocada ao me ver. Na verdade - admitiu ele -, achei que ela fosse sair correndo do consultório. E, quando eu toquei no seu nome, ela pareceu...

- Ele parou. Não havia palavras para descrever a expressão nos olhos daquela jovem mãe. - Não pareceu muito contente - completou Paul.

Angolos se recostou à cadeira, abriu um botão da jaqueta e cruzou os braços.

- Mesmo assim, aqui está você.

- Sim. E é duro. Mirrie é bem melhor neste tipo de coisa do que eu.

Neste ponto, se a conversa fosse com outra pessoa, Angolos já teria mandado a pessoa passear, mas, como era Paul, ele controlou a impaciência.

- A questão, Angolos, é que ela trouxe o garoto. - A expressão de Angolos não estava nada encorajadora, mas Paul persistiu. - Você já viu...?

- Não, nunca vi o garoto - respondeu Angolos glacialmente.

- É um menino ótimo, e nada mimado. Georgie tem feito um bom trabalho, mas, pelo que percebi, ela está sem dinheiro.

Os lábios de Angolos se retorceram em uma expressão de revolta.

- Então é isso, ela está bancando a pobrezinha. Eu deposito uma quantia mais do que suficiente todo mês para as necessidades da criança. Se Georgette ficou gananciosa e se por um acaso tem esperança de conseguir mais dinheiro de mim, pode esquecer. Ela já me fez de bobo uma vez...

- Ela sinceramente não tocou no assunto "dinheiro". Angolos, se ela quisesse arrancar dinheiro de você... Você viu quanto aquele roqueiro que negou a paternidade de uma criança teve que pagar à mãe depois do exame de DNA?

- Pois o DNA a impediria de continuar fazendo a criança passar por minha. Se ela está tão desesperada, devia vender sua história para algum tablóide sensacionalista. - Suas narinas inflaram e ele tamborilou os dedos na mesa. - Seria bem o estilo dela.

- Será que ela já não teria feito isso, se quisesse? E, se quisesse dinheiro, posso imaginar que o divórcio teria um acordo financeiro bem vantajoso para ela.

- Só por cima de meu cadáver.

- Sinto que você diga isto. De verdade.

- Esperava que não chegasse a esse ponto - replicou Angolos. - Por acaso estamos dando voltas?

- Sim, bem, na verdade é... a questão do DNA...

- Que questão do DNA?

- Tem certeza que o teste daria *negativo*!

- Certeza...? - Angolos olhou para o amigo com incredulidade. - Logo você me faz uma pergunta destas? A quimioterapia salvou minha vida, mas me deixou estéril. Minha única chance de ser pai está armazenada em algum lugar a não sei quantos graus abaixo de zero.

- Falta de sorte - disse Paul, bastante consciente da iminente paternidade do amigo.

- *Falta de sorte?* - Angolos deu um risinho de canto de boca. - Sim, suponho que tenha sido falta de sorte. Contudo, considerando que, sem o tratamento, e mais importante, sem seu diagnóstico precoce, eu não estaria aqui, posso me considerar sortudo, sim.

- Mas não é uma situação fácil.

- *Intelectualmente*, na verdade. Não tenho problema com a situação, mas, de alguma forma, não importa quantas vezes eu diga a mim mesmo que a masculinidade de um homem não está na contagem de espermatozóides, ainda sinto... - Deu um risinho sardônico e olhou nos olhos de Paul. - Quem sabe Georgette não estava certa e eu não passo de um machista irrecuperável...

- Há dúvidas quanto a isso?

A resposta fez Angolos dar um sorriso amargo.

- Por isso você nunca contou a ela sobre a quimioterapia e o câncer? Estava com medo que ela... - Paul deu um sorriso constrangido. - Desculpe, eu não devia...

- Se eu estava com medo que ela me achasse menos homem, é isso? O que você acha, Paul?

- Acho que, se eu soubesse o que se passava em sua mente, eu seria o único - respondeu o amigo com franqueza. - Sabe, quando se trata de responder a perguntas,

você é mais escorregadio que um político. Se quer minha opinião, você estava errado. Sei que Georgie era jovem, mas ela sempre me pareceu bastante madura...

- Madura o bastante para me trair e tentar fazer o produto de suas aventuras amorosas se passar por meu filho.

Paul fechou a cara.

- Bem, quanto a isto, Angolos..

- Vai querer discutir a infidelidade de minha esposa?

- Claro que não.

- Se descobriu quem era o amante dela... - No final, ela acabou se recusando a reconhecer sua culpa e a dizer o nome do amante. Apesar de Angolos saber quem era.
- Saiba que não estou mais interessado.

- Quem sabe não havia amante nenhum?

As sobrancelhas escuras de Angolos se contorceram quando ele deu um sorriso revoltado.

- Amante nenhum...? O que está querendo dizer? Que ela ficou grávida do Divino Espírito Santo?

Paul levantou a mão.

- Angolos, me escute. Sei que este tipo de quimioterapia à qual você se submeteu normalmente causa infertilidade, mas há exceções... Você não fez nenhum teste...

- Não, como também não passei pela orientação psicológica, que, pelo jeito, queria me fazer ficar contente por ser menos homem.

- Sim, você na época deixou bem claro o que achava da orientação psicológica.

- Não se pode alterar o que acontece, apenas aceitar.

- Terrivelmente fatalista.

- Nós, gregos, somos fatalistas.

- Você é a pessoa menos fatalista que já conhecia na vida. E, às vezes, conversar ajuda... Mas não vim aqui para discutir os benefícios de conversar para desabafar.

- Você vai me dizer o que tem para dizer ou não vai?

- O garoto é seu.

O rosto de Angolos foi tomado por um espasmo de raiva. Paul observou, alarmado, o amigo respirar fundo várias vezes e dizer, com voz bastante controlada:

- Até você, Paul?

- Você vai querer acabar comigo, eu sei, mas tenho de dizer mesmo assim. O garoto, Angolos, é você sem tirar nem pôr. E não estou dizendo que ele é parecido, ele é sua *réplica* em miniatura. Não há qualquer sombra de dúvida: Nicky é seu filho.

- Isso é alguma piada, Paul?

- Tenho um senso de humor negro, Angolos, mas não sou cruel. Se não acredita em mim, sugiro que confira por si mesmo.

- Não vou embarcar nesta fantasia.

- Eles estão na casa de praia.

- Não tenho intenção de ir a lugar nenhum atrás dessa mulher.

- Bem, isto é contigo, mas se eu fosse você...

Os olhos de Angolos cintilaram.

- Mas não é. Você tem uma esposa à sua espera em casa, você vai segurar seu filho nos braços logo... - Ele viu o choque no rosto do amigo, e pior ainda, a compaixão que apareceu em sua expressão. - A verdade, Paul - acrescentou Angolos em tom mais moderado -, é que eu o invejo. Nunca menospreze o que você tem.

CAPÍTULO QUATRO

As pessoas que tomavam seus chás com creme na varanda ao ar livre do hotel observaram quando o moreno alto saiu do Mercedes conversível e ajustou no rosto os óculos escuros de marca. Cochichos de especulação tomaram conta do recinto.

Quem era o estranho? Havia um consenso de que ele parecia ser *alguém*.

Era exatamente como ele se lembrava, pensou Angolos ao ver a praia. O progresso e o século XXI ainda não haviam chegado lá.

A despeito do fato do sol ter se escondido detrás de nuvens negras, ainda havia alguns corajosos com pouca roupa na areia. Alguns estavam até na água, a qual, se não lhe falhava a memória, era de congelar qualquer um, principalmente quem era acostumado ao calor do Mar Egeu.

Angolos não tinha um plano de ação definido. Ele sabia que Paul estava errado: fizera aquela viagem só para acabar com qualquer dúvida remanescente. Afinal, os rostos ainda não totalmente formados de quaisquer garotos de olhos azuis e cabelos escuros podiam ser bem semelhantes.

Dizer que a semelhança era impressionante provaria pouca coisa. Francamente, a postura pouco científica de Paul o surpreendera.

Paul tinha de estar errado.

Então o que está fazendo aqui?

Porque, ele admitiu para sua voz interior, se eu não conhecer esta criança pessoalmente, nunca poderei ter certeza. A dúvida, ou quem sabe esperança, ficaria martelando para sempre. Claro que aquilo era irracional. Ele sabia se tivesse um filho. Apenas não era possível.

Ele foi até uma parte da orla que fora recentemente calçada. Havia placas avisando que não se podia jogar lixo, trazer cachorros nem andar de skate... e funcionava, pois ele tinha o espaço basicamente para si mesmo. Dava para ver a torre da igreja ao longe. Sabia que bastava seguir naquela direção para chegar aonde queria.

Apesar de que, nestas circunstâncias, *querer* não fosse bem o termo.

Um dos caminhos para chegar à casa de veraneio dos Kemp era uma travessa arborizada que começava perto do cemitério da igreja. Uma rota mais direta era pela praia, pois o portão da casa dava direto para as dunas.

Angolos escolheu o caminho mais direto. Quanto mais cedo acabasse essa tolice, melhor. Ele não tinha tempo a perder.

Não era homem de viver no passado, porém, sob as circunstâncias atuais, era difícil evitar que seus pensamentos voltassem à ocasião em que caminhou pela primeira vez por aquele pedaço de terra.

Ele estava eufórico após receber alta do hospital naquela manhã. Primeiro pensou em pegar o carro e ir até a costa encontrar o amigo a quem devia a vida e contar as boas novas. Se Paul não tivesse desconfiado de seus primeiros sintomas e o convencido a fazer um exame de sangue que acabou revelando o problema, sem dúvida Angolos não estaria mais ali.

Mas seus planos foram frustrados. Paul e a esposa, Miranda, não estavam em casa. Dirigindo pela orla de volta para a capital, Angolos estacionou o carro por impulso.

O cheiro de maresia encheu suas narinas; o sol aqueceu seu rosto. Ele se sentiu vivo... Estava vivo!

Nada como uma trombada com a morte para fazer um homem apreciar coisas que normalmente passariam despercebidas. Mas, mesmo que ele não estivesse com os sentidos superaguçados, não haveria como deixar de reparar nela.

Porque uma certa menina linda lhe atraía a atenção em um mundo cheio de meninas lindas, *isso* era um mistério.

Talvez fosse o fato de ter se recusado a aceitar seu convite impulsivo de sair para jantar que fez aquela menina inglesa de cabelos cor de mel e olhos dourados permanecer em sua mente o resto do dia.

Talvez tenha sido por coincidência que ele voltou àquela praia quando a noite já caía, mas, para Angolos, era coisa do destino.

E o destino nem sempre era gentil.

Quando tentou pela segunda vez, Paul e Mirrie estavam em casa. Abriram uma garrafa de champanha para comemorar e insistiram que ele pernoitasse por lá. Ele tinha que relaxar: acabara de nascer de novo e estava entre amigos, mas Angolos sentiu-se estranhamente inquieto.

A noite estava abafada e os trovões ao longe prometiam chuva. Quando ele anunciou a intenção de dar uma caminhada na praia, seus compreensivos anfitriões disseram que tudo bem e lhe deram uma chave para entrar depois.

Caminhando pela orla cheia de seixos, Angolos não percebeu de imediato que havia alguém em apuros em meio às ondas. Achou que a pessoa devia estar de brincadeira ou bêbada e não deu ouvidos aos gritos.

Quando percebeu o que estava acontecendo realmente, reagiu instintivamente. No piloto automático, arrancou o casaco e saiu correndo pela praia, e só parou para tirar os sapatos antes de entrar na água.

Exímio nadador, percorreu os cento e poucos metros com agilidade, apesar das roupas pesadas. Apesar de nitidamente exausta, a mulher que estava se afogando entrou em desespero ao vê-lo e o puxou para baixo, agarrando seu pescoço. Ela grudou nele, que logo sentiu que aquele corpo era de mulher, e Angolos, que já estava sem fôlego, só conseguiu dominá-la após alguns preocupantes segundos.

Ainda bem que ela aparentemente estava cansada demais para resistir e ficou passiva enquanto ele a levava de volta para a praia, usando o restinho de forças que lhe restavam.

O alívio ao chegar com ela na praia foi intenso.

Só quando a deitou na areia, tossindo, foi reconhecê-la.

Algo estalou dentro de sua cabeça. Ficou com uma raiva terrível de ver que uma menina daquelas, com tanto tempo pela frente, tivesse tão pouco cuidado com a vida, e ele sabia que a vida era uma coisa frágil e preciosa.

Sentiu uma onda de raiva que lhe borrou a visão e deixou as mãos trêmulas. Não se lembrava de ter sentido tanta raiva na vida; nem mesmo quando os médicos lhe comunicaram seu diagnóstico. Naquela ocasião, ele teve de controlar os sentimentos, mas agora não. Estava queimando de raiva.

Ajoelhou-se ao lado dela e pegou seu rosto nas mãos, afastando as mechas de cabelo que mais pareciam algas exóticas.

Ele sentiu a pulsação em sua têmpora, com veias azuis saltando. Os seios rijos se empinaram mais quando ele tentou forçar o ar para dentro de seus pulmões asfixiados. O maiô negro estava colado ao corpo jovem e macio como uma adorável segunda pele. Apele, aliás, tinha uma incrível luminescência e estava muito fria.

A imagem dela deitada na areia era tão perfeita que podia ter acontecido no dia anterior. Seu corpo reagiu à memória como se aquela noite tivesse sido quatro anos atrás. Ele estava muito excitado.

- Como você pode ser tão estúpida? - perguntou Angolos, sacudindo-a até que abrisse os olhos.

Georgie piscou os deslumbrantes olhos cor de âmbar, grandes e meio fora de foco. Ela demonstrava estar em estado de choque, mas ele não quis saber.

- Eu não pensei que... eu... quer dizer, estava...

- Queria se matar? - continuou ele, sem dar ouvidos às desculpas frágeis e quase inaudíveis.

- Claro que... não.

- Podia ter afogado nós dois. - Ela arregalou os olhos mais ainda. - Que diabo estava fazendo?

- Nadando.

- Não, você estava se afogando, droga! - Ele notou que o lábio inferior dela tremeu, e cobriu sua boca com a dele.

Mas, mesmo agora, todo este tempo depois, Angolos ainda lembrava do susto dela, do gosto salgado dos lábios macios que se entreabriram docemente e a suavidade de seu corpo frouxo e sem energia. O tremor profundo e silencioso que percorreu seu corpo ficaria para sempre na memória dele.

Conseguiu, enfim, reunir forças para tirar os lábios do dela, quando, na verdade, queria muito mais. O gemidinho que ela soltou quando ele interrompeu o beijo o levou a esquecer por vários e perigosos minutos que aquilo não era boa idéia.

Os dedos tenazes que se enroscaram em seus cabelos molhados se provaram infinitamente mais difíceis do que as ondas que tentaram lhes afogar.

Angolos pegou as mãos dela e as pôs acima da cabeça, só para fazer com que ela parasse de tocá-lo.

- Você não vai querer fazer isso.

- Você é louco - disse ela, trêmula.

- De carteirinha - concordou Angolos. O corpo delgado abaixo do seu estava em chamas. Dava para ele sentir a explosão de calor por debaixo das camadas de roupas molhadas que os separavam.

- Não pare! - O comando rouco destruiu o pouco auto-controle que lhe restava. Ela era como fogo em seus braços, tão suave e macia e mostrando a mesma fome selvagem que trovejava nas veias dele.

Ele não abraçava uma mulher fazia quase um ano, que dirá fazer sexo.

Quando ficou sabendo do diagnóstico, sua vida caiu na maior das confusões. Ele sempre soubera para onde estava indo e como chegaria. Suas únicas restrições eram impostas pelas responsabilidades que faziam parte de seu berço privilegiado.

A concentração e a crença em si mesmo sempre foram suficientes para que ele chegasse onde queria. Fazer-se de coitado nunca fora seu estilo, até ele perder o controle. Alguém estava mudando o rumo da história, e aquilo o deixou furioso.

Ele não havia percebido como estava com raiva até dizer ao médico:

- Diga de uma vez, doutor, este troço pode me matar?

- Sim, senhor Constantine, pode, mas não no que depender de mim.

Uma semana depois, ele acordou ao lado de uma mulher cujo nome nem sabia.

Chamou-a por telefone. Jamais correra da briga antes, mas foi então que ele percebeu o que andava fazendo.

Nunca fora santo, mas sempre fora seletivo, e não era dado a sexo casual. Ele tentou se convencer a parar de sentir pena de si mesmo e parou com aquilo. Claro que depois, quando o tratamento começou a testar os limites de seu corpo, estas escapadas sexuais deixaram de ser uma opção. Ele não tinha forças, menos ainda inclinação.

Aquela noite na praia fora a primeira vez em meses que ele sentiu o sexo pulsar em si... Ter o objeto de sua fantasia nos braços, seminua e implorando para ser beijada, transformou este pulsar numa fome louca e selvagem.

Ele deve ter mantido algum fiapo de sanidade, pois tentou parar e até levantou os braços dela para que parasse de tocá-lo, mas não resistiu e seus dedos se fecharam sobre a curva de um de seus seios pequenos e perfeitos.

O ar começou a vibrar com a tensão sexual que irrompeu entre ambos. Angolos estava imobilizado por uma onda de luxúria. Imaginava-se arrancando o tecido preto do maiô para deixar à mostra aquele botãozinho rosado, ouvindo os gemidos de prazer dela... Não. Na verdade, aquele gemido que ouvira tinha sido real.

- Isso é tão... - Boquiaberto, ele observou os lábios dela se abrirem para soltar um suspiro, os olhos apertados e o corpo se contorcendo.

- Eu quero você.

Ela abriu os olhos marrom-dourados que transmitiam desejo. Os olhos mais lindos que ela já tinha visto.

- Sou sua. - Ela enfiou as mãos dentro de seu short molhado, deslizando os dedos pela pele.

Claro que ele tinha perdido o controle! Qual homem não teria perdido? Ele começou a acariciar o rosto e a cabeça dela com os dedos, tirando os cabelos pesados e molhados de seu lindo pescoço. O som que vibrou em sua garganta quando ela jogou a cabeça para trás pareceu o ronronar de um gato.

Ela abriu os olhos e Angolos traçou o contorno de seus lábios com o dedo.

- Você tem uma boca muito linda - disse ele, com a voz carregada de desejo. - E olhos tão lindos... como os de uma tigresa.

- E você é lindo por inteiro.

Ele se deixou beijá-la e adentrou sua boca com a língua. Angolos sentiu as mãos dela por seu corpo, expondo sua pele ao ar.

Ele pressionou o corpo sobre o dela na areia molhada, ambos estremecendo com o desejo mais louco. O calor sensual trespassava as roupas molhadas dos dois. Ela entrelaçou as pernas as dele e sentiu a rigidez de seu desejo contra o ventre.

Angolos quis se enterrar naquela suavidade. Queria isso mais até do que respirar. Teria feito isto mesmo se a escuridão da noite não tivesse sido iluminada subitamente por um raio de luz irregular.

Ele saiu de cima dela dando um grunhido e ficou deitado lá, arfando, e o raio veio com toda a força. Começou a chover forte, uma chuva fria sobre as peles superaquecidas.

Georgie tocou seu ombro e ele balançou a cabeça.

- Estou fora de controle - admitiu Angolos.

- Eu também. Que bom, não? - Ela suspirou. - Você não precisa se preocupar. Não tenho medo de trovões... Quanto ao namorado... Era mentira. Não tenho namorado nenhum, E não espero...

Ele virou a cabeça.

- Não espera o quê?

- Não espero que esta seja... sabe... a primeira vez...

- *Theos!* Será verdade... - Ele olhou bem para seu rosto e viu tudo. - Santo Deus, é sim.

Logo ele, que se orgulhava tanto de seu controle sobre si mesmo, não podia acreditar no que acabara de fazer. Se não fosse pelo temporal, ele...

Georgie foi tocá-lo e ficou magoada quando ele evitou o contato.

Ele jamais quisera tanto uma mulher em toda a vida.

- Você está bravo comigo...?

Angolos olhou para ela, viu as lágrimas tremendo em seus cílios e soltou um palavrão inaudível entre dentes.

- Não, estou bravo comigo mesmo - respondeu ele e a levantou.

Ela se deixou conduzir passivamente nos braços dele enquanto ele a carregava pelas dunas de areia até chegarem onde ele havia estacionado o carro. O lugar era totalmente deserto. Ele a fez sentar-se no banco do acompanhante.

- Está me seqüestrando? - Não havia alarme em sua voz, apenas lânguida curiosidade.

- Não, estou lhe aquecendo - disse ele, e então ligou o carro e acionou o aquecimento no máximo.

- Talvez seja melhor eu tirar estas peças molhadas...

A única roupa molhada que ela estava usando era um maio preto com zíper na frente.

-Melhor não - respondeu Angolos, tentando não pensar no zíper estrategicamente localizado. *Uma puxada e...*

- Acho que eu não devia ter entrado no carro com um estranho - disse, distraída, enquanto ele pegava um casaco que estava no banco de trás e o colocava sobre os ombros dela.

- Você não entrou, fui eu quem a pôs aqui.

- Isso mesmo. Estou mais aquecida. - Ela se encostou ao banco e soltou um suspiro. - Sabe, acho que não estou agindo normalmente.

Então somos dois.

- Você quase se afogou.

Ela olhou para ele com olhos atentos.

- Você me beijou. - Levou a mão aos lábios macios. - Eu gostei.

Ele não ousou se mexer, e não confiava em si mesmo o bastante para falar algo. A feroz tensão em seu corpo foi tão extrema que os ossos de seu rosto doíam.

- Percebi - disse ele.

Georgie levantou a mão e passou o dedo no rosto dele.

- Não quer fazer de novo?

- Você está em estado de choque.

- Estou diferente, mas não é isso. Acho que você salvou minha vida. Como posso lhe pagar?

Ele segurou o pulso dela e afastou-lhe a mão do rosto.

- Des... desculpe - gaguejou ela. - Não sei o que me deu.

- Digo o mesmo. Onde você mora? Vou levá-la para casa. - E depois disso iria embora.

Ele não ia para a cama com virgens.

CAPÍTULO CINCO

- Pode nos devolver a bola, senhor?

O pedido trouxe Angolos de volta de um passado que ele quase havia conseguido apagar da mente.

Para seu jeito de pensar, não havia nenhuma razão para preservar a memória de um tempo em que ele se deixou humilhar e enganar, a não ser no sentido de ter aprendido uma lição. Nunca mais acreditaria em mulher nenhuma.

Será que Georgette se divertiu de ver que ele não percebeu que ela mantinha um caso? Será que ela e o amante ficaram rindo dele pelas costas enquanto planejavam fazê-lo acreditar que o filho era dele?

Sentiu um pinga cair sobre sua pele bronzeada. Havia começado a chover e ele nem reparou. Assim como também não reparou que estava a poucos metros da casa dos Kemp. Ele então pegou a bola que estava aos seus pés e jogou de volta para os meninos.

- Mandou bem - gritou um deles ao pegar a bola e voltar ao jogo.

Angolos se dirigiu ao portão, que rangeu ao abrir. Houve tempo em que ele achava aquela casa bucólica, mas agora só a considerava... prosaica.

Da família, ele nunca gostara mesmo, e a recíproca era verdadeira. Os pais dela haviam se mostrado uns xenófobos idiotas que ficaram arrasados com a idéia de alguém da família casar com um estrangeiro. Depois, quando Georgette confidenciou

que sua mãe havia fugido com um garçom grego, ele achou que a atitude da família era mais compreensível.

O jardim em nada mudara; a única coisa que não havia lá quatro anos antes era o bando de brinquedos. Os olhos escuros de Angolos foram cativados contra a vontade pelos sinais de criança em casa... O triciclo, os brinquedos de plástico, o baldinho de conchas catadas na praia.

Forçou-se a desviar o olhar em direção à porta. Não havia por que prolongar aquilo.

A porta se abriu antes que ele pudesse se anunciar. A mulher lhe pareceu ter seus cinquenta e poucos anos; tinha os cabelos grisalhos curtos, olhos azuis e um rosto mais interessante que atraente.

Era uma estranha para Angolos.

- Olá, eu sou...

- Santo Deus, você é o pai de Nicky!

Angolos ficou tão surpreso pela conclusão automática que sua reação foi descuidada.

- Não, não sou pai de ninguém - disse, amargo.

- Besteira, é claro que é!

Ele ficou desnorteado com a resposta.

- Não vou discutir isto com a senhora.

A mulher olhou bem para ele e riu, sem se deixar intimidar.

Angolos gostava disso.

Em sua posição, havia gente demais pronta para dizer o que ele queria ouvir. Desde os 22 anos, quando assumira o lugar do pai, todos só faziam concordar com ele. Angolos valorizava gente que olhava nos olhos dele e dizia que ele estava errado.

- Não haveria muito sentido em ficar discutindo, não é?

- É?

- Com toda certeza - respondeu ela. - Se quiser ver Nicky... Bem, é claro que você quer. Posso ser franca?

- Tenho opção? - perguntou Angolos.

O tom seco fez a mulher dar um breve sorriso.

- Isto me coloca em situação difícil... Não sei que tipo de acordo vocês têm. Direito de visita, essas coisas. Na verdade, acho que você nunca o viu. - Observou bem o rosto dele. - Imagino que não queira mesmo ficar discutindo suas questões pessoais com uma coroa enxerida.

- Posso lhe garantir que não vim seqüestrar o garoto.

- Fico feliz de ouvir isso, mas acho melhor você voltar quando Georgie estiver em casa.

- Mas a criança está aqui? - Angolos viu que a senhora estava com um pé atrás. - O negócio é que, senhora...?

- Meu nome é Ruth Simmons. *Senhorita*.

- Srta. Simmons, estou com pouco tempo.

A mulher o olhou de modo claramente crítico.

- Após estes anos todos?

Angolos já devia esperar por isto. Georgette obviamente decidira posar de vítima e pintá-lo como pai desnaturado.

- A que horas você acha que Georgette estará de volta?

- Não sei dizer. - Então era esse tipo de homem que dava as costas ao próprio filho? Não parecia... Claro que nunca se sabe, mas, em geral, os gregos eram muito voltados à família.

- Não sabe mesmo? - Ele levantou a mão num gesto elegante. - Não importa. Voltarei em ocasião mais conveniente. - *Mas talvez não volte*, pensou. Afinal, aquela história toda era totalmente sem sentido. Era melhor entrar no carro e voltar a Londres.

O sorriso mecânico do homem não combinava com seu olhar, mas era inapelavelmente cativante, percebeu Ruth. O homem era um espetáculo de tão bonito. Ah, se ela fosse vinte anos mais nova... O sorriso no rosto dela se desfez ao ouvir o estrondo seguido por um grito de criança vindo da sala de estar.

- O que foi agora? - gritou ela, e correu para dentro. Angolos entrou pela porta aberta.

Poucos momentos após, com o menino aos prantos em seus braços, Ruth viu o estrago. Podia ter sido pior. Mesmo assim, era uma pena que sua amiga gostasse tanto daquele pavoroso busto vitoriano que agora jazia em fragmentos no chão. A cadeira virada indicava como o menino de 3 anos havia conseguido alcançar a prateleira onde estava o busto.

- Você caiu, Nicky? - O jeito prático dela tranqüilizou o garoto, que parou de chorar. - Coitadinho - disse Ruth, esfregando o machucado na cabeça da criança. - Você se machucou em algum outro lugar, meu bem?

Nicky balançou a cabeça.

- Vovó vai ficar brava...

- Não, tenho certeza que não vai.

- Vai, sim. - Virou-se para o estranho, apontando com seu dedo gorducho. - Quem é você?

- Gracioso! - exclamou Ruth ao perceber que o grego alto a havia seguido até a sala. Ele estava paralisado. A única centelha de movimento do corpo dele vinha de seus olhos perplexos voltados para a criança nos braços dela.

Sem responder, ele continuou a respirar com os dentes trincados, como se tivesse esquecido como se faz para respirar. Angolos reparou que a pele bronzeada dele adquiriu uma tonalidade acinzentada. Ele abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada.

- Gracioso! - disse ela mais uma vez, e com vontade. A semelhança física entre pai e filho era realmente impressionante... Nicky começou a chorar de novo.

- Nicky... seu nome é Nicky?

O menino em prantos fez que sim com a cabeça.

Georgie entrou pela porta aberta carregada de compras do supermercado, pensando que um carro tornaria sua vida muito mais fácil, mas seu orçamento não lhe permitia tamanho luxo.

Meninos grandes não choram, Nicky.

Ela parou, sentindo o sangue lhe fugir das veias. Aquela voz Georgie nunca, jamais esqueceria.

Era uma voz que ela ouvia em seus sonhos e pesadelos.

Indiferente aos ovos, ela soltou as compras.

Isto não está acontecendo.

Seu primeiro instinto foi sair correndo para o mais longe possível. Mas não cedeu àquela reação egoísta... Não podia ir embora e deixar Nicky para trás. De qualquer forma, se Angolos quisesse localizá-la, não adiantaria fugir. Sentiu um frio na espinha. Quando Angolos queria uma coisa, era implacável.

Só que Angolos não a queria, ele deixara isto perfeitamente claro.

Seu coração estava explodindo no peito e os pés estavam pesados como se carregassem bolas de ferro ao caminhar para a sala de casa. Sua cabeça girava em torno da mesma pergunta.

Por que Angolos fora aparecer naquele momento?

- Não sou um garoto grande. Sou pequeno. Vá embora!

Georgie ouviu a vozinha estridente do menino e empinou os ombros. Sentiu vontade de gritar para que deixasse o filho em paz e correu até eles.

Preferia entrar na cova dos leões a entrar no mesmo recinto que seu marido, mas, como descobrira dois segundos depois do nascimento de Nicky, por aquele garoto ela era capaz de qualquer coisa. Seus próprios desejos e necessidades sempre estariam em segundo plano em relação ao filho... Isto era ser mãe.

Ao entrar, quase trombou com Ruth, que se oferecera para tomar conta de Nicky enquanto ela ia ao correio e ao supermercado, já que sua mãe estava com Robert. Ruth pareceu nem registrar sua presença.

Georgie viu e ficou boquiaberta. Nada poderia chocá-la mais do que ver pai e filho juntos.

- Minha nossa! - murmurou ela. *Ele continua com o cabelo encaracolado na nuca, como antes.*

Jamais negara a impressionante semelhança entre Nicky e seu pai, mas vendo-os ali, lado a lado, era impossível negar. Ver aquele homem a fez balançar... Sentiu o desejo se manifestar...

Ela sorriu, com asco de si mesma. Ficava impressionada e, sim, com *medo* do fato de que, mesmo depois de tanto tempo e de tudo que Angolos fizera a ela, bastava olhar para ele para ser reduzida a uma massa de hormônios.

Georgie respirou fundo e empinou o queixo.

- Venha cá, Nicky - disse ela baixinho.

Sabia que a atenção de Angolos se voltara para ela. Dava para ver que a mão que estendeu ao filho estava trêmula, mas Georgie fez questão de ignorar Angolos e manteve os olhos no rosto molhado de lágrimas do filho.

Georgie teve de lutar contra o impulso de arrancá-lo de perto daquele homem cujas mãos seguravam os ombros do garoto. Ela conseguiu relaxar os punhos cerrados quando Nicky correu para ela como se fosse um pequeno e determinado míssil à procura de calor.

Angolos ficou de pé a tempo de ver Georgie se abaixar para falar com o filho; os cabelos espalhados sobre o rosto. Ela prendeu os cabelos impacientemente detrás das orelhas.

- O que você andou fazendo, querido? - Com a atenção voltada para a criança, Georgie não viu que, enquanto Angolos os observava, um espasmo, quase uma dor, contorceu seu rosto.

- Foi um pequeno acidente, culpa minha... Eu só virei as costas por um instante - intercedeu Ruth.

- Com Nicky, basta um instante - respondeu Georgie, abraçando o filho. - Não é, campeão? - disse ela, afastando a franja da testa e ficou de pé, segurando o menino bem junto de si. Viu o machucado e suspirou. - Esteve na guerra, pelo que entendi.

Ela sabia que fingir que Angolos não estava lá não era exatamente uma solução de longo prazo para aquela situação difícil, mas não conseguiu pensar em mais nada. Angolos estava a pouco mais de um metro de distância dela, e parecia ainda mais devastadoramente atraente em seus 1,95m do que ela lembrava... O cérebro dela se recusava a lidar com a realidade da situação.

Os músculos do rosto doeram quando ela forçou um sorriso tenso.

- Agora, por que não vai com a tia Ruth? - Ela olhou nos olhos da mulher, que fez uma expressão compreensiva.

- Sinto muito por isto, Georgie. - Seu pedido de desculpas foi acompanhado por um olhar de soslaio em direção ao homem alto que observava em silêncio.

- Não foi culpa sua - respondeu Georgie, e passou-lhe o garoto. - Vai ser só um minuto - prometeu ela, usando todo seu autocontrole para não entrar em pânico.

Ela respirou aliviada quando os dois saíram da sala.

- Você sempre o recompensa por ser comportar mal? - Angolos a encarou com olhos gelados e inabaláveis.

Georgie esperou até achar que o menino não poderia ouvir para então responder.

- Você faria o quê? Bateria nele?

Ele ficou ainda mais enfurecido com o que da disse.

- As crianças precisam receber limites. Assim elas se sentem seguras.

- Ouvir você ficar dando palpite sobre a segurança de Nicky é... - Ela engoliu as palavras que queria na verdade gritar e bateu com os punhos contra o peito. Sua voz se transformou em um sussurro carregado de desprezo. - Você perdeu qualquer direito que poderia ter de criticar a maneira como eu crio o *meu* filho, pois você, na prática, o renegou.

Para Angolos, aquilo foi como se ela tivesse lhe dado um soco.

- Eu jamais renegaria meu filho de propósito. - Havia sinceridade na voz baixa e impassível. Os olhos perplexos fitavam os dela.

- Quer dizer que você o renegou *acidentalmente*, e então está tudo bem? - Ela foi até a porta e abriu. - Imagino que você estava só de passagem, então pode seguir seu caminho.

- Quer que eu vá embora?

Georgie o encarou com expressão pétrea.

- Só tem uma coisa que eu quero mais do que isso: que você seja seqüestrado por extraterrestres. Mas, como sou realista, fico satisfeita se você apenas for embora.

- Precisamos conversar.

Ela virou a cabeça. Angolos era inacreditável... Realmente inacreditável! Será que achava mesmo que ela permitiria que ele chegasse e virasse sua vida de ponta-cabeça mais uma vez?

- Como foi que um dia eu pude ver graça no seu jeito autoritário?

Ela não se apercebeu do que acabara de dizer até ouvir a resposta dele.

- Você é quem deve saber.

Corada, mortificada, ela deu de ombros, fazendo-se de indiferente.

- Eu *não* preciso conversar.

- Então ouça.

Georgie fechou os olhos, enfiou os dedos nos ouvidos e começou a cantarolar qualquer coisa entre dentes.

- Quer dizer que você ainda não cresceu.

Os olhos inflamados de Georgie fitaram o rosto altivo daquele homem que estava lhe agarrando os pulsos.

- *Eu?* Não sou eu quem se livra de um relacionamento que nem um pirralho mimado se livra de um brinquedo do qual se cansou.

Angolos ficou chocado.

- O que você disse?

- Em linguagem mais clara, o que estou dizendo é: vá para o inferno! Saia da minha casa e da minha... *Eu odeio e desprezo você!* - Ela puxou as mãos, furiosa, mas em vez de soltá-la, Angolos a puxou para si.

Georgie soltou o ar dos pulmões e seus corpos colidiram. Por um momento de perplexidade, ela ficou ali, sentindo a batida forte de seu coração, e então começou a lutar. O despertar da sensualidade adormecida em si foi tão forte que ela quase ficou inundada de um desejo que ela não queria deixar escapar.

- Solte-me... Como ousa...? De repente, ela estava livre.

O embate fora breve, questão de segundos, mas Georgie estava lutando para respirar como se tivesse saído de um ringue de luta.

Ela olhou para ele, esfregando um pulso. Angolos sempre fora magro e firme como aço, e continuava sem carregar nem um grama de carne a mais, mas, por aquele breve contato, ela percebeu que ele estava ainda mais musculoso. A traiçoeira onda de calor voltou a seus quadris, enchendo-a de vergonha.

- Gostaria que você fosse embora - pediu ela.

- Depois que disser o que vim dizer.

Georgie soltou um pequeno grunhido de frustração. Bem, naquele ponto, nada havia mudado. Angolos continuava teimoso e inflexível como sempre.

- Diga para seu advogado escrever uma carta ao meu. Não é assim que funciona?

- Você não tem advogado...

- E você não tem nenhuma chance sequer de me fazer ouvi-lo. Que diabo!

Ele ficou olhando para o rosto obstinado e os olhos pétreos de Georgie por um momento e passou a mão nos já despenteados cabelos negros.

- Preciso de uma bebida.

- Tem um *pub* logo na esquina. Eles servem qualquer tipo de pessoa.

- Pelo que estou vendo, os Kemp continuam com sua hospitalidade exemplar.

Georgie mal lhe deu ouvidos, pois a movimentação do músculo do rosto dele a hipnotizara. Ele estava todo de preto, com uma aparência de perigo e sensualidade além dos limites.

- A casa e a cidade continuam as mesmas, mas você - acrescentou ele, deixando o olhar severo percorrer a figura esguia de Georgie - está diferente...

Tomando cuidado para não deixar transparecer o efeito que os olhos perscrutadores dele exerciam sobre ela, Georgie deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. Não percebeu que seu gesto esticava o tecido, ressaltando ainda mais suas curvas femininas.

- Não estou usando roupas caras, é isso? - Ela deu um sorriso de desdém. - Elas nunca se adequaram ao meu estilo de vida e nunca tiveram nada a ver comigo.

- O que estou querendo dizer é que você parece mais *dura*. - Apesar de dizer isto, ele estava pensando na *maciez* que lhe era típica.

Pode continuar achando isto, pensou Georgie, mantendo as mãos nos bolsos para não mostrar que estavam tremendo.

- Houve época em que eu me importava com o que você pensava de mim... - A memória da ansiedade dela em agradá-lo a fez balançar a cabeça de desgosto.

A ironia era que, quanto mais Georgie tentava ser o que ele queria, mais distantes os dois ficavam. Nem as roupas mais caras do mundo seriam capazes de fazer com que ela se encaixasse no clã dos Constantine.

Desde o primeiro dia em que a família dele, mais especificamente Olympia Constantine, a mãe, não fizera a menor questão de disfarçar o desgosto com aquele casamento. Pelo menos não na frente de Angolos, quando Olympia ficava mais circunspecta. Jamais escondeu que queria que Olympia saísse de suas vidas.

Acabaram conseguindo o que queriam.

- Com certeza não sou mais a ingênua de antes, não mesmo. - Ficou surpresa com a firmeza da própria voz, - Não sei o que está fazendo aqui, Angolos, e não quero saber. - Fez menção à porta aberta.

Angolos não se mexeu. Um músculo pulsou em seu maxilar firme quando ele pegou um carrinho de brinquedo do chão. Georgie observou, cautelosa, ele empurrar o carrinho para frente e para trás sobre a palma da mão.

- Ele é meu filho.

- E daí...?

Ele soltou o carrinho dentro de uma caixa cheia de brinquedos e levou a mão à testa para esfregar o cenho franzido, Continuava distraído.

- *Eu tenho um filho.*

- Você fala como se isso fosse alguma novidade, Angolos - zombou ela. - Você tem um filho de 3 anos e não me lembro de ter visto você ficar louco para ver o garoto. Não foi capaz nem de um car... cartão de aniversário. - Abaixou os olhos rapidamente ao sentir o calor das lágrimas que não deixou cair.

- Pensei que meus advogados tivessem deixado claro que, se o dinheiro depositado mensalmente não fosse o bastante, era só...

- Você acha mesmo que eu iria tocar em um centavo do seu dinheiro?

Angolos retorceu os lábios.

- Você acha que eu vou acreditar que você não usou o dinheiro?

- Nunca quis o seu dinheiro! Eu queria... - Estancou, confusa, o rosto cada vez mais corado. - Se eu me importasse com o que você acha, lhe mostraria um extrato bancário.

- Se não usou o dinheiro, como se sustentou? - perguntou ele, desconfiado. - Ou devo lhe perguntar *quem* está lhe sustentando?

Georgie sibilou, ultrajada. Se Angolos pensava que ela contava com tempo para vida social... Muito menos para um namorado. Ele não fazia idéia do esforço que era criar uma criança sozinha e trabalhar duro em tempo integral. Mas, também, quem sabe fosse melhor assim mesmo? Ela preferia que Angolos achasse que ela possuía uma vida pessoal agitada.

- Tenho feito o que a maioria das pessoas faz. Eu trabalho.

- Você... Trabalhando...?

- Sim, eu, trabalhando. Estudava para ser professora quando você me conheceu, caso não se lembre.

- É, mas parece que não tinha muita vocação, pois largou sem pensar duas vezes.

Georgie levantou a cabeça e olhou para ele com desprezo. Será que ele era incapaz de ver que ela desistira de tudo *por ele*, que ela fazia o que ele sugeria sem pensar duas vezes?

Eu devia estar fora do meu juízo perfeito!

- Que escolha eu tinha?

Angolos pareceu exasperado.

- Sempre se pode escolher - replicou.

Ela engoliu as emoções reprimidas.

- Você teria ficado feliz da vida de ser casado com uma estudante, então? - desafiou ela.

- Em nenhum momento você disse que sua carreira era tão importante...

- Você tem razão, sempre se pode escolher - interrompeu Georgie. - E eu escolhi errado ao me casar com você.

Dava para ver a tensão no rosto dele. Os olhos de ambos pareciam enganchados.

- Ambos escolhemos errado.

- Mas não perca seu tempo, porque eu não perdi o meu. - A não ser pelas noites infinitas que perdeu chorando antes de dormir. - Voltei para a faculdade depois que Nicky nasceu.

- O bebê precisa da mãe.

- Isso sempre foi o que mais gostei em você: sua capacidade de me dar apoio.

A expressão de perplexidade dele a divertiu por um segundo e ela até se sentiu como se fosse mesmo a mulher poderosa que gostaria de parecer para ele.

- Para seu governo, Nick tem mãe, o que ele não tem é pai - rebateu ela, e teve o prazer de ver a cor sumir do rosto moreno de Angolos.

Parecia até que ele tinha consciência de ter se comportado como um rato desprezível.

- Eu não reneguei meu filho! - reagiu Angolos, com as narinas infladas e os olhos faiscando.

Georgie levantou uma sobrancelha, irônica e, ao menos por fora, imune às ondas de emoção que ele estava projetando. Foi-se o tempo em que ela se deixava levar pelos humores dele.

- Eu e você entendemos a palavra "renegar" de maneira bem diferente.

Angolos fechou os olhos. O palavrão que escapou de seus lábios atraiu a atenção de Georgie à curva sensual de sua boca. Seu coração se manifestou e ela desviou o olhar.

- Desculpe, mas não falo grego. Se importa de traduzir?

- Você não entende minha língua porque não fez o menor esforço de aprender.

- Não fiz o menor esforço? Posso não ter me saído tão bem, mas não foi por não tentar. Só parei de frequentar as drogas das aulas quando...

Ele olhou para Georgie, pasmo. - Aulas? Você não fez aulas.

- Bem, eu tinha de fazer alguma coisa dos meus dias além de ir ao cabeleireiro e às compras.

Ela não tinha a menor intenção de dizer a ele que queria fazer uma surpresa. Que fantasiava responder um dia a ele em grego fluente e impecável. Sua ambição de fazer o marido ter orgulho dela agora parecia lamentavelmente patética.

- Então não estava contente com a vida que levava como minha esposa?

- Você não queria uma esposa, você queria uma governanta! E não fui feita para ser governanta. - Ela observou a expressão de perplexidade no rosto dele e ainda disse - Eu estava de saco cheio!

CAPITULO SEIS

- De saco cheio...?

Georgie se fez de surda para o tom ameaçador de Angolos e balançou a cabeça, confirmando.

- Sim, de saco cheio. Fiquei de saco cheio de você e das aulas de grego.

Não iria dizer a Angolos, de jeito nenhum, como a mãe e a irmã dele zombavam dela quando tentava puxar conversa. Diziam que Angolos teria vergonha de sua gramática lamentável e de seu sotaque irritante. Como em todas as suas tentativas de se adequar, aquela também não vingara. E nem poderia mesmo, não com ela cercada daqueles aparentados que não perdiam uma oportunidade de fazer com que ela se sentisse inadequada.

- Não fazia idéia que viver comigo fosse tamanho sacrifício.

- Nem eu, na época. Agora - disse ela calmamente - eu posso ser mais objetiva.

Ele apertou os olhos.

- Então agora sua vida é excitante e gratificante?

- Tenho uma carreira e um filho.

- Como consegue tomar conta do menino e freqüentar a faculdade?

- Eu o deixo na creche da faculdade. E, felizmente, a escola na qual trabalho também tem creche.

- Então você está qualificada para...

- Impressionante, não é? Na verdade, não sou a burra desocupada que sua família pensava que eu fosse, Angolos.

Ele a olhou lentamente de cima a baixo.

- Nunca achei você burra.

Georgie não cometeu o erro de tomar este comentário como se fosse um elogio. Sabia que estava por um triz de perder o controle. Toda noite, ela repetia para si mesma que já tinha esquecido dele, e, se chegasse perto de Angolos, poderia pôr tudo a perder.

Os olhos dos dois se encontraram e nenhum dos combatentes ouviu a primeira batida na porta aberta. Ouviram a segunda.

- Já vou, Ruth - disse Georgie, abrindo a porta.

- Sem pressa - tranqüilizou a outra. - Desculpe interrompê-los, mas Nicky está pedindo o *aconchegante* dele. Não sei o que ele quer dizer.

- É o cobertor amarelo. Está no quarto dele, na arca perto da janela.

- Ele precisa de um cobertorzinho "aconchegante" para dormir? .

O mais leve traço de crítica era capaz de irritar Georgie profundamente.

- Na verdade, é um lençol. - Quer dizer que agora ele era especialista em educação infantil?

- Ele tem problemas? - Para uma criança que havia sido rejeitada pelo pai, qual era a surpresa? Angolos, que achava que uma família estável era fundamental para criar uma criança, sabia bem que, se o filho tinha problemas, a culpa era dele. Não sabia como isto fora acontecer, mas era pai e precisava consertar seu erro.

- Não, ele não tem problemas. Ele é um menino normal que... - Georgie parou e franziu a testa. - Santo Deus, não sei por que estou explicando alguma coisa a você, logo a você!

- Porque eu sou o pai.

- Biologicamente pode ser...

Ela não esperava provocar reação nenhuma nele ao dizer isso, menos ainda a expressão de amargo arrependimento que viu no rosto dele.

- Escute aqui, Angolos, se você está com sentimentos paternais de última hora, sugiro que vá tomar uma aspirina ou comprar um carro novo. Com certeza vai passar.

- Acha que sou tão superficial assim? - perguntou ele, revoltado.

- Achar? Eu *sei* que você é superficial assim mesmo. Superficial, cruel, vingativo...
- Georgie tinha de se lembrar bem de tudo isso sempre que cogitava sentir pena dele. Se um dia isso acontecesse, era sinal de que estava louca e podia ir direto para o sanatório. - Essa conversa nem faz sentido.

- Mas precisamos conversar...

Ótimo! Se ele quer vencer pelo cansaço, vamos lá, pensou ela. Mas ele iria descobrir que, durante o tempo que passaram separados, ela havia desenvolvido personalidade e opiniões próprias!

- Por que, Angolos? Por que você está dizendo isso? Eu sei que antigamente era assim, mas não é mais. - Seu ouvido de mãe ouviu o filho chorar no quarto. Angolos também ouviu.

- O que há com ele?

- Ser mãe não me torna adivinha. - Porém, como mãe, sabia a diferença entre cada tipo de choro. O choro de agora era de cansaço, não de dor ou estresse. - Tenho de ir vê-lo. - Ela foi até a porta, mas ele bloqueou a passagem com seu corpo. Ela sentiu o cheiro dele e os músculos de seu ventre enrijeceram.

- Tudo bem! Se você quiser falar, eu ouço, mas não aqui nem agora.

- Quando e onde, então?

Ela disse a primeira coisa lhe veio à cabeça.

- Na praia.

- Onde costumávamos nos encontrar. Onde você me ofereceu sua inocência...

O tom de voz dele, suavemente sensual, roubou-lhe a força das pernas já na primeira sílaba. Georgie então procurou a cadeira mais próxima para se segurar, procurando parecer casual.

- Pelo que me lembro, você estava bem disposto a tomá-la. - Aquilo era injustiça, mas ela se sentia inclinada a ser injusta no momento. ~ Encontro você amanhã às oito da noite.

A família dela já teria voltado então, e Nicky estaria dormindo tranqüilamente.

- E, desta vez, não vou lhe oferecer nada.

- Hoje à noite.

- Não posso - disse ela, e então viu a expressão dele. - Está bem, hoje - concordou Georgie, suspirando.

- Vai parecer um encontro romântico - disse ele ao sair.

- Uma ova - respondeu ela em voz alta pelas costas dele. Fechou a porta da frente e encostou-se a ela suspirando. Com a sorte que tinha, Angolos iria interpretar seu comportamento como provocação, o que seria bem típico dele.

E que diabos Angolos iria fazer, ficou ela pensando enquanto afundava até o chão, fraca. Ficou sentada lá, com as costas contra a porta, o queixo apoiado nos joelhos, esperando passar a tremedeira. Desta vez, a necessidade de atenção de Nicky era secundária, a prioridade era ela conseguir se manter de pé.

Quando se levantou, sentiu-se estranhamente entorpecida, como se o corpo estressado tivesse produzido algum anestésico natural. Ela nem queria imaginar como se sentiria quando passasse o torpor.

Georgie passou o resto do dia no piloto automático. Tentou esconder a ansiedade que lhe pesava no peito, mas, à medida que o dia foi passando, foi ficando cada vez mais difícil disfarçar.

Ruth, abençoada seja, aceitou vir mais tarde e tomar conta de Nicky. A única pergunta que fez foi se Georgie estava bem.

Georgie ficou satisfeita com sua descrição. Sabia que se a avó estivesse lá, não teria escapado assim tão fácil.

Por que, após anos de total silêncio, Angolos resolvera aparecer? A pergunta lhe perseguiu o dia todo. Quando ela viu Nicky ameaçar chorar após ela ralhar com ele por nada, decidiu que já era o bastante.

Aceitar que as coisas fossem do jeito de Angolos era reconhecer sua vitória. Afinal, não importava o que ele tinha a dizer, nem por que ele estava lá, pois Angolos não fazia mais parte de sua vida. Ironicamente, foi quando ela parou de procurar por respostas que, por acaso, chegou a uma.

Achou o envelope aparentemente inocente quando estava executando o ritual diário de catar os brinquedos de Nicky da sala para levar para o quarto. Achou que fosse propaganda e jogou na cesta de lixo, mas errou o alvo. Quando foi pegar a carta de novo, reconheceu o cabeçalho do escritório de advogados de Angolos. Era mesmo uma loucura ela ficar chocada, e mais loucura ainda ter de conter as lágrimas. Aquilo era algo que ela estava esperando pelos últimos três anos. Era uma medida lógica e que sua família esperava que ela tomasse de uma vez.

Angolos queria o divórcio.

- Você está ótima, querida - comentou Ruth enquanto caminhava até a porta com Georgie.

- Estou maquiada - reconheceu Georgie, levando a mão aos lábios levemente brilhantes.

- Está linda, mas eu me referia ao vestido.

Georgie corou e olhou para baixo, contemplando o vestido cor de pêssego frente-única que ela, enfim, havia escolhido. Apesar do guarda-roupa reduzido, ela levou meia hora para escolher.

- É demais, não é? - preocupou-se ela. - Sabia que era. Vou lá trocar.

Ruth riu.

- Não seja boba! Você está linda! Agora, se está demais, é algo que depende da reação que pretende causar.

- A intenção é tirar o fôlego - admitiu Georgie.

- Ah, acho que você vai conseguir isso. Espero que não se importe com a pergunta, mas os planos são de reconciliação?

- Não me importo com a pergunta, e não, não são.

Se no dia anterior alguém perguntasse a Georgie se ela nutria alguma esperança de voltar com ele, a resposta seria um não categórico e cheio de intenção.

Mas ontem ela não havia aberto aquele envelope.

Respirou fundo, pensando que era melhor mesmo não alimentar esperança nenhuma.

- Na verdade, Angolos quer o divórcio. - Ela teve a terrível suspeita que Ruth não estava acreditando nem um pouquinho em sua atitude extremamente casual. - Por isso ele veio pessoalmente. Imagino que haja outra. - Talvez Sônia? Sua família, com certeza, ficaria muito satisfeita se ele voltasse para a primeira esposa.

Se não fosse Sônia, alguém teria de haver. Um homem sensual e incrivelmente bonito como Angolos jamais seria celibatário. Ela já aceitava isto.

Tinha de aceitar.

- Acho que deve ser sério - ouviu-se dizer. Ruth franziu o cenho.

- Isto sim me surpreenderia.

- Mas não a mim, eu já esperava por isto. - Georgie deu seu melhor sorriso despreocupado e lamentou ter revelado suas suspeitas à outra. - A única coisa que me surpreende é ele ter vindo de tão longe. Acho que vai até ser bom... Oficializar a situação vai colocar cada coisa em seu lugar.

A outra assentiu, mas Georgie viu que ela não acreditou em uma palavra sequer. Constrangida, virou-se.

- Não demoro - prometeu. Vai ser só o tempo de dizer adeus.

CAPÍTULO SETE

Angolos observou Georgie caminhar pela praia em sua direção com aquelas pernas lindas e longilíneas das quais lembrava tão bem. Levava suas sandálias pela mão, jogadas sobre o ombro como sempre fizera. Ele não era um homem dado à nostalgia, mas era difícil não se deprimir ao pensar no passado.

Naquela época, quando Georgie olhava para ele, seu rosto se iluminava como o de uma criança na manhã de Natal. Ela costumava correr até ele como se cada segundo de distância fosse insuportável. Agora, ao vê-lo, parecia que queria correr na direção oposta!

Algo em Angolos queria fazê-la sorrir como antes. Seria esta parte irracional de si a mesma que não quis questionar a paternidade do menino quando soube que ela estava grávida? Mas seu bom senso prevalecera.

Ficava revoltado só de pensar que considerara a hipótese de viver uma mentira e criar o filho de outro homem, aceitando a infidelidade da esposa. Ironicamente, o filho não era de outro homem, mas, na ocasião, ele não sabia disso.

- Estou atrasada? - Composta e totalmente controlada, ela deu um sorriso. Os olhos observadores dela, com a cor intensificada pela maquiagem, encontraram os dele.

- Não, eu cheguei cedo.

Angolos não sabia por que, mas o jeito dela o estava irritando tremendamente. Não que ele estivesse esperando que ela se jogasse nos braços dele.

Ele passou os olhos naquele corpo jovem e delgado e ficou mais tenso ainda. O vestido de verão expunha os contornos de seus ombros acetinados e braços esguios. A medalha que pendia de um fino cordão de ouro em seu pescoço atraiu a atenção dele aos contornos firmes dos seios. Ele continuou descendo o olhar e viu o tecido leve contornando as coxas delgadas de Georgie.

Ela estava tão nervosa que esquecera que estava vestida para matar, ou, pelo menos, para imobilizar de luxúria. Até que os olhos sombrios dele encontraram os dela.

Georgie conseguiu a reação desejada. *Um caso clássico de desconsideração às possíveis conseqüências*, pensou ela. O calor e o desejo nos olhos dele - para um homem que podia ser furiosamente enigmático, Angolos às vezes tinha olhos que podiam ser devastadoramente expressivos - transmitiram a ela uma onda de calor que lhe percorreu o corpo todo.

A experiência lhe ensinara a apagar a chama do desejo. Georgie procurou não pensar nos possíveis resultados prazerosos de sua provocação. Levou a mão à garganta e tentou manter a respiração sob controle.

- Podemos resolver logo isso? Tenho de ir a outro lugar. - Ela ficou bem satisfeita com seu esperto subterfúgio. Agora, Angolos não ia ficar pensando que ela se vestiu daquele jeito só para ele.

- Fico muito contente de você conseguir me encaixar em sua ocupada agenda.

- Bem, você não me deu escolha, deu?

- Acho que não. - Arqueou uma sobrancelha. - Não está com frio com essa roupa? Quer meu casaco?

Georgie arregalou os olhos, alarmada. Só de pensar em vestir um casaco ainda quente do corpo dele, com aquele cheiro único, a fez sentir uma onda de excitação.

- Não, estou bem.

- Como preferir. Gostaria de ir a algum lugar... para tomar um café, uma bebida? Será que aquela casa de chá esquisita ainda está aberta?

A pergunta trouxe de volta uma inundação de memórias.

Esquisita, disse ele. Bem, em se tratando de cenário para casos de amor, aquela casa de chá estranha e turística dirigida por duas irmãs idosas era mesmo improvável. Frequentemente, ficavam com o lugar todo só para si. A maior parte das pessoas

estava lá fora, aproveitando o sol do verão, o que era ótimo, já que os dois nunca foram muito discretos, pelo menos, ele não era!

Não que Georgie se preocupasse muito com discrição. Por ela, a cidade inteira podia falar o que quisesse.

Depois daquela primeira ocasião em que eles quase fizeram amor na areia molhada - *e eu nem sabia o nome dele*, pensou -, Angolos estava sempre por perto. Apesar de não ter muita experiência, ela sentia que ele a estava levando na rédea curta. Georgie, que fantasiara reviver o encontro selvagem e primitivo daquela noite - menos a frustração - se arrependera amargamente de dizer a ele que era virgem.

Em vez do amor apaixonado que Georgie tanto queria, passaram duas semanas bebendo chá e conversando, ou ao menos foi assim que ela sentiu. Passearam e conversaram longamente. Foi pura agonia, mas Georgie estava pronta a agüentar qualquer tortura para estar ao lado dele.

Quando duas semanas depois Angolos desapareceu sem uma palavra, ela achou que estava tudo acabado e ficou totalmente arrasada. A idéia de jamais vê-lo de novo anunciava um futuro tenebroso.

Ficou como um fantasma, pálida e abatida, mas a família, em vez de entender que ela estava de coração partido, se irritou com sua letargia.

Até que sua avó diagnosticou anorexia - *Ela está com os sintomas típicos...* - O artigo que a avó lera dizia que quem sofria de anorexia sempre negava, de modo que as negativas de Georgie foram ignoradas.

Conseqüentemente, quando Angolos apareceu do nada, duas semanas depois, em vez de parecer pálida Georgie ganhara três quilos!

Ele pediu ao pai de Georgie sua mão em casamento, com todas as formalidades. Superficialmente, poderia parecer muito antiquado, mas só bem superficialmente mesmo.

Fora educado o bastante, mas não deixara dúvidas de que iria se casar com ela, com ou sem permissão. Com permissão, seria apenas menos problemático.

Georgie estava tão estupefata pelo comportamento dele que nem reparou que Angolos não chegou a pedi-la em casamento.

Ela deteve as lembranças de como costumava adorá-lo incondicionalmente. Havia desnudado a alma para aquele homem!

- Não, não quero chá, só quero acabar com isto o quanto antes. - Ela manteve a voz fria e sem emoção.

- Não pode perder alguns minutos para discutir o futuro de nosso filho...?

- Posso gastar mais que alguns minutos para discutir o futuro de Nicky, mas não com você. Nicky não tem nada a ver com você, e não finja que está interessado nele.

- Seja razoável.

- Razoável?! - gritou ela, sem conseguir mais conter a raiva e o ressentimento que guardara nos últimos anos. - Razoável como quando você disse que não queria saber do bebê? - Georgie perguntou com uma voz baixa e contida. - Está maluco?

- Não levante a voz para mim. - Ele estava falando baixo e com raiva.

- Se o pior que posso lhe fazer é levantar a voz, é sorte sua.

- Você desenvolveu um gênio e tanto, hein?

- Eu sempre fui geniosa. - Ela pensou como era esquisito que um homem que a conhecia mais intimamente que qualquer outro, um homem que era pai de seu filho, na verdade não a conhecesse nem um pouco.

Os olhos dele transbordavam ameaça e perigo.

- Você devia ter revelado este seu lado quando estávamos juntos. Combina com você.

- Eu devia ter feito muitas coisas quando estávamos juntos, inclusive cair fora antes de você me chutar.

Desta vez, foi ele quem corou.

- Eu podia ter agido melhor - admitiu.

- É assim que você reconhece um erro? Nem que você pedisse perdão de joelhos eu lhe perdoaria pelo que fez.

- Acho que devo lhe dizer porque eu pedi...

Ele ia dizer "divórcio"... E, depois que dissesse, a coisa seria real. De repente, Georgie sentiu um frio de congelar. Será que ainda não estou pronta para ouvir isso? De quanto tempo precisarei?

- Eu sei porque você está aqui. Angolos franziu as sobrancelhas negras. - Sabe?

- Pelo amor de Deus, não enrole, eu preciso ir embora! - Ela olhou o relógio e fingiu surpresa com a hora, apesar de não conseguir enxergar os ponteiros direito por causa dos olhos molhados de lágrimas não-derramadas.

- Você guardou.

- Guardei o quê? - perguntou ela, olhando para Angolos.

Ele tocou o relógio incrustado de diamantes que comprara para Georgie na lua-de-mel. Angolos tirou a mão, mas antes tocou a parte interna de seu pulso com os dedos morenos.

Foi um toque de nada, mas o corpo de Georgie reagiu como o de um viciado ao avistar sua droga preferida, a qual depois é retirada. Dentro do vestido, seus seios pediam pelo toque das mãos e dos lábios dele. Memórias enterradas vieram à tona e a sensação nos quadris virou uma dor física.

- Sou sentimental assim mesmo. - E que ele não soubesse como.

A lua-de-mel de uma semana em Paris fora uma alegria enorme. Era uma lembrança que ela guardava com carinho. Na primeira noite, estava um pouquinho nervosa, mas, no momento em que ele a tocou, logo perdeu a inibição. Fora apresentada a um mundo de sensualidade que jamais poderia imaginar. Acordava todas as manhãs envolvida pelo corpo quente e flexível, sentindo-se como se tivesse morrido e ido parar no céu.

Durante uma semana, tudo foi pura magia. Georgie tentara, mas jamais conseguira recapturar aquela magia.

Os primeiros desentendimentos aconteceram quando chegaram à Grécia. Foi então que Georgie pôde sentir o peso da fortuna de Angolos. Aterrissaram de helicóptero em sua pista particular, pelo amor de Deus! No mundo dela, quem tinha dois carros era rico. Já Angolos revelara casualmente que era dono de um iate que infelizmente, estava em reformas.

Das alturas, ela viu que a propriedade, localizada em uma península, cobria uma área extensa. A casa principal e o terreno com quadra de tênis e piscina eram um verdadeiro palacete, e a vista para o mar era simplesmente impressionante.

- Não está decepcionada, está? - brincou Angolos.

- É tudo incrível! - *Mas um museu também era.* Georgie, que fora criada em uma casa antiga, estava boquiaberta com as proporções de tudo. Só de empregados, havia um verdadeiro batalhão.

Não era o tipo de casa na qual se dava um pulo na cozinha para fazer um sanduíche de madrugada. Ela duvidava até que Angolos soubesse onde ficava a cozinha!

Em segundos, Georgie percebeu que não se adaptaria à nova vida da noite para o dia. Mas pensava que, com a ajuda de Angolos, tudo daria certo. Só que ela então não sabia que... que o trabalho dele ocuparia a maior parte de seu tempo.

Não conseguia ver aquele local como seu lar. E, para completar, tinha a família dele.

- Desculpe pela noite de hoje - disse Angolos quando foram se deitar naquela noite. - Eles queriam inspecionar minha nova esposa. E quem há de criticar isso?

- Acho que não ficaram muito bem impressionados.

- Não seja boba. Eles vão adorar você... E por que não adorariam? - Angolos descartou as preocupações dela com impaciência. - Você só precisa relaxar um pouco.

- Você acha que não estou relaxada? Será que passei a impressão de...

Ele pôs o dedo nos lábios dela.

- Esqueça minha família. Não importa o que eles pensam. Amanhã, o pessoal vai embora.

Georgie suspirou aliviada. Angolos parecia diferente naquele ambiente, mas, quando ficassem a sós, tudo voltaria ao normal. Ela mal podia esperar.

- Bom... quer dizer, tenho certeza que eles são muito legais, mas havia muita gente aqui. - De jeito nenhum, conseguiria lembrar dos nomes de todos os tios, tias e primos. Quando Angolos começou a beijar o pescoço dela, mal conseguiu lembrar do próprio nome.

- Realmente não quero falar de família - respondeu ele.

- Nem eu - admitiu Georgie, com a voz rouca, enquanto ele a despiu de sua camisola transparente.

- *Theos*, você é linda!

As palavras dele tiraram qualquer coisa que ela pudesse ter na mente. Derreteu-se toda.

O sexo foi espetacular, porém, o problema persistiu no dia seguinte, na forma de sua mãe e sua irmã. Ainda estavam lá na hora do almoço.

Mas o que podia fazer?

Enquanto caminhava até a pista de helicóptero com Angolos, que explicou que precisava ir ao escritório, ela aproveitou para perguntar casualmente:

- Quando sua mãe e sua irmã vão para casa?

Angolos disse qualquer coisa a seu assistente, um homem jovem, bem apessoado e educado que era parente distante. Quando ele se afastou, Angolos olhou para ela como quem não entendeu.

- Para casa? - Balançou a cabeça. - Não entendi.

- Estava pensando quando sua mãe e Sacha voltarão para casa.

Ele riu.

- Elas estão em *casa*, *yineka mou*, eu não lhe disse? Elas moram aqui.

Ela conseguiu manter o sorriso falso no rosto.

- Não, você não disse... - Saber que moraria com a família dele a deprimiu. Em cinco minutos, já notava que ela e a sogra jamais seriam amigas, e que a cunhada, que Georgie achava terrivelmente mimada, a olhava com superioridade.

- Minha mãe vai ajudar muito enquanto você se adapta, e Sacha tem a sua idade, vocês devem ter muito em comum.

Ela, que duvidava muito disto tudo, correspondeu ao beijo que ele deu com menos entusiasmo que antes.

- Tudo bem com você?

Georgie, que gostava de falar sempre a verdade, acabou mentindo.

- Tudo ótimo. Só estou um pouco cansada.

Era a primeira vez que mentia para o marido, mas não foi a última. Até ficou boa nisto, apesar de que seus talentos de atriz chegaram ao máximo quando ele jogou aquela bomba.

Angolos foi a Paris. Desta vez, a negócios e sem ela.

- Adoraria que você viesse comigo, mas é coisa de negócios. Você entende?

Na volta, ele mencionou casualmente que encontrara a ex-esposa por acaso e jantara com ela.

Georgie, que já estava farta de ouvir loas de adoração a Sônia por parte da família dele, disse apenas:

- Que legal...

No mês seguinte, Angolos anunciou que convidara Sônia para passar o fim de semana com eles. O fato de a ex-esposa chegar tarde pareceu não contar. Georgie poderia ter lidado bem com sua falta de pontualidade, mas jamais poderia perdoá-la por ser equilibrada, confiante e linda de morrer. Na verdade, Sônia tinha todas as qualidades necessárias para ser esposa de Angolos. Ela até continuava usando a aliança de casamento, só que em outro dedo!

Em outras palavras, ela era tudo o que Georgie queria ser, mas não era.

Além de tudo, Sônia ainda gostava de tocar e pegar. Georgie teve de observar ela tocando no braço de Angolos, ou passando os dedos em seu rosto. Para Georgie, parecia que, toda vez que ela entrava em um recinto no qual estavam, eles tinham de estar rindo em um canto, compartilhando piadas e segredos. Sentindo-se totalmente isolada, fechou-se mais ainda.

- Você nunca me pareceu sentimental...

Ela virou-se para Angolos e sorriu. Lembrar daqueles eventos traumáticos assim de repente a fez perceber como havia mudado nos últimos anos. Era bastante reconfortante e fortificante saber que hoje em dia não ficaria mais acuada em um canto.

Não... Se fosse hoje, ela colocaria aquela mulher no seu devido lugar. Confrontaria Angolos, pois seu comportamento era, no mínimo, insensível, isso se ele não tivesse ainda algum sentimento pela ex-esposa. Exigiria que ele escolhesse, pois não ficaria sendo a segunda para ninguém!

- Eu estava sendo irônica. O relógio é um bom investimento, melhor que dinheiro no banco, ao menos foi o que fiquei sabendo. - Seu pai lhe dissera isso ao devolver o relógio que levava para avaliar.

- Você avaliou o relógio?

Georgie assentiu. Seu pai ficava chocado de ver que ela andava por aí com um relógio que valia mais que uma casa de dois quartos, e sem seguro.

- Minha situação financeira é apertada.

- Você parece ter uma atitude mais prática em relação ao dinheiro agora do que jamais teve antes.

- Prática? Estou me esforçando para ser. Mas acho que jamais serei ligada no dinheiro pelo dinheiro em si, e não ponho preço nas coisas como você faz.

- Nem sua virgindade?

O rosto dela se inflamou e seus olhos faiscaram.

- Não ouse dizer que eu segurei minha virgindade para fazer você casar comigo! Você sempre valorizou isto mais do que eu mesma. Podia ter tido minha virgindade por nada, Angolos. Não precisava casar comigo!

Ficaram se encarando por um longo silêncio de ebulição. Ele suspirou fundo.

- Eu sei. - Georgie jamais saberia como custou a ele não , aceitar o que estava tão ansiosa por lhe dar.

- Então por quê...?

Ele desviou o olhar para a praia na qual havia apenas poucas pessoas caminhando com cães.

- Por que se casou comigo, Angolos?

- Você quer conversar? Ela sibilou de frustração.

- Você não vai me dizer, não é?

O sorriso perturbador que se fez nos lábios sensuais dele não confirmava nem negava a acusação.

- Caminhar? - ela se sentiu totalmente sem energia.

- Sim, caminhar, colocar um pé depois do outro.

Era algo mesmo simples, mas Georgie não estava com força nem coordenação motora para dominar as pernas trêmulas.

- Você é impossível! - acusou ela.

- Mas sou bonitinho? Quase sorriu para ele.

- Jamais imaginaria ouvir você dizer "bonitinho"...

- Isso que dizer que sim?

- Não.

- Que não sou bonitinho ou que você não quer caminhar?

- Os dois.

Georgie sentiu os olhos dele sobre si. Sentia tudo o que vinha dele, inclusive o cheiro másculo que lhe inebriava as narinas.

- Não tente me seduzir, Angolos. Estou imune. De qualquer forma, não precisa me adular. Como disse, já sei o que você quer. Não se preocupe, não vou criar problema, se é isso que você teme.

Angolos viu o envelope que ela trouxe com uma expressão suspeita, mas não pegou.

- Acho que já assinei onde devia.

Ele continuou sem reação, apenas olhava, aparentemente sem entender.

- Pelo amor de Deus! - Ela se aproximou e jogou o envelope sobre o colo dele. - Eu achei, deve ter caído de seu bolso. Achou que tinha perdido?

Ele pegou o envelope de um jeito que Georgie achou desconcertante.

- *Dios*, esqueci completamente disto! - Após o encontro com Paul, ele entrara em contato com seu advogado. Os papéis já estavam preparados fazia dois anos.

- Quanto tempo leva para o... fim? O d... divórcio?

CAPÍTULO OITO

Angolos olhou para ela de modo estranho.

- Nunca!

A resposta explosiva fez Georgie ficar olhando, atônita.

- Não entendi.

- Então entenda isto. - Para surpresa dela, Angolos começou a rasgar o envelope em pedacinhos lentamente antes de jogá-los para cima.

Boquiaberta, observou os pedacinhos de papel voarem no ar em direções diferentes.

- Você enlouqueceu? Por que você traz o envelope até aqui para fazer isso?
- Nunca tive intenção de...
- Intenção de quê?
- Nós não vamos nos divorciar.

Ela levou as mãos à cabeça, sentindo o começo de uma enxaqueca.

- Mas você veio até aqui para... E eu... *quero* me divorciar!
- Que pena...

- *Você quer se divorciar.* - A brisa marinha ficou mais forte subitamente e levantou sua saia. Ela lutou por alguns segundos para abaixá-la e, quando levantou os olhos, viu algo nos dele que fez o sensível coração pular.

- Você foi ao consultório de Paul? Georgie não queria falar sobre Paul.
- Então foi por isso que você soube que estamos aqui. Angolos inclinou a cabeça.
- Tem gente que acha que os fortes e silenciosos são atraentes, mas pergunte a eles como se sentem após morar com um homem assim por algumas semanas. Acho que iam mudar de opinião - disse ela, cheia de raiva. - Pelo amor de Deus, não fique olhando para mim com essa cara. *Diga alguma coisa!*

A única resposta dele à explosão emocional de Georgie foi arquear uma sobrancelha.

- O que quer que eu diga?

- Eu desisto! - explodiu Georgie. Olhou de rabo de olho para o perfil taciturno de Angolos. - Afinal, o que você estava conversando sobre mim com Paul? Ele não tem direito de falar sobre mim. Existe uma coisa chamada sigilo profissional.

Angolos fez um gesto de desconsideração com a mão.

- Mas eu sou seu marido.

- Apenas no papel. - Papel este que estava agora viajando no vento pelo oceano... e provavelmente ia acabar na Normandia. - E, mesmo que estivéssemos juntos, isto não lhe dá direito de saber dos detalhes de minhas consultas médicas.

- Ele não me passou nenhum detalhe médico - cortou Angolos, impaciente. - Só me disse que eu tenho um filho.

Ela enfiou a ponta do pé na areia e deu uma risada irônica.

- E isso é novidade?

- Para mim, era.

- Como pode dizer isso?

- Agora que eu sei que Nicky é meu, as coisas evidentemente têm de mudar.

Georgie apertou os olhos.

- Tem duas palavras que eu não estou gostando aqui: "tem" e "mudar".

- Não seja obtusa, Georgette. Você sabe aonde quero chegar.

Ela balançou a cabeça.

- Não faço idéia.

- Então vou dizer: nós seremos uma família.

A sensação ruim se transformou em pânico absoluto.

- Já tenho a família de que preciso. - Angolos não estava... *Não podia* sugerir o que ela estava pensando!

- Uma família requer ambos os pais. Você e Nicky vão voltar à Grécia comigo e seremos uma família.

Georgie soltou uma risada rouca do fundo da garganta.

- E pensar que eu costumava ficar intimidada pelo seu grande intelecto. Em geral, eu morria de medo de dar uma opinião por achar que você iria rir de mim.

Angolos pareceu tão consternado com o que ela disse que, em circunstâncias menos pesadas, teria dado risada.

- Mas agora eu sei que você pode ser esperto, mas também é doido de pedra. *Eu? Viver com você? De novo?* A única maneira de você me fazer voltar para a Grécia é numa camisa de força.

- Você está falando sob o calor da emoção, sem considerar...

- Não preciso considerar nada. Reconheço a insanidade quando me deparo com ela.

Angolos a segurou pelos pulsos, e só então ela percebeu que estava puxando uma mecha de cabelo.

- Acalme-se. Você está exagerando.

Georgie soltou um "cale a boca", e ele reagiu com um sorriso insuportavelmente tolerante.

- Quando você parar para pensar - disse ele, enquanto Georgie gritava para que a soltasse -, acho que vai começar a ver que esta é a coisa certa a fazer. As vezes, criar um filho requer sacrifícios.

Ele era mesmo incrível.

- Você está me dizendo isso? Você entende muito de criação de filhos, não é? Deus do céu, me passe um pouco de sua sabedoria, sou toda ouvidos!

Desta vez, seu sarcasmo o atingiu.

- Você é... Você pode zombar o quanto quiser. - Angolos apertou os pulsos dela, e depois soltou, para alívio de Georgie.

- Obrigada, mas não preciso de sua permissão.

- Mas - continuou, como se ela não tivesse dito nada - isto não altera o feto de que uma criança precisa de ambos os pais.

- Posso lhe dizer por experiência própria que a gente pode se sair muito bem com um só.

- Você tem uma madrasta. Ela arqueou a sobrancelha.

- Quem disse que, no futuro, Nicky não venha a ter um padrasto?

Houve um silêncio curto e absoluto durante o qual os músculos do pescoço moreno de Angolos se contraíram. Depois, ele encarou os olhos desafiadores de Georgie, sorrindo com altivez.

- Eu estou dizendo - respondeu simplesmente.

A resposta insolente que ela ia dizer morreu em seus lábios quando se deparou com a determinação inquebrantável dos olhos firmes de Angolos.

- Então agora você vai vetar meus namorados, é isso? Gostaria de saber como isto funciona.

- A questão não é você. A questão é o que é melhor para nosso filho.

Mais absurdo do que ele tentar fazer com que se sentisse culpada e egoísta era o fato de que Georgie *realmente* se sentia assim!

- Tenho feito o melhor para nosso filho nos últimos três anos. O que você tem feito por ele? Mas, pensando bem, você ficar longe dele foi o maior favor que você pôde prestá-lo.

Ele ficou visivelmente pálido com aquele ataque virulento, mas não tentou se defender.

- Compreendo sua raiva.

- Duvido, duvido muito. E, além do mais, não quero sua compreensão. - E o que ela queria dele? Será que ficaria mais feliz se ele fosse embora? Encarou-o com ressentimento. - Queria que você nunca tivesse aparecido aqui.

- Você já parou para pensar que está negando a ele sua herança?

Esta mudança de tática aumentou o desconforto dela.

- Foi você quem o rejeitou. Aliás, Nicky está muito bem onde está.

- Ele nem fala a própria língua.

- Inglês é a língua dele. - Georgie detestou sentir o tom defensivo e inseguro de sua voz.

- Nicky é metade grego. Basta ele se olhar no espelho para ver.

- Não estou tentando negar suas origens.

- Não. Eu jamais mentira para meu filho.

- *Nosso* filho.

Rangendo os dentes, Georgie recusou-se a responder à correção.

- Quando ele for à escola, vai ver que é diferente das crianças brancas de sua sala. O que você vai dizer quando ele perguntar por que é diferente?

- Está na cara que você sabe muito pouco sobre a mistura étnica da maioria das escolas se acha que Nicky vai se destacar entre as outras crianças. Já ouviu falar de sociedade multicultural?

- Então o que você vai dizer quando ele perguntar de mim?

- Não... não pensei nisso.

- Não acha que está na hora de pensar?

- Nicky é feliz - respondeu teimosamente. Angolos observou o rosto dela.

- Você sabe que tenho razão, não sabe? - Antes que Georgie pudesse negar, ele completou. - E posso ver que Nicky é feliz.

As esperanças dela voltaram, mas só para serem esmagadas de novo.

- No entanto, não vou permitir que meu filho cresça sem saber quem é o pai, achando que foi rejeitado... - Ele engoliu em seco, procurando controlar as emoções. - O garoto está sendo criado por mulheres...

- E qual o problema com as mulheres?

Ele relaxou por um momento e sorriu brevemente.

- Eu gosto de mulheres...

- Diga alguma novidade. - Elas também gostavam dele. A toda parte que eles iam, as mulheres viravam para olhar para Angolos. O fato de ele não se aperceber disso na maioria das vezes não melhorava muito a situação.

- Mas um menino precisa de um modelo masculino.

Sentindo-se cada vez mais na defensiva com a desconfortável capacidade que ele tinha de se sair sempre com uma resposta para tudo Georgie respondeu;

- Há homens o bastante na vida de Nicky.

O fogo nos olhos dele contrastou com a expressão gelada de seu rosto.

- Não quero saber de suas aventuras amorosas. Nicky não precisa de *homens*, no plural...

A crítica soou a Georgie como pura hipocrisia.

- Não sou eu que tem problemas em manter relacionamentos estáveis... E quem você pensa que seria um modelo masculino? Você? Não me faça rir - disse ela, com asco.

- E você já tem em mente alguém que considere mais adequado?

Georgie empinou o queixo.

- E se tiver?

- Se tiver, Georgette, eu lhe aconselharia a não seguir por este perigoso caminho.

Ela inflou o peito, indignada.

- Isto é uma ameaça?

O sorriso sedoso que ele deu a deixou arrepiada. - Ameaça é coisa de fracos.

- É *exatamente* este tipo de postura machista que não quero para meu filho.

- Nosso filho.

Encararam-se de modo combativo por alguns segundos. Georgie foi a primeira a quebrar o silêncio.

- Você não pode simplesmente voltar para a minha vida desta maneira, Angolos...

- Virou o rosto, angustiada. – Não é justo.

- Só as crianças esperam que a vida seja justa. - O inesperado tom compreensivo fez Georgie sentir um nó na garganta.

- Depende da experiência que elas têm. Você se esquece que minha mãe foi embora quando eu era pequena.

- Não, eu lembro sim. - Ele passou a mão nos cabelos. - Sua avó vai ficar satisfeita de nos ver juntos de novo.

- Não fale disso como fato consumado, Angolos - avisou, conseguindo dar um risinho.

- Mas você concorda que um lar estável é o melhor ambiente para se criar uma criança, não?

- Claro que sim, não sou idiota. - Georgie forçou-se a relaxar um pouco. - Preciso de tempo para pensar. É coisa demais ao mesmo tempo.

- Nós éramos bons juntos... Você deve lembrar...

Ela sentiu um misto de emoções, raiva principalmente.

- Tão bons que você me chutou!

Incapaz de encarar o olhar acusador de Georgie, Angolos baixou os olhos.

- Não me orgulho...

- Não quero saber se você se orgulha ou se arrepende, seja do que for! O fato é que você renegou nosso filho... Mas agora quer uma família - ela deu de ombros. - Grande coisa! Ano que vem, ou semana que vem, você muda de idéia de novo. Acha que vou colocar o meu futuro e o de meu filho nas mãos de alguém que não sabe o que quer?

- Sei exatamente o que quero.

A voz dele saiu grave e rascante, enviando ondas de sensualidade.

- Sim, você quer as coisas do seu jeito - respondeu Georgie, sem olhar para ele. Olhar para Angolos naquele momento seria *péssima* idéia.

- Quero que sejamos uma família, e acho que você quer o mesmo.

Ela lançou-lhe um olhar fulminante.

- Era isto que eu pensava quatro anos atrás. Dê-me uma razão para acreditar no que você diz. Você nunca nem me disse por que... - Georgie parou para controlar a voz que começava a ficar embargada. - Só quero saber *por quê*...

- Bem, para começar, eu sabia que você estava dormindo com outro.

Fez-se um longo silêncio.

- Essa de novo, não... - disse ela, cansada. - Nem mesmo você pode ser tão idiota. Claro... claro que eu tenho uma coleção de amantes!

A expressão que ela viu cruzar o rosto dele indicou que aquela não era a resposta que Angolos estava esperando. -Tive provas.

- *Isto* eu quero ver.

-Você é petulante, vou lhe dizer. Mas não foi tão cuidadosa quanto pensa.

- Vamos lá. Não vou ouvir nada até você me dizer por que rejeitou Nicky.

A linda boca de Angolos se retorceu e seus olhos se encontraram.

- Eu estava preparado para... Achei que podíamos superar sua infidelidade - lembrou ele. - Culpei a mim mesmo por lhe deixar sozinha.

- Você ia me perdoar! - Essa foi ainda mais implausível. - Se você realmente pensasse que havia outro homem, você teria acabado com ele.

- Você pensaria isso, não é?

- Então, qual é a *verdadeira* razão?

Georgie ouviu o ruído dos dentes dele rangendo misturado ao som das ondas quebrando suavemente na praia.

- Seja honesto - disse ela.

- *Eu*, honesto?

- Um bebê não se encaixava na sua vida de então, não é? Não sei o que mudou, mas se você de repente decidiu...

Ele levou a mão à boca e balançou a cabeça.

- *Theos!* - rugiu com olhos de frustrada incredulidade. Inflou o peito, respirando de modo entrecortado. - Eu achava que *não podia* ter filhos!

CAPÍTULO NOVE

O único som a perturbar o silêncio após a coagida declaração de Angolos foi o barulho dos dedos que ele começou a estalar, além de sua respiração atravessada.

- Não podia ter filhos? Isto não faz sentido.

- É. Disseram para mim que eu não podia ter filhos.

Ela ficou só olhando, ouvindo-o, mas incapaz de digerir o que ele dizia.

- Você entende o que estou dizendo?

Georgie apertou os dedos nas têmporas e balançou a cabeça.

- Não.

- É claro que eu estava errado.

- Mas isso é uma bobagem... Você não poderia... - Angolos era tão másculo que não seria possível que... Ela balançou a cabeça e, sem pensar, os olhos dela percorrem o corpo dele de cima a baixo. - Você...

- Eu funciono... - cortou ele - Você está confundindo esterilidade com impotência.

Georgie corou com a resposta direta e o encarou.

- Eu só achei que seria incapaz de ser pai.

- Mas nós só ficamos juntos algumas semanas. Você não poderia saber disso, a não ser que... - *A não ser que já tivesse tentado ser pai antes.* Com outra. Com Sônia. De repente, a cor lhe sumiu do rosto. - Ah! - exclamou Georgie, engolindo em seco. - Entendi.

Agora, tinha a resposta para a pergunta que a intrigara por tanto tempo. Para falar claramente, por que um casal que combinava tanto como Angolos e Sônia se divorciaria? Esta nova revelação respondia a tudo. Eles quiseram desesperadamente uma família, porém Sônia não engravidara.

Não seria o primeiro casamento a acabar por isso.

Dava até para imaginar: Sônia se jogou na vida social e Angolos mergulhou no trabalho. Certamente não conversaram sobre o assunto. Georgie sabia bem que Angolos não conversava.

Bastava observar Sônia e Angolos juntos para ver que eles ainda sentiam algo um pelo outro. E Georgie os vira juntos. Não teve escolha, já que a mulher foi sua hóspede poucas semanas depois do casamento.

- Então quando eu disse que estava grávida... Alguns homens teriam achado que era um milagre, mas você achou que eu...

Alguns homens não tinham uma carta do amante da esposa. Mesmo após todos aqueles anos, a humilhação da descoberta ainda lhe doía.

- Acho que alguns homens pensariam isso sim, mas agora isto é passado, agora eu sei...

- Agora sabe que pode ter filhos. *Resultado certo, mãe errada.*

Será que foi isso que ele pensou quando soube? Será que ficou pensando por que não foi Sônia quem engravidou? Georgie levou a mão ao peito, onde a infelicidade se alojara. Será que esta dor acabaria um dia?

- Sim, agora eu sei que tenho um filho. Tenho Nicky, e quero ser pai dele.

Ela franziu a testa.

- Não. - Ela não podia privar Nicky do pai, mas como sobreviveria com Angolos em sua vida? Se um dia chegou a nutrir a ilusão de que não era loucamente apaixonada por aquele homem, agora sabia que esta conveniente ilusão não era nada.

Ele a olhou com fulminante impaciência.

- Como assim, não?

- Quero dizer... Sei lá o que quero dizer. - Balançou a cabeça. - Não, isto não pode estar certo. Nós falamos de formar família... Planejamos... - Georgie parou e percebeu que não haviam conversado sobre isto, na verdade; *ela* havia falado sobre isso. - Você sabia disso quando nos casamos?

- Sabia.

- E não me disse... Deixou que eu pensasse...

Angolos viu que a cor fugiu do rosto dela.

- Você me deixou falar de filhos este tempo todo... - Ela estremeceu e olhou para ele com acusação nos olhos. - Por que não me disse? Deixou-me ficar pensando...

- Foi uma omissão, e eu estava errado. - Um homem com um mínimo de integridade teria dito.

Na verdade, Angolos tinha pensado em contar tudo antes do casamento. Perdeu a conta das vezes em que ia começar a dizer e não conseguiu terminar.

Ele tentou racionalizar, pensar que Georgie estava casando com *ele*... Afinal, não poder ter filhos não alteraria os sentimentos dela por ele.

Os sentimentos eram a base do problema...

- Lamento, Angolos.

Ele a encarou, perplexo.

Georgie estava pálida, mas composta. A vontade de tomá-la nos braços era tão forte que nem ele conseguia mais respirar.

- O que você lamenta, *yineka mou*?

- Bem, deve ter sido muito duro para alguém como você escutar que não podia ser pai.

- *Alguém como eu...?*

Ela assentiu e, ao levantar os olhos, flagrou uma expressão muito estranha no rosto dele.

- Bem, qualquer homem, então - moderou, tomando cuidado para não melindrar a masculinidade de Angolos. - Quando lhe contaram... - A voz dela diminuiu como se o estivesse imaginando sentado em um consultório médico branco e ouvindo a demolidora notícia de um médico frio.

- Você deve ter se sentido como se tivessem lhe dado um chute no... - Ela abaixou os olhos e corou. - Desculpe, não era...

- Você acertou, foi exatamente assim que me senti - cortou Angolos.

- E acho que você não conversa sobre esse assunto com ninguém.

- Não é o tipo de coisa sobre a qual um homem converse.

- Você provou sua razão. Você é muito ligado nestas coisas machistas. Não há como negar- acrescentou ela. -E sei que não pode fazer nada. Lamento mesmo que você não tenha sentido que podia confiar em mim, mas este sempre foi o problema, não é? Nunca me tratou como uma adulta capaz de tomar as próprias decisões. Sempre me manteve fora de tudo. Nossa relação nunca foi de igual pra igual.

Ele foi ficando com uma expressão de choque cada vez mais forte enquanto escutava a análise objetiva que Georgie fazia do relacionamento. Quando ela terminou, Angolos tinha o ar perplexo de quem foi atropelado por um caminhão.

- Nunca esperei que você levasse as coisas por este lado.

- Bem, não estou dizendo que ficaria feliz ao saber. Sempre quis demais ter filhos. - Ao olhar para ele, viu uma expressão abatida que cortou seu coração. - Mas isto não teria mudado nada, não essencialmente.

- Acha que não?

O ceticismo dele a irritou.

- Acho. Podíamos ter adotado... - Seu rosto se iluminou. - Há muitos bebês que precisam de uma casa.

- Parece que eu a subestimei - admitiu ele.

- Quando você ia me contar?

- Honestamente, não sei.

Para falar a verdade, Angolos estava disposto a ignorar todos os preceitos de decência que lhe foram insulados a vida inteira para se casar com uma mulher que ele

nem achava que o amava. Agora parecia que os sentimentos desta mulher eram mais profundos e menos egoístas do que os dele mesmo.

E ele estragara tudo.

- No momento, o que sentimos um pelo outro não importa - disse Angolos, com a voz carecendo de qualquer emoção.

- Tampouco estes sentimentos são um mistério - respondeu Georgie, sem energia. Para ela, se Angolos tivesse o mínimo sentimento, não a teria mandado embora.

Ela sentiu uma repentina onda de emoção. Mesmo depois de tudo que Geórgia fizera, ela ainda o amava e continuaria a amá-lo até o último suspiro. A injustiça da situação foi um golpe. Por que ele não podia saber o que fizera a ela? Por que deveria poupá-lo?

- Quer saber o que eu sinto por você? Angolos contraiu um músculo do maxilar.

- Vamos discutir seus sentimentos em momentos mais apropriados, quando você estiver menos alterada.

- Ou seja, você não quer saber.

O músculo contraído no rosto dele parecia uma bomba-relógio. Georgie pensou que devia ficar até grata por ele tê-la impedido de fazer papel de boba. Mesmo assim, não conseguia deixar de achar que seria um enorme alívio desabafar.

- O futuro de nosso filho é o que temos de decidir.

- Não há nada a decidir. - Ao menos externamente, ela mantinha o controle.

Mas, na verdade, o que ele disse a aterrorizou. Se ela havia aprendido algo em seu tempo com o clã dos Constantine, foi a não menosprezar o poder do dinheiro. Angolos talvez jamais conseguisse a custódia de Nicky - ter acesso a ele era outra história - mas podia despedaçar a vida dela enquanto estivesse tentando.

- Desculpe, mas discordo.

- Você jamais pede desculpas - respondeu, amarga. - Você teve sua chance de ser pai, Angolos, e jogou fora. E pense: nada lhe impede de fazer filhos em outra.

O que ela disse provocou chamas de fúria nos olhos dele.

- Você acha que vou embora assim? Ela levantou os ombros magros.

- Por que não iria?

- Eu não quero filhos... Quero Nicky.
- Nem sempre se consegue o que se quer, Angolos.
- Acorde, Georgette! - disse ele, ríspido. - Estamos no mundo real.

- Não, seu mundo não é a minha realidade. Meu mundo não tem vestidos de grife nem primeiras noite reluzentes, nem pessoas que o julgam pelo dinheiro que você tem, ou por quem são seus pais! Minha realidade é lutar para pagar as contas, ter um bom dia de trabalho, enfrentar estacionamento, ter ataques de raiva e ir a consultas médicas. - Parou para respirar. Falando assim, sua vida parecia menos atraente do que realmente era.

- Tudo o que peço é para ser parte deste mundo.

Desconcertada pela intensidade de seu inesperado pedido, Georgie o observou cautelosamente. Talvez ela devesse ter acrescentado as noites sem dormir e a culpa. Ser pai ou mãe incluía uma culpa enorme que, em geral, não era mencionada nos livros sobre o assunto.

- Não estamos falando de um mundo glamouroso.

- Glamour! Se alguém se deixou seduzir pelo chamado glamour de meu mundo, foi você!

Ela arregalou os olhos.

- Que idiotice!

- O fato de eu vir de um mundo diferente do seu não fez parte da atração? Você me pôs num pedestal! - acusou Angolos. - E eu explorei isto.

- Não me senti explorada. - Não gostava da idéia de ter sido uma espécie de vítima caminhando cegamente a seu destino.

- Os momentos que guardo de nós dois juntos não são as festas nem os jantares.

- Quais são, então? - Ela sentiu que se arrependeria da pergunta, mas não podia ficar sem saber.

- Aquele piquenique no chão do quarto...

Georgie arregalou os olhos. Foi nesta ocasião que ela enfrentou a ira do pessoal da cozinha e fez um pedido pessoal. Quando perguntaram que tipo de vinho ela queria com os sanduíches de pasta de peixe, disse que qualquer coisa serviria... Talvez um vinho branco efervescente... O horror na face do *chef* foi cômico. Claro que os

sanduíches eram de salmão defumado, o vinho era champanhe e os talheres eram de prata, mas ela não se fez de rogada. Em vez disso, mostrou-se encantada e agradeceu calorosamente ao pessoal da cozinha.

- Lembra-se disso? - perguntou ela, atônita.

- Claro que me lembro muito bem. Também lembro do que aconteceu depois... - Ela olhou sem piscar para aqueles olhos carregados de uma explícita mensagem sexual.

E Georgie recebeu a mensagem. Suas pupilas se dilataram dramaticamente. Respirando de modo sôfrego, ela molhou os lábios secos com a ponta da língua. Levantou a mão em um gesto agitado e deixou cair de novo.

- Você...?

- Você sabe que sim. - Ela tentou ignorar o calor úmido entre as coxas. - Nós tivemos nossos bons momentos - admitiu Georgie.

- Um pouquinho melhor que *bons*.

Ele estava certo. Bom era algo seguro e confortável; o que viveram não foi nem uma coisa, nem outra.

- Pense nisso, Angolos - apelou ela. O brilho nos olhos dele indicava que ele não estava com muito clima para pensar. - Essencialmente, nada mudou. Você veio aqui para se divorciar.

Isto captou a atenção dele.

- Vim aqui para descobrir a verdade - rebateu Angolos.

- E aposto que preferia não ter descoberto.

- Preferências não contam - respondeu ele, com *voz* baixa e controlada. - Eu tenho um filho... *Dios mio!* - arfou, agora já sem controle nenhum. Seus olhos em chamas se ligaram aos dela. - Minha vida mudou bastante. Se você imaginar por ao menos um segundo que eu preferiria não saber, então você está louca. Eu tenho um filho. Posso ser lento, mas sei reconhecer um milagre quando me deparo com um.

- Você pode ter mais filhos. Como eu disse, vá fazer filhos em outra - recomendou Georgie, encarando-o de modo beligerante. - É isso que você quer. Nicky já tem uma família.

Ela já entendia grego o suficiente para captar o fluxo de palavrões pesados que saiu de seus lábios. Até o mais liberal dos censores o teria condenado.

- Você acha que a solução seria engravidar outra mulher?

- Sinceramente, fico surpresa de você ainda não ter feito isso. Ou será que você só está esperando se tomar oficialmente solteiro outra vez?

Angolos a encarou com revolta.

- Sim.

Georgie ficou sem expressão, surpresa.

- Acho que isto deve ser alguma piada.

- Na verdade, não é. Levo os votos matrimoniais muito a sério.

- Ah, é mesmo? Estes votos incluem também um pouco de carinho. E, pelo que me lembro, você não foi muito carinhoso ao me expulsar de lá. Mas não se sinta mal por isso, porque teve seu lado bom. Devo admitir que, após passar aquele tempo sem opinar nada sobre minha própria vida, foi um verdadeiro choque me ver sozinha. Mas eu sei me virar sozinha agora.

A raiva no rosto dele foi substituída por uma frustração amarga ao olhar para o rosto dela. Georgie estava chorando descontroladamente. Não houve resistência quando ele a tomou nos braços.

- Agora as coisas vão dar certo.

Georgie, que achava que nada daria certo, levantou a cabeça.

- E como?

Ele levantou o queixo dela com os dedos.

- Olhe para mim, *yineka mou*.

- Não tenho escolha, tenho?

- Vou aprender a ser um marido decente.

Os olhos escuros dele se detiveram no rosto de Georgie, que se mexeu de modo desconfortável. O movimento resultou involuntariamente no encaixe das pernas dele nas dela. Ela tremeu ao sentir o sinal da masculinidade e do desejo que vinha dele.

- Você está falando sério, não é? - Ocorreu-lhe que quem estivesse passando por perto acharia que eles fossem amantes abraçados.

- SÉRIO para valer. -Acariciou então o lábio inferior dela com seu polegar. Georgie tremeu nas bases, atingida em cheio por uma intensa onda de desejo.

- Isto não é justo - sussurrou ela. -Adoro sua boca. Sempre adorei... Georgie engoliu em seco.

- Não acho que minha boca seja relevante para esta conversa.

- Toda noite eu penso em seus lábios doces em meu corpo e sinto dor de tanta falta.

Ele pensou em... sentia falta dela..

E ela podia dizer o mesmo...

Sentiu o hálito quente dele tocar seu lóbulo sensível e suspirou, rapidamente perdendo a batalha contra o desejo urgente que parecia uma maldição sobre o corpo brando.

Angolos deve ter sentido sua rendição, pois Georgie sentiu o triunfo masculino em sua voz.

- Será ainda melhor do que quando estávamos juntos... Ela virou a cabeça e seus lábios quase se tocaram. Com um gemido de repulsa, Georgie o afastou, respirando forte.

- Você é um controlador compulsivo! - Levou a mão ao pescoço. Sentia a pele quente e pegajosa. - Bem, sua tática não vai funcionar desta vez.

- Primeiro, isto não foi tática nenhuma. Concentrou-se no rosto dele e viu que havia um brilho úmido em sua pele morena. O calor nos olhos de Angolos foi desaparecendo, deixando uma frustração crua em seu lugar.

Ela resolveu não perguntar o que era aquilo.

- E em segundo?

- Segundo, quase funcionou. Será que você não pode aceitar o fato que eu só quero você, e que você me quer também? Isso não foi parte de nenhum plano sinistro. Eu não me valeria de sua submissão para fazê-la voltar para mim. E também não ia lhe jogar na areia nem nada. Foi só um beijo. - Ele voltou a atenção para os lábios dela. - *Quase um beijo.*

Os músculos do ventre de Georgie se contraíram ao ouvir aquilo.

Ela apertou as mãos.

- Angolos...

Contra todas as chances, ele respondeu ao apelo angustiado de sua voz.

- Ótimo, você quer se concentrar no lado prático da coisa. Considerou os aspectos financeiros?

- O que quer dizer com "aspectos financeiros"?

- Um dia, meu filho vai herdar tudo o que tenho.

Georgie arregalou os olhos; Angolos tinha muito dinheiro!

- Não havia pensado nisto.

- Ele vai ser um homem riquíssimo. Mas também vai herdar responsabilidades - continuou, de modo bem prático. - Poder e dinheiro podem ser a ruína de certas pessoas. Já vi isto acontecer antes. Nicky precisará de orientação... Não no sentido pesado, mas no sentido da orientação de um pai.

Um silêncio profundo se seguiu.

- Você está levantando vários fatores a pensar - reconheceu ela. Eram argumentos poderosos, não dava para fingir o contrário.

- Então vá embora e pense... Até amanhã.

- Amanhã? - Ela balançou a cabeça. - Não é tempo suficiente. Não posso resolver uma coisa tão importante de um dia para outro.

- Eu me despenquei até aqui para ser razoável, Georgie, mas não me provoque. Amanhã.

Ela fez que sim, relutantemente.

- Tenho que voltar. Ruth está tomando conta de Nicky.

- Ele é um lindo menino. Seus olhos se tocaram.

- Nick é a sua cara. - Quando acabou de dizer aquelas palavras impensadas, mas cheias de sentimento, Georgie se arrependeu e desejou poder voltar atrás.

- Georgette, assim você me faz ficar vermelho - brincou ele, mostrando os dentes perfeitos e brancos ao dar risada do evidente embaraço dela.

- Posso ligar para sua casa amanhã?

Ela fez que não. No dia seguinte, seu pai e Mary trariam a avó de volta.

- Na igreja, à uma da tarde.

- Estarei esperando.

CAPÍTULO DEZ

Na verdade, quem esperou foi ela.

Quando Georgie chegou, não havia sinal de Angolos. Ela teria seguido seu primeiro e covarde impulso de ir embora, mas sabia que ele iria atrás dela.

Deu um suspiro e foi pelo portão em direção ao cemitério da igreja. Com o pensamento longe, começou a vagar por entre as lápides. Georgie nunca achou aquele lugar sombrio. Gostava da atmosfera tranqüila.

Parou então, atraída por um memorial coberto de musgos. De acordo com a inscrição desgastada na pedra, a mulher que vivera trezentos anos atrás tivera vida longa. Aquilo despertou a curiosidade de Georgie. Será que aquela mulher nascida em outro século havia sido feliz?

Várias guerras, uma revolução industrial e uma revolução sexual a separavam daquela pessoa. Sua própria vida estava a anos-luz da vida que aquela mulher viveu, mas, mesmo assim, o principal, as coisas que todos mais queriam no fundo, não haviam mudado.

Amar e ser amada.

- Você foi amada...? - Georgie deu uma olhada nas letras castas. - Você foi amada, Agnes? - sussurrou ela.

Se alguém a tivesse ouvido, acharia que ela estava louca, e pensou que talvez não estivesse longe disso. Achava que era amada, porém descobrira que não era da maneira mais cruel possível.

Georgie deu as costas para a lápide e pensou como seria bom se pudesse simplesmente apagar o passado.

Respirou fundo de olhos fechados. Nunca lhe passou pela cabeça que Angolos não ficaria tão entusiasmado quanto ela com a gravidez. Claro, ela não sabia na época do que sabia agora.

Georgie planejara a noite nos mínimos detalhes. Queria que tudo fosse perfeito, mas, desde o começo, as coisas não deram certo.

Para começar, a festa à qual Sacha e Olympia iriam fora cancelada no último minuto, de modo que o jantar romântico que haviam planejado virou um jantar em família. Georgie quis gritar de frustração, principalmente porque Angolos não apareceu.

Quando ele chegou uma hora depois do prometido, pareceu distraído e foi até ríspido com a mãe, que caiu na besteira de reclamar do atraso. Georgie notou que ele a olhou de modo estranho algumas vezes depois disso, e achou que Angolos reparara que estava grávida. Aquilo explicaria a tensão contida que emanava dele.

A refeição foi tensa, formal, porém aquilo não era incomum, e pareceu durar para sempre. Quando finalmente se retiraram para a suíte deles, Georgie nem sabia o que dizer. Angolos não ajudou muito. Parecia estranhamente distante e inatingível. Ela reparou que ele bebera mais no jantar do que o normal, e a boca de lábios tensos mostrava que algo estava errado.

- Você teve um dia ruim? - perguntou ela, tocando-lhe o braço.

Os olhos dele imediatamente se dirigiram à sua pele. Apesar de suas feições não transmitirem claramente nenhuma expressão, Georgie se sentiu estranha e tirou a mão.

- O que você acha?

Magoada e perplexa com a hostilidade, sentou-se na cadeira ao lado da cama.

Ela o observou tirar a gravata e cair de costas na cama. Angolos ficou deitado por um momento, com braços abertos e olhos fechados. Então começou a desabotoar a camisa. O gesto revelou a pele dourada do torso musculoso e Georgie sentiu a respiração parar na garganta. Ele era simplesmente lindo.

Angolos a mirou com olhos semicerrados.

- Você estava quieta esta noite - observou.

- Estava? - *O que ele iria dizer quando ela contasse?* Georgie olhou para as portas duplas abertas que davam para a varanda. - Por que não nos sentamos lá fora? Adoro ver o luar sobre o mar. - E qual cenário poderia ser mais romântico para lhe contar as novidades?

- Você até parece uma turista. - Antes que ela pudesse dizer algo, Angolos continuou. - De qualquer modo, prefiro olhar para você. Parece especialmente entusiasmada hoje.

- Pareço?

- Sim. - Seus dedos longos se fecharam em seu pulso. - Diga-me o que andou fazendo hoje. Sentiu minha falta?

Só de cinco em cinco minutos.

- Tenho andado muito ocupada, na verdade.

Não queria se tornar uma esposa pegajosa. Ainda bem que Alan estava ficando num vilarejo próximo com um amigo.

Georgie correspondeu ao toque em seu braço e sentou-se ao lado dele, sorrindo. Ele não correspondeu ao sorriso.

- Alan foi embora hoje.

- Que triste, não?

- Não seja mau com ele - pediu Georgie.

- *Mau...*?

- Bem, você é... - Ela arfou quando ele virou seu pulso e pressionou os lábios na pálida pele. Todos os pêlos de seu corpo se arrepiaram.

- Já lhe disse que você é o homem mais lindo de todos os tempos?

- Ultimamente, não.

A voz rouca dele a fez estremecer por dentro.

- Acho que ultimamente tenho andado meio enjoada - reconheceu ela. Quando descobriu por que, achou que ele fosse perdoar seu humor instável. - Até hoje eu mesmo não sabia o motivo.

- Vai compartilhar o segredo comigo?

- Já, já - prometeu ela com seu sorriso mais enigmático, encaixando seu corpo ao dele com as pernas.

- O que está fazendo?

- Só o que qualquer esposa deve fazer. - Ela franziu a testa ao se concentrar em abrir os últimos botões da camisa de Angolos. Passou os dedos pelo abdômen de pêlos sedosos e sentiu que ele contraiu os músculos. Georgie deu um suspiro voluptuoso de prazer.

Ele segurou suas coxas com mãos possessivas.

- Por que isso?

- Não gosta?

- Ah, gosto. Só estou imaginando por que resolveu tomar a iniciativa esta noite...

Será que ele estava dizendo que a achava entediante e previsível na cama? Este pensamento lhe cortou o prazer e acabou com sua recém-descoberta confiança em si mesma.

- A noite de hoje é especial.

- Acho que vou lembrar disso. Georgie, já ensaiando em sua mente o jeito que daria a notícia, mal registrou a irônica resposta.

- Angolos, tenho de lhe dizer uma coisa. - Ela se inclinou, com os olhos brilhando de ansiedade, as bochechas ligeiramente coradas. - Acho que o que vou lhe dizer vai lhe deixar animado. Bem, você vai ser pai, Angolos. Estou grávida!

Ele, que estava de olhos fechados, assim permaneceu.

Georgie até achou que ele não tivesse ouvido.

- Grávida?

Ela assentiu, mas começou a sentir medo. Alguma coisa estava muito errada, mas ela não sabia o quê. Talvez ele achasse cedo demais, o que não fazia sentido, já que foi ele quem disse que não era preciso usar nenhum anticoncepcional...

- Sei que não havíamos planejado... Mas achei que você fosse ficar contente. Está contente?

- Contente? Estou felicíssimo! - respondeu, com expressão péssima. - Não está vendo, *yineka mou*?

- Eu não... não entendo - gaguejou ela.

Angolos fez a curva em uma viela e parou o carro. Estava vendo Georgie sentada no muro, e ela ainda não o havia visto. Ele aproveitou a oportunidade para observá-la.

Estava com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo e rosto sem qualquer maquiagem, parecendo mais uma adolescente do que a mãe de uma criança; mãe *de seu filho*. A idéia ainda lhe parecia estranha, quase que miraculosa, apesar de ele não esperar que Georgie compartilhasse deste seu deslumbramento.

- Você estava longe.

Georgie deu um pulo ao ouvir sua voz.

- Você está atrasado.

Ele não disse nada ao ouvir seu tom acusatório.

- Chegou a uma decisão?

- Cheguei. - Havia pensado muito. Achou até que o cérebro fosse explodir.

- E...? - O músculo de seu maxilar se retesou.

Como não era de ficar de joguinhos, ela respondeu imediatamente.

- Concordo que não tenho direito de privar Nicky de sua herança. Posso protegê-lo agora, mas não poderei protegê-lo sempre. Só terei de ensiná-lo a tomar conta de si mesmo. De modo que irei para Grécia com você, Angolos, em um período de experiência.

Ela notou que os músculos do rosto dele ficaram relaxados.

- Obrigado, Georgette. Juro que farei o meu melhor para não lhe decepcionar.

A sinceridade palpável na voz dele fez Georgie sentir um nó na garganta.

- Não acho que você vai me decepcionar, mas não me deixou terminar. Tenho condições?

- O que você quiser - respondeu ele.

- Não acha que devia escutar primeiro que condições são estas?

- Faça suas exigências. Não importa quais são. Farei de tudo para desenvolver um relacionamento com meu filho.

Ele arqueou uma sobrancelha e olhou para ela sardonicamente.

- Você tem dúvidas? Acha que não vai dar certo? Georgie deu uma risada relutante.

- Só umas duzentas dúvidas. - Olhou para ele com expressão sóbria, quase sentindo sua impaciência. - Da última vez, não deu certo.

Ela sentiu que seu controle estava se esvaindo e caminhou em direção à igreja.

Angolos soltou um palavrão entre dentes e a acompanhou.

- A situação não é a mesma.

O que era verdade. Antigamente, ele a amava, ou dizia amar ao menos. Desta vez, não havia o que discutir, o que ele queria mesmo era ser pai de seu filho.

- Eu sei disso, mas, de resto, é tudo a mesma coisa. Você... - Ela parou e sorriu para um casal de idosos que caminhava de mãos dadas.

- Linda tarde.

- Maravilhosa - concordou Georgie.

- Por que os ingleses são obcecados com o tempo? - Antes que ela pudesse defender a obsessão nacional, Angolos acrescentou - Por que você está determinada a encarar esta coisa de modo negativo?

- Não estou sendo negativa, estou sendo realista. Vamos voltar à mesma casa. Você é o mesmo homem. Sua mãe ainda não gosta de mim.

- Não é verdade que minha mãe não gosta de você.

Georgie sorriu e desviou o olhar.

- Se você diz...

- Talvez você tenha esquecido do obstáculo mais significativo.

Ela levantou os olhos em direção à torre da igreja. Quando garota, sonhava entrar nela vestida de noiva. Mas a realidade fora bem diferente. Angolos deixou claro que não queria uma festa grande de casamento.

- Já passei por isto, mas, se você quiser, é claro...

- Não, eu detesto casamentos grandes - mentiu ela conscientemente. - O que importa são os próximos vinte anos, não este dia em si.

Angolos riu da seriedade dela e chamou-a de romântica incurável, mas Georgie ficou contente de tê-lo agradado. Ela deu um suspiro e encostou-se à parede agora.

- E qual é o obstáculo?

- Você também ainda é a mesma.

Ela balançou a cabeça, mas não olhou para ele.

- Está errado. Não sou mais a mesma pessoa, Angolos.

- Quer dizer que não vai ficar descontente desta vez? Desta vez, ela levantou os olhos. - *Descontente...*?

- Você nunca se esforçou para se adaptar.

- *Me adaptar!* - exclamou ela, revoltada com a injustiça do que ele estava dizendo. - Se depender de eu mudar minha personalidade, isto jamais acontecerá.

- Do que está falando? *Como se ele não soubesse.*

- Diga, Angolos. Quanto tempo você levou para se arrepender de nosso casamento? Uma semana... duas? - *Agora* ele estava pronto a dar um tempo em sua vida por causa do filho, mas, naquela época, não dispunha sequer de um fim de semana livre para ficar com ela! Se seu amigo Alan não tivesse chegado, ela teria se sentido ainda mais solitária.

- Isto não vai nos levar a nada - disse Angolos, com a voz pesada.

- Talvez alguém esteja tentando nos dizer algo - murmurou Georgie, levantando-se.

- Não é lá muito construtivo ficar relembrando o passado a cada cinco minutos. Você está parecendo criança.

Ela estava tentando lutar contra a consciência da proximidade do calor do corpo dele, mas estava perdendo a batalha.

- Sei muito bem que você não é criança. - Ele deu um suspiro estremecido que sugou os músculos de sua barriga lisa e fez inflar o peito. Ele passou a mão pelos cabelos escuros.

- Antigamente, eu conhecia seu corpo tão bem quanto o meu próprio.

Seus olhos se encontraram e Georgie derreteu por dentro.

- A atração ainda existe.

- Não sei se quem lhe decepcionou fui eu ou a Grécia. Mas lá é minha casa, e um dia já foi a sua também. Gostaria que meu filho também tivesse a oportunidade de aprender a amar aquele lugar.

- Lá nunca foi minha casa. - A tristeza nos olhos dela era cheia de ressentimento. - Sempre fui uma visitante, e não era das mais bem-vindas. - A mãe dele, aquela medonha Olympia, fizera de tudo para tal.

- Isto é absurdo! Esse melodrama não vai ajudar em nada! - respondeu ele, impaciente.

Georgie não respondeu. Sabia perfeitamente bem que Angolos jamais acreditaria que sua família a odiava, já que na frente dele eram só gentilezas.

- Não quero dividir a casa com sua mãe nem com sua irmã.

- É mesmo?

Ela viu pela expressão dele que não estava sendo levada a sério. Georgie respirou fundo. Se ela fosse fazer aquilo, teria de ser nos seus termos.

- Vou dizer de novo. Eu *não* vou dividir a casa com sua mãe nem com sua irmã.

Angolos a encarou com os olhos apertados?

- Está falando sério?

- Seriíssimo.

Ele mudou a expressão.

- Você quer que eu expulse minha mãe e minha irmã de casa?

Georgie viu que ele ficou ultrajado.

- Acho que elas não vão ficar desalojadas, vão? - A mãe dele era dona de uma *villa* palaciana a poucos quilômetros, além de uma casa em Atenas, e isso era o que Georgie sabia. - Quanto a Sacha, se você a deixar viver a própria vida, em vez de ficar combatendo seus pretendentes...

- Ela se casou ano passado.

- Ah, que ótimo!

- Mas eles brigaram e...

- Deixe-me adivinhar: ela voltou para casa.

Angolos tomou a defensiva.

- E por que não voltaria?

- Já lhe ocorreu que ela jamais vai resolver seus problemas enquanto tiver você para resolver por ela?

- Você detesta minha família tanto assim?

Ela deu um suspiro de cansaço.

- Não os detesto. Mas elas não são lá muito minhas fãs. Na verdade, acho que não gostam de ninguém que esteja com *você*, a não ser Sônia.

- Besteira.

Ela sentiu que o pouco caso que ele estava fazendo ao que dizia fazia sua raiva crescer.

- Elas ainda acham que vocês vão voltar.

- Isto é totalmente ridículo. Nós nos divorcamos há muito tempo. Nem sei por que nos casamos...

Talvez o fato de tanto ele quanto Sônia terem desejado a separação tenha cooperado para continuarem amigos.

- Talvez tenha algo a ver com o fato de ela ser bonita, talentosa, sensual e não conseguir tirar as mãos de você.

- Você teve ciúme? Georgie riu. Não pôde evitar.

- É *claro* que eu tive ciúme. Qual esposa não teria?

- Uma esposa sem problemas de auto-estima.

Georgie teve vontade de bater nele quando Angolos a encarou daquele jeito presunçoso.

- Sua ex-esposa me disse que eu sou bem o tipo de mulher calma e caseira que você precisa.

- Sônia não quis dizer nada com isso, tenho certeza. Ela só costuma dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça. É muito espontânea.

A rapidez com que defendeu a outra a fez sorrir. Se ele a defendesse também com metade do entusiasmo...

- Quando eu pedia aos empregados para fazer algo, eles sempre pediam primeiro permissão à sua mãe.

- Ridículo.

- Foi ridículo ter de agüentar isto, mas eu era muito nova e ingênua. Aquilo em si já era demais, mas, quando defendiam Sônia, eu me sentia muito mal... Sentia-me totalmente excluída.

- Você está exagerando. - Apesar de Angolos dizer isto, ela viu pela primeira vez a incerteza nos olhos dele.

- Como pode saber? Você nunca estava lá.

- Fiquei muito tempo fora por causa do trabalho. E minha mãe apenas tentou fazer você se sentir em casa. E, se eu quisesse Sônia, continuaria casado com ela. Eu queria você. - Georgie respirou fundo, tomada pelo desejo sempre que punha os olhos sobre aquele corpo tão másculo. - E você me queria... - disse ele. O coração dela batia tão forte que Georgie mal conseguia respirar. Seus joelhos estavam bambos. - E você me queria - repetiu.

Ela levantou os olhos.

- Algumas coisas mudam - provocou Georgie. Angolos olhou bem para ela, concentrando-se em seus lábios trêmulos.

- Outras não.

Silenciosamente, ela balançou a cabeça. Ele levantou o queixo dela para encará-la. Havia raiva em seus olhos.

- Por que você não reconhece?

- Porque não quero sentir isso quando você... - Sem avisar, ela se desvencilhou dele. Com os olhos em brasas, os seios ondulando ao respirar forte, ela o encarou desafiadoramente.

- Não sou uma criança impressionável. Levar-me para a cama não vai me fazer mudar de idéia.

- Vai lhe fazer se sentir menos frustrada, pelo menos. - Georgie estava quase dando uma resposta malcriada quando ele acrescentou: - Sei que me faria me sentir menos frustrado. Nunca tive autocontrole quando se trata de você. Você não faz a menor idéia do que sinto quando você está perto e não posso tocá-la... - disse ele, com voz carregada.

Ela sentiu uma onda de calor tomar-lhe o corpo.

- Diga - exigiu Georgie, com a voz gutural, recuando quase imediatamente, como se fosse caso de vida ou morte. - Não... não, não quis dizer isso.

Angolos respondeu à negativa dela com um sorriso perturbador.

- Tem certeza? - O olhar ardente dele parou nos lábios entreabertos dela.

Georgie ouviu um gemido baixinho e se deu conta, para seu profundo choque, que viera dela mesma. Envergonhada do desejo que acometeu seu corpo trêmulo na forma de um calor sensual e intenso, tentou se virar, mas os joelhos lhe faltaram e ela tropeçou.

Ele a amparou com o braço. Seus olhos se encontraram.

- Você gosta da idéia de ser tocada por mim, Georgette?

Uma imagem da última vez que fizeram amor espocou na cabeça dela. Angolos entrara no quarto sem que ela ouvisse. Ela não sabia que ele estava lá até se virar e se deparar com ele, que a observava.

Ele pareceu tão imaculado com a camisa entre aberta e a calça bem costurada!

- Há quanto tempo está aí?

Ele não respondeu, apenas continuou olhando para ela.

- Eu estava arrumando as gavetas...

Ele foi se aproximando dela sem a menor pressa, terrivelmente sexy, alto e esguio.

- Temos funcionários para fazer essas coisas.

Em poucos segundos, Angolos estava ao lado dela.

- Eu sempre esqueço...

O resto da frase ficou por terminar quando ele pegou o rosto de Georgie e a beijou de modo desesperador. Ela se agarrou a ele, sentindo a violência do desejo. Arfou e gemeu o nome dele ao sentir suas mãos debaixo da saia, afastando a calcinha e tocando o calor úmido entre suas pernas.

- Sempre que a toco, você está pronta para mim...

- Georgette?

O som da voz de Angolos a trouxe de volta ao presente,

Estava desorientada.

- Você está bem?

- Você me perguntou se eu gosto da idéia de ser tocada por você...? Ele corou.

- Você tem razão. Aqui não é hora nem local.

- Pensar é bom, fazer é melhor.

E Angolos era muito bom *ao fazer* aquilo. Quando ela fechava os olhos, conseguia vê-lo sobre si, com a pele brilhando e mergulhando nela repetidamente.

Georgie abriu os olhos, arfando.

- *O que estou fazendo?*

Ele segurou-lhe o queixo e a fez encará-lo.

- Não sei, mas, se você não parar, vou acabar sendo preso. - Os olhos dele brilhavam, divertidos. Porém, no fundo, espreitavam emoções mais perigosas. Aqueles olhos sombrios que ele tinha exerciam um fascínio poderoso sobre ela. Sempre exerceram.

- Não foi minha intenção. - Ela deu um grunhido de autocensura. - Que estupidez! Mas eu sempre digo e faço coisas quando você está por perto, coisas que não faço com mais ninguém... Desculpe mesmo.

- Pareço ofendido?

Ela levantou os olhos, balançou a cabeça e ficou retorcendo uma mecha de cabelo entre os dedos.

Nem pense em dizer a Angolos como ele é bonito, pensou Georgie.

- Você ainda me quer. Para mim, isso não é motivo de desculpas.

- Bem, não precisa agir como se ainda não soubesse disso - falou ela, encarando aquele rosto arrasadoramente belo.

- Não considerarei isso o ponto final de tudo, como você parece considerar - rebateu ele de modo seco.

Os olhos dele se voltaram para o colo de Georgie, e lá ficaram. Ela corou e deixou os cabelos caírem sobre os seios, sem perceber que, ao fazer isso, empinou-os mais ainda.

- Aposto que você era um poço de insegurança. - Angolos, vítima de baixa auto-estima? Ah, claro, era mesmo *bem* capaz!

- A chama que queima mais forte nem sempre dura mais tempo. Você era muito jovem...

- E estúpida - cortou ela, com raiva. - Sim, muita gente acha isso, o que só mostra que uns anos a mais não tornam ninguém necessariamente menos estúpido! - Ela agora o queria mais que antes.

- Então este aspecto de voltar para mim não lhe enche de repulsa?

- O sexo sempre foi fantástico - resmungou Georgie, evitando seus olhos como se fosse caso de vida ou morte. - Era o resto que era terrível.

- Então vamos trabalhar no resto e curtir o sexo - anunciou Angolos, soando estar satisfeito consigo mesmo, já que ela havia acabado de confessar que tinha atração por ele. Por que sua boca se desligava de seu cérebro quando ele estava por perto?

- Isto é o que veremos - respondeu Georgie, enquanto caminhavam.

- Aonde vamos?

- Vou pegar Nicky com Ruth e depois...

- Vou com você.

CAPÍTULO ONZE

Georgie entrou no recinto cheio de gente e não entendeu nada.

- Olhe para ela - zombou Robert Kemp. - Ela esqueceu que vínhamos. - Ele então envolveu a filha em um abraço de urso.

- Claro que não esqueci, pai - mentiu Georgie. - Como vai?

- Estamos bem... mas não se importe conosco. Como vai meu neto favorito? Aliás, *onde* está meu neto favorito? A madrastra, mais contida, pôs a mão no braço de Georgie.
- Algo errado, querida?

- Estou bem, obrigada, Mary. Ele está no jardim, pai. -OuvIU-se então uma risada aguda de Nicky vindo de fora. - Não, não vá ainda - disse ela, segurando o pai pelo braço quando ele foi até à porta. - Preciso dizer uma coisa. - *Respire fundo... mantenha a calma, seja firme... não fale de modo inseguro.* - Não, na verdade, preciso dizer algo a todos.

- Vamos lá, então, não faça mais suspense - pediu o pai, impaciente.

- Sente-se, Robert - disse a esposa de modo incisivo, com os olhos fixos na figura tensa de Georgie. - Não vê que tem algo errado?

- Não é que haja algo *errado*. E só que eu tomei uma decisão.

A avó falou pela primeira vez.

- É aquele homem, não é? Você o encontrou novamente. Sim, ouvi falar que ele esteve aqui. Ninguém dirige um carro como o dele por aqui e passa despercebido.

- Que homem? - perguntou Robert Kemp, ansioso. -Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

- Aquele tal de Constantine.

Robert virou-se para a filha.

- Diga que isto não é verdade, Georgie.

Georgie olhou para os três rostos que a encaravam de modo acusador. *Não interessa se estou me sentindo em um tribunal*, pensou ela.

- Angolos tem direito de ver o filho, pai.

O pai levou as mãos à cabeça.

- Aquele homem a envolveu de novo, não é? Ele só causou problemas a esta família desde o momento que surgiu, e eu gostaria que você nunca o tivesse visto na vida.

- Se eu nunca o tivesse visto, Nicky não existiria.

- Não banque a espertinha comigo, minha filha. Espero que você tenha dito que não precisamos dele.

- Não foi bem isso que eu disse - reconheceu Georgie com desconforto. - Na verdade, concordei em voltar para a Grécia com ele...

Fez-se um silêncio de perplexidade. O pai foi o primeiro a recuperar a voz.

- Ele está aqui agora?

- Pai, por favor... - pediu ela.

- Você nasceu com algum problema mental?

A avó pegou a caixa de remédios e tomou uma pílula, levando a mão dramaticamente ao coração.

- Se este homem lhe dissesse para pular no meio de um lago, você pularia. Basta ele levá-la para a cama e você vende sua alma, ou até - enfatizou no drama - o próprio filho!

Georgie ficou vermelha ao ouvir aquilo.

- Nicky tem direito de conhecer o pai, vó. - *Não tem? Ele não perdeu os direitos?*

- A questão não é Nicky, é você - respondeu a senhora.

Georgie corou, cheia de culpa. Aquele era um fardo pelo qual procurara. E, sinceramente, não podia negar que havia um elemento de verdade no que diziam. Ela queria fazer a coisa certa para Nicky, mas, quando a *coisa certa* envolvia voltar para o homem que fora a paixão de sua vida, será que conseguiria ter certeza de ter decidido com objetividade?

- Se aquele homem chegar perto do meu neto, eu... - começou Robert a dizer.

Georgie perdeu a paciência. Sua família a ajudou na hora que precisou, porém era de *sua* vida que estavam falando.

- Vai fazer o quê, pai? Ensinar-lhe uma lição? Acha mesmo que poderia? Desculpe... - ela mordeu o lábio. - Não devia ter dito isso. Sei que, no fundo, quer o meu bem, mas a vida é minha. Não é um impulso, sabe. Eu pensei bastante.

- Bem, nesse caso, não há mais nada a ser dito.

Georgie deu um suspiro de alívio.

- Obrigada, pai. Fico satisfeita.

Robert olhou para a mão estendida a ele e ignorou de propósito. Foi para junto da esposa e pôs o braço em seu ombro.

- Se quiser, volte para a Grécia com esse seu suposto marido, se é o que quer. Mas não será mais minha filha.

- Não pode estar falando sério, pai! - disse ela, apesar de saber que estava.

- Robert! - reclamou a madrastra. - Não pode fazê-la escolher desta maneira... Ele não está falando sério, Georgie.

- Estou falando sério, sim. Se você for para a Grécia, eu lavo as mãos em relação a você. - Ele deu um tapinha na mão da esposa. - Às vezes, o amor é uma coisa dura, Mary. Isto é uma questão de lealdade. - Com o rosto feito pedra, ele se virou para a filha. - Então, Georgie, como vai ser? Vai escolher a família ou o homem que liga tanto para o filho que andou ocupado demais pelos últimos três anos para lembrar que o garoto estava vivo?

- Eu já me decidi, pai.

Robert fez uma expressão de total perplexidade.

- Você vai para a Grécia?

A avó, que estava observando o desenrolar das coisas de sua cadeira, pegou sua bengala e se levantou majestosamente.

- Sua filha ingrata!

- Por favor, vó... - Ela olhou, angustiada, para o pai. - Eu sei o que é não conhecer um dos pais. Não quero que Nicky...

- Você acha que seu pai impediu sua mãe de vê-la?

- Não culpo meu pai. Sei que minha mãe o magoou muito.

- Seu pai é mole demais para lhe contar. Ele não contou. O fato é que ela não queria vê-la. Minha nora não queria saber de você, simplesmente - revelou, revoltada. - A única coisa que importava para ela era seu garçom bonitinho, e ele não queria criança nenhuma. Eu acho - acrescentou, com a voz trêmula - que a história está se repetindo.

Georgie estava pálida de choque. Seus olhos pulavam de uma direção a outra sem ver nenhum dos parentes. Realmente, sabia que, se a mãe quisesse vê-la, teria procurado. Mas, como qualquer criança, ela nutriu fantasias, as quais persistiram até a vida adulta: a mãe sendo a vítima do destino cruel que a separou da filha amada contra sua vontade.

- Eu não abandonaria Nicky por nada, nem ninguém.

- Claro que não, Georgie - disse a madrastra. - Você é uma mãe maravilhosa.

- Concordo totalmente. - Angolos esperou até que todos no recinto se voltassem para ele para continuar. - Georgette tem feito o trabalho de pai e mãe por três anos. Acho que está na hora de aliviar seu peso.

Georgie se voltou na direção daquela voz profunda e confiante. Sentiu um enorme alívio ao olhar em seus olhos.

- Angolos, eu... - Quanto da conversa será que ele tinha ouvido?

- Acho que este juvenzinho precisa de um banho - anunciou Angolos, olhando para a figurinha encardida em seus braços. O amor em seu rosto era tão palpável que Georgie não podia acreditar que era a única a perceber.

Era *por isto* que ela estava fazendo o que estava fazendo.

Angolos sorriu para os outros três indivíduos no recinto.

- Eu espero aqui.

- Acho que não é boa idéia - disse Georgie enquanto ele passava o filho para os braços dela. - Acho melhor você ir embora. Pode me ligar mais tarde. - Ele simplesmente não poderia estar ignorando a hostilidade a ele, mas estava agindo como se nada percebesse. -

- Atrevido... - murmurou Robert entre os dentes.

- Você não mudou nada, Robert. Está malhando na academia? - perguntou Angolos. Robert foi ficando vermelho de raiva, mas Angolos voltou-se calmamente para Georgie. - Pode ir, vai dar tudo certo.

Georgie foi, um pouco hesitante. O sorriso de Angolos durou até ele ouvir o som da porta abrindo e fechando no andar de cima.

- Certo, vocês não agüentam nem olhar para minha cara. Eu agüento isto. Sou casca grossa, nada sensível. Mas a única pessoa a quem vocês estão insultando com isto é Georgette, e imagino que não queiram fazer isso. - Olhou para o sogro, que o encarava com desprezo. - Se eu fosse o senhor, provavelmente sentiria a mesma coisa. Você gostaria que eu desaparecesse de suas vidas. Só que não será possível, de modo que sugiro que se acostumem.

-*Jamais!* - grunhiu Robert Kemp.

- Também não tenho nenhum apreço especial por vocês, mas posso tolerá-los por causa de Georgette. Vocês são avós de meu filho e espero que continuem sendo parte

importante de sua vida. Entendo que falaram no calor da discussão e que não têm intenção de renegar a filha e o neto, portanto acho que seria melhor que esquecêssemos o que disseram.

- Você... *você acha...* - gaguejou Robert, ignorando a tentativa da esposa de acalmá-lo. - O que lhe faz pensar que me importo com o que você acha?

- Não penso. Mas acho que se importa com Georgette. Talvez fosse melhor nos concentrarmos no que temos em comum.

- E o que temos em comum?

- Ambos queremos a felicidade de Georgette, eu posso fazê-la feliz.

E saiu do recinto, deixando um silêncio de perplexidade atrás de si.

Apesar de ter chegado em silêncio, Georgie sentiu a presença de Angolos.

- Ele adormeceu.

- Estou vendo - disse Angolos, olhando para a criança. - Impressionante. E como você está? - perguntou ele, sem tirar os olhos do rosto angelical de Nicky.

- Considerando que minha família acaba de me renegar, estou bem. - Apesar das palavras duras, dava para ele sentir a dor emanando dela.

- E isto lhe incomodaria...?

- Faça uma coisa por mim... - disse ela, e se virou para apanhar um brinquedo e jogar dentro do berço.

- É possível que eu venha a fazer uma coisa por você.

- Por favor, não seja bonzinho - continuou Georgie, com os dentes trincados.

- Quer que eu seja desagradável?

- Quero que seja você mesmo, o que acaba dando mais ou menos na mesma coisa.

- Farei de tudo para ser o grosseiro sem consideração que você espera que eu seja.

Georgie se virou com uma resposta malcriada na ponta da língua, mas se deparou com ele, que estava bem mais perto do que ela esperava.

- Só quero que você me abrace porque estou me sentindo sozinha e triste. - *Será que eu disse mesmo o que acabei de ouvir?*

Angolos pegou o rosto dela com as mãos.

- Você não está sozinha.

- Normalmente, não sou uma pessoa carente - falou ela, sentindo lágrimas débeis se formando no canto dos olhos, - Só preciso de um lenço, talvez uma bebida.

Algo cintilou nos olhos profundos dele.

- Não precisa de mim?

- Eu cometo erros, mas não duas vezes - disse ela, e se afastou dele, retomando o controle de suas emoções.

Angolos endureceu a expressão.

- Vou providenciar as passagens de avião e entro em contato para mais detalhes. Imagino que não vá carregar pouca coisa com uma criança, certo?

- Que passagens?

- Do que acha que estou falando?

- Você acha que vou embora assim, de uma hora para outra?

- Não de uma hora para outra, mas não vejo motivo para adiar.

Georgie o encarou com incredulidade.

- Não, claro que você não vê. Como eu pude me esquecer que você é egoísta?

Ele balançou a cabeça e se sentou na cama, algo que ela desejou que Angolos não tivesse feito.

- Qual seu problema? Eu aceitei suas exigências, falei com sua família... Não abuse da sorte, Georgette.

- Ah, o papo de "farei qualquer coisa pelo meu filho" não durou muito, hein? Eu tenho compromissos aqui.

O rosto de Angolos pareceu feito de pedra de repente, desprovido de qualquer emoção.

- Ele sabe que você é casada?

- Ele...? Dá para você parar com esse joguinho? Você acha mesmo que eu seria idiota de me amarrar a outro homem? Depois de você?

- Você não tem namorado? Então, que compromisso você tem?

- Tenho um emprego, sou obrigada por contrato a dar aviso prévio. E, mesmo que não fosse, jamais pensaria em deixá-los na mão. Não poderei sair antes do meio do período.

- E quando é isso?

- Final de outubro.

- Isto é inaceitável.

Ela deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos.

- Que dureza!

- Você mudou mesmo.

- Entendo isto como um elogio.

- Tenho certeza de que dou um jeito de fazer a escola liberá-la imediatamente.

Georgie não tinha dúvidas disso, apesar de que ele certamente delegaria esta função.

- E imagino que, para isto, você lhe jogaria sacos cheios de dinheiro. - Às vezes, bastava o nome Constantine.

- Sacos de dinheiro, não.

- É bem você, mesmo!

O modo que ele a encarava entregou que ele estava totalmente perplexo com sua raiva.

- Não me venha com este tom de "estou sendo sensato e você está sendo irracional". Sempre odiei isso!

- Obrigado por me dizer.

- Não sou sua irmã. Não quero e nem preciso resolver meus problemas com seu talão de cheques. Além disso, desta vez não vou sair brigada com ninguém no meu trabalho. Se as coisas não derem certo, vou precisar de referências.

- Esperar que não dê certo não é das atitudes mais positivas.

- Talvez não seja, mas é uma atitude prática. Agora eu sou mãe. Não posso agir por impulso. Tenho de considerar as conseqüências de minhas ações.

- E você se casou comigo por impulso? É isso que está dizendo?

Ela deu um sorriso cínico.

- Acho que foi mais um caso de insanidade temporária.

Indiferente ao efeito que suas palavras provocaram em Angolos, ela começou a dobrar e guardar uma pilha de roupas recém-lavadas. Aquela atividade trivial ajudou a acalmar seus nervos.

- É mesmo uma pena que eu não tenha apenas ido para a cama com você, como meu pai sugeriu.

- Seu pai disse para você ir para a cama comigo?

O tom ultrajado dele a fez levantar a cabeça e se deparar com olhos gelados e pontiagudos.

- Bem, você não preferiria que sua filha apenas dormisse com o homem errado, em vez de se casar com ele?

- Se minha filha estivesse se envolvendo com o homem errado, eu não a aconselharia a ir para a cama com ele.

- E faria o quê?

- Eu tiraria o homem da vida dela.

- E se ele não quisesse sumir?

- Eu não lhe daria esta opção.

- Que bom que Nicky não é menina!

- Talvez nosso próximo filho seja.

Ela ficou lívida.

- O que você disse?

Ele arqueou a sobancelha.

- Você condenaria Nicky a ser filho único?

- Eu... condenar? Você é mesmo uma figura. Não ouse tentar fazer chantagem emocional comigo.

- Chantagem emocional?

- Não me olhe com cara de inocente. Já conheci lobos mais inocentes do que você.

A acusação o fez sorrir.

- Acho que a má fama dos lobos é exagerada. Eles não são os vilões dos contos de fada. Sabia que eles mantêm a mesma companheira por toda a vida?

- Estou disposta a conceder aos lobos o benefício da dúvida. Mas ambos sabemos que você faz o que for preciso para conseguir o que quer.

- Você não quer outro filho? - Apesar do tom afável, seus olhos a fitavam com intensa curiosidade.

Georgie ficou confusa com aquela pergunta. Será que ela queria outro filho?

- A questão não é essa...

- Eu diria que a questão é bem essa, sim.

- É cedo demais... - Ela parou e olhou para ele. – Você quer um filho?

- Se eu disser que sim faz alguma diferença para você?

Ela olhou para a curva sedutora de sua boca, para a escuridão aveludada de seus olhos e sentiu a força de vontade se esvaír... Endureceu a expressão.

- Você espera que eu acredite que você se importa com o que penso? - Ela deu uma risada irônica. - Não vamos entrar no mundo do faz-de-conta...

Angolos a cortou.

- Na verdade, não acho que ter um filho agora seria boa idéia.

Seu rosto perdeu a cor. Ela devia ficar contente com o que ele disse, pensou incisivamente. Qualquer um pensaria que ela queria ter outro filho.

- Nós nem sabemos se ficaremos juntos por duas semanas, que dirá dois anos, por isso só me resta concordar.

- Mais uma vez com essa atitude positiva! Sabe, Georgette, cinismo é algo que não lhe cai bem.

- Pois vá se acostumando, Angolos - sugeriu ela, mantendo a pose indiferente.

- Você percebe que sempre que começo a me aproximar de você... - Ele deu um passo em direção a ela e Georgie, sem pensar, deu dois passos para trás. - Eu ia dizer que você me rejeita, mas, na verdade, você foge.

Ela fez cara feia para o sorriso provocativo de Angolos.

- Não estou no clima para seus joguinhos bobos.

- Não estou fazendo joguinho nenhum, Georgette. Sei que você quer me punir, mas já parou para pensar que, talvez, eu não seja o único a sofrer aqui? Você também me quer, Georgette. Sabemos disso.

Ela abriu a boca para rebater, mas parou. Suspirou profundamente.

- Eu sofro, sim, mas não há muito que você possa fazer quanto a isso. E duvido que ir para a cama com você vá acabar com meu sofrimento. Provavelmente vou acabar dormindo com você - ela notou que os olhos dele se acenderam em triunfo. - Você tem razão, tenho pouquíssimo autocontrole quando se trata de você. Mas não posso confiar em você de novo, Angolos. Você me magoou demais.

Fez-se um longo silêncio. Angolos foi até a janela.

- Isso vale para ambos. Perplexa, ela o fitou pelas costas.

- Eu o magoei?

Angolos virou-se novamente, não queria ouvir mais negativas.

- Acho que não há sentido em ficar discutido o que não deu certo entre nós.

Por um lado, ele reconhecia que a situação poderia ter favorecido que ela acabasse nos braços de outro homem: Georgie se sentira isolada, ele estava ocupado demais com o trabalho para lhe dedicar a atenção devida... Ele podia entender, mas nunca perdoar.

- Achei que você quisesse conversar- protestou, perplexa com aquela radical mudança de humor.

- Acho que devemos falar sobre o futuro.

- Tudo bem. Mas não vamos passar por um quesito que já foi preenchido.

- E que quesito é este?

- Filhos.

- Eu não estava... Na verdade, acho que você é uma mãe maravilhosa.

Georgie arregalou os olhos. Vindo de Angolos, que não era de elogiar à toa, aquilo era um elogio e tanto.

- Sou uma boa mãe - corrigiu ela. - Falta muito para ser maravilhosa. Cometo muitos erros. Acho que você cometerá também. Não ache que vai fazer tudo certo desde o começo. Creio que não seja muito diferente de aprender a pedalar ou...

- Ou?

- Esqueci - mentiu ela, sem conseguir inventar uma desculpa mais convincente. Angolos não pareceu acreditar.

- Eu ia dizer que é como fazer amor, mas sei que você sempre foi perfeito neste ponto, seu maldito!

Ele ficou visivelmente surpreso, porém logo a surpresa foi substituída por um sorriso.

- Não precisa ficar convencido.

- Não estou convencido. Só havia esquecido como você invariavelmente me faz rir. - E ele então começou a dar risadas altas.

- Cale a boca! - ralhou Georgie. - Assim você vai acordar Nicky, ou fazer alguém vir ver o que está acontecendo.

- Assim está melhor?

Ela olhou para a cara séria que Angolos estava fazendo.

- Seu cabelo está arrepiado. - Não estava, mas ela disse isso para não dizer o que realmente queria. *Você é lindo* não seria o tipo de assunto que levaria a conversa na direção que ela queria!

- Obrigado - agradeceu ele, passando a mão nos cabelos.

- Sua família tem alguma coisa contra dar risada?

- Não, só você. Você se lembra...? - ela começou, então parou.

- Do quê?

- Estava lembrando da primeira vez que você encontrou minha família e da sua cara quando vovó lhe perguntou se você trabalhava em algum bar. Você pareceu tão perplexo...

- Ela sempre achava muita graça quando lembrava daquilo.
- E você respondeu que não, mas que achava que era dono de um vinhedo, mas que teria que con... conferir.
- Eu conferi, e tenho dois vinhedos, mas são bem pequenos.

CAPITULO DOZE

- Você vai acordá-lo! - Georgie repreendeu Angolos novamente antes de tapar a boca com a mão para abafar a própria risada. Riu de chorar, até ficar com a barriga doendo. Deu uma olhada rápida e viu que Nicky continuava adormecido.

- Que sorte que ele é... - Ela se virou para Angolos e esqueceu o que ia dizer.

No rosto dele não havia nenhum sinal de estar achando graça. Seus olhos cintilavam por debaixo dos cílios espessos e negros. A expressão de Angolos era de intensa crueza.

De repente, o clima ficou carregado de eletricidade. Ela ficou toda arrepiada e sentiu algo diferente no baixo ventre.

Se Georgie não fizesse algo imediatamente, as coisas começariam a acontecer. E isso ela não queria, queria*?

- Você está me encarando - acusou ela com uma risadinha que não enganava ninguém, menos ainda a si mesma.

Ele continuou encarando.

Ela olhou para os lábios dele, e os viu junto aos dela. Por dentro da blusa, sentiu os mamilos intumescerem como se os lábios de Angolos os tivessem roçado.

- Antes de você desvirtuar a conversa, eu estava falando que vou dar aviso prévio no trabalho.

Houve um longo e desconfortável silêncio durante o qual ela observou as linhas rígidas do rosto dele.

- Quer dizer que este ponto não é negociável?

- Isso.

- Neste caso, acho que é melhor eu reorganizar minha agenda.

Georgie, que estava esperando uma resposta do tipo "nem morto" ou coisa assim, olhou para ele com desconfiança.

- O que quer dizer?

- Quero dizer que agora que encontrei meu filho não vou esperar para ser pai dele. Vou me mudar.

- Mas e o seu trabalho?

Ele minimizou seu grupo empresarial multimilionário dando de ombros. - Se for preciso, eu trabalho de casa.

- Não seja ridículo. Você nem sabe onde trabalho! E não pode comandar um empresa internacional de um vilarejo em Sussex.

- Qualquer um ficaria pensando que você não quer que eu me mude para o seu apartamento, *yineka mou* - disse Angolos bem lentamente.

"Então qualquer" um teria razão. Seu corpo ficou mais rígido ao sentir o pleno significado do que ele disse.

- Mudar para o meu apartamento? - repetiu Georgette, incisiva.

- Acho que devemos fazer a coisa do jeito certo desde o começo. Nosso combinado foi que isto seria um casamento, em todos os sentidos.

- Seria sensato... começar logo a fazer o que temos de fazer - concordou Georgie. - Mas, infelizmente, meu apartamento é muito pequeno, de um só cômodo. Você não caberia... e falo no sentido literal.

- Sou muito adaptável.

- Acredite em mim. Minha cozinha tem menos de um metro quadrado.

- Compacta.

Ela rangeu os dentes.

- Você deve estar achando muito divertido, mas acho que vai se cansar logo da novidade.

- Acha que sou mimado? Que sou incapaz de encarar?

- Francamente, acho, Quando eu disse que tinha um só quarto...
- Aconchegante - respondeu Angolos.
- Sim, muito aconchegante com Nicky lá também.
- Nicky divide o quarto com você?

Georgie assentiu.

- E nem preciso ligar a TV, pois posso ouvir a do apartamento ao lado. - Um casal simpático, mas barulhento. - Isso sem falar do que ouço através das paredes do quarto! - Até mesmo enfiando um travesseiro na cabeça... Não que nós... - ela não terminou, as bochechas corando de novo.

- Não acha que nossa vida amorosa seria tão desinibida quanto a de nossos vizinhos?

- Não me interessa a vida sexual dos outros.
- Você nunca foi puritana antes.

- Não sou puritana - ela o encarou com embaraço. - Só acho que o que se passa entre duas pessoas entre quatro paredes deve ser privativo. Quanto a ser desinibida, acho que ninguém poderia ser considerado tão desinibido quanto você. - Angolos era um amante criativo, além de apaixonado. Ela ficava corada só de lembrar.

- Você antigamente não parecia se importar, e eu sempre achei que a escandalosa era você. Sabe o que estou querendo dizer... Você sempre fazia aquele som quando eu...

- Você é nojento! Deve até *gostar* da idéia de outras pessoas ouvirem!

Georgie esperava que ele não estivesse ciente de sua batalha interna. A acusação apenas o fez sorrir.

- Nunca achei necessário buscar outras formas de estímulo tendo você em minha cama, *yineka mou*. Mas estou sempre aberto a sugestões. Na verdade, quase me fez ter vontade de dividir seu apartamento com você. Contudo, você tem razão, não é uma solução prática.

Ela retomou o controle da respiração para então responder com simulada calma.

- Exatamente, e três meses não é tanto tempo assim. Você ainda pode ver Nicky durante este tempo, levá-lo ao parque e coisas assim.

Do jeito que Angolos se sentia no momento, três meses era uma vida inteira! Se não tivesse logo Georgette de volta em sua cama, iria acabar explodindo.

Mas ele não transmitiu nada desta frustração ao responder.

- Esta seria uma solução, certamente. Entretanto, eu prefiro uma abordagem menos... passiva.

- Que tipo de *abordagem* você tem em mente? - perguntou ela, suspeitando.

- Vou procurar uma imobiliária local.

- É praticamente impossível achar algo para alugar por aqui.

- Não pretendo alugar. Pretendo comprar.

- Comprar! - ecoou, atemorizada. - Isso é loucura. Só por três meses? Pense na despesa.

- *Despesa...*? - respondeu Angolos, achando graça.

- Tudo bem, você tem dinheiro até para jogar fora. Mas leva muito tempo para encontrar uma casa adequada, que dirá para comprar.

- Mas, quando se quer muito, é possível fazer acontecer.

Seus olhos se encontraram, e ela podia jurar que não era imaginação sua as entrelinhas que notou na voz dele. Entrelinhas que lhe deixaram arrepiada.

-Agora - prosseguiu ele, adotando tom prático -, existe alguma área que você prefira? A proximidade do seu trabalho conta muito?

Georgie suspirou e resolveu deixar correr. Era o melhor a fazer quando Angolos enfiava algo na cabeça.

Com sorte, a imobiliária não teria nada adequado a oferecer.

Mas tinha.

Dois dias depois, estavam de frente para a nova casa.

Só quando Angolos abriu a porta do carro e ficou de pé, impacientemente esperando, que ela se deu conta da enormidade do passo que estava dando.

Estava prestes a voltar a viver com o homem que lhe partira o coração.

Angolos esperava que dividissem a cama. Georgie queria dividir a cama com ele. Era inevitável. Então qual era o problema?

- E então, gostou? - perguntou ele, impaciente para ouvir sua opinião.

Olhou para ele, incrédula. Se ela gostava do lugar...? Era lindo! Suntuoso, feito com tijolos locais, era reservada devido ao portão, tinha uma passagem circular para carros e, como viria a descobrir depois, jardins na parte dos fundos, que dava para o rio.

- Você comprou *esta* casa?

- Preferia ter lhe mostrado primeiro, mas havia muita gente interessada. Tive de ser rápido. E pequena, mas você tem razão, não há muita oferta no mercado.

- *Pequena?* - ela soltou uma risada histérica enquanto chegavam ao portal. Seu apartamento inteiro caberia em um canto qualquer da enorme sala de estar que se revelou ao abrirem a porta. - É enorme!

- Dá para o gasto - concedeu Angolos. - Espero que não se importe com os móveis que comprei. São daqui da cidade...

Ela não conseguiu conter o riso.

- Eu gostei dos móveis.

- Quer dar uma olhada ao redor?

Enquanto caminhavam pela casa, Georgie não pôde conter o encantamento com o que via. O ar de satisfação se fez no rosto dele quando Georgie começou a fazer planos para os quartos.

- Este pode ser o quarto de Nicky - disse ela quando entraram em um quarto iluminado e arejado no primeiro andar, que dava para o sul. - É grande, mas não excessivamente, e ele vai *adorar* o jardim. - Ela olhou pela janela, satisfeita. - Que pena que ele não veio com a gente...

- Tenho certeza que ele vai gostar da festa de aniversário do amiguinho.

Georgie concordou, ausente.

- Já estou até vendo Nicky em seu velocípede lá fora. - Sem pensar, ela se apoiou no corpo de Angolos atrás do seu.

O contato com a quentura do corpo dele projetou um choque agudo que a tomou de cima a baixo. Ela enrijeceu, mas logo se permitiu relaxar.

Após um breve momento, os braços dele a envolveram, trazendo para mais perto. Georgie, que sentiu cada um de seus centímetros rijos, fingiu não notar. Se reconhecesse o constrangimento, teria de tomar uma atitude. E não queria fazer isso.

- Sempre quis ter uma casa com jardim - confessou ela, suspirando.

- Poderia ter tido se não fosse tão cabeça-dura a ponto de não usar o dinheiro no banco.

- Eu não usaria nem um centavo se você não acreditasse que Nicky era seu filho. - Ainda envolvida pelos braços dele, Georgie virou a cabeça e flagrou um ar de choque no rosto dele. Expressão essa que imediatamente se desfez.

Sem pensar, ela se virou e saiu dos braços de Angolos.

- Mas é o agora que importa, certo? -Sim.

O sorriso nos olhos dele ao olhar os dela fez o sorriso de Georgie desaparecer. Eram emoções muito fortes destruindo as barreiras que ela havia criado.

Angolos viu as lágrimas aflorarem nos olhos dela e ficou preocupado.

- Está se sentindo mal? -Aproximou o rosto do dela e segurou-lhe o queixo. - O que foi? Diga.

Ela balançou a cabeça, mal conseguindo falar.

- Estou bem. É só que... Às vezes, queria que...

- Que as coisas tivessem sido diferentes.

- Que as coisas fossem deste jeito o tempo todo. - Com um suspiro, deixou a cabeça cair sobre o peito dele. - Às vezes, fico tão cansada...

- As coisas vão melhorar quando você tiver ajuda. Uma babá...

- Não digo cansada neste sentido. - Georgie fechou os olhos quando ele tirou os cabelos que caíam sobre seu pescoço e beijou lentamente o contorno de sua garganta. - E não preciso de babá.

- Ficaremos pouco tempo sozinhos.

- Isto faz parte de se ter um filho.

- Não estou reclamando. Isto só valoriza os momentos roubados. - Georgie deu um gemido de prazer ao sentir a língua molhada dele em sua orelha. Algo em seu ventre se remexeu. - É assim que vai ser?

- Vai ser como você quiser.

A sensual promessa a fez estremecer. Seus olhos se encontraram e, subitamente, ela ficou com medo. Georgie estendeu-lhe a mão.

- Vamos - disse ela. - Quero ver o que tem ali.

Após um momento, Angolos segurou sua mão e se deixou conduzir pela porta à frente.

Georgie parou. Aquela era, evidentemente, a suíte principal.

- Nunca dormi numa cama deste tamanho - admitiu ela, olhando para a impressionante cama com cobertura e véus.

- Eu nunca liguei muito para camas assim. - respondeu ele com a voz rouca - Mas, de repente, fiquei com muita vontade de experimentar.

- Eu também.

Dava para ouvir a respiração dele naquele recinto silencioso.

Georgie mal respirava enquanto se voltava para Angolos e levantava o rosto para encará-lo.

- Eu achei que havia lhe esquecido - confidenciou ela de encontro à boca dele, que a atacou com uma série de beijos suaves e mordidinhas.

Ela sentiu os músculos dos antebraços dele pulsarem debaixo de sua mão e os dedos dele entrelaçaram seus cabelos, acariciando a cabeça.

- E esqueceu?

- Eu só lhe digo com a condição de você não parar de fazer o que está fazendo se não gostar da resposta.

- Duvido que consiga parar mesmo que queira - replicou. A risada gostosa que ele deu não foi acompanhada por seus olhos escuros, que permaneceram intensos e esfomeados.

- Só em meus sonhos que eu havia lhe esquecido... Na verdade, nem em meus sonhos. - Seus sonhos sempre foram povoados por Angolos.

Ela mal estava conseguindo respirar quando ele abriu os botões da blusa dela. Os olhos dele estava fixos nos de Georgie quando o tecido se abriu.

- Tire para mim. - Angolos cruzou os braços e deu um passo para trás para esperar.

O sensual pediu a fez estremecer.

- Quer que eu...?

- Simplesmente quero você - completou ele com a voz carregada. - Sempre quis e sempre vou querer você. Desde o primeiro momento que pus os olhos em você, fiquei encantado.

Ela sentiu o ar gelado contra a pele em chamas quando deixou a blusa cair no chão. Sabendo estar sendo provocante, levou as mãos às costas para abrir o sutiã.

- Isto aqui também? Ele fez que sim.

Georgie não viu a peça íntima cair no chão.

Ela ficou olhando para Angolos.

Seu coração parecia a ponto de pular para fora do peito. A respiração estava pesada e curta; a boca, seca. Os dois não estavam se tocando, mas ela estava tão excitada que mal conseguia respirar.

Os olhos dele baixaram em direção aos seios de mamilos rosados que agora estavam expostos, livres de seu confinamento.

Bastou um passo e Angolos estava ao lado dela. Levou-a para a cama e se deitou com Georgie. Antes que ela deitasse a cabeça no travesseiro, os lábios deles já estavam colados.

Ele se pôs sobre ela, que gemeu.

- Não me canso de você - murmurou ela quando os lábios momentaneamente se descolaram.

- Você pode ter o quanto quiser de mim.

- Não pare, eu... - reclamou Georgie quando ele rolou para o lado e se ajoelhou.

Angolos deu um sorriso maldoso ao olhar para seu corpo branco, despido até a cintura.

- Você é realmente a coisa mais perfeita do mundo. - Ele abarcou um seio com a mão. - Você está mais macia e mais corpulenta - constatou, maravilhado.

- Tive um filho, amamentei. - Ele teve medo de cortar o clima ao dizer aquilo, mas o efeito em Angolos foi o contrário. Ele começou a arfar de maneira mais intensa e, então, tirou as próprias roupas apressadamente.

A pulsação dela lhe ensurdecia ao vê-lo por entre os longos cílios. Mas, no meio do caminho, ele mudou de idéia e resolveu tirar a calça jeans que ela ainda estava vestindo.

Georgie o ajudou. Ao vê-lo afundar a cabeça entre seus seios, lembrou das fantasias que nutriu em incontáveis noites solitárias. Ao sentir a língua dele contornando uma de suas auréolas rosadas, viu que a realidade ultrapassava qualquer sonho.

Ele foi descendo com a língua pela barriga dela, que mergulhou os dedos nos cabelos negros e sedosos dele.

Angolos levantou a cabeça ao alcançar a barreira da calcinha. Sorriu como um predador. Georgie fechou os olhos e soltou um gemido que veio bem do fundo quando ele escorregou os dedos para dentro da lingerie. Ela soltou outro gemido, ainda mais intenso, ao sentir o dedo dele penetrar em sua cálida umidade.

- Isto é... eu não posso... Angolos, preciso de você... Agora... Agora...! - Georgie agarrou a camisa dele por ambos os lados e puxou. O contato do peito dele com os seios dela foi de um prazer quase insuportável. A cabeça dela girava.

Beijaram-se com desejo frenético.

Mas ela queria mais, muito mais.

A resposta de Angolos foi agarrar os cabelos de Georgie com uma das mãos e forçar a cabeça de volta ao travesseiro. Ela ouviu as palavras apaixonadas que vinham dos lábios dele. Ele parecia inconsciente de estar falando em sua língua materna e Georgie não se importou. A expressão no rosto dele já dizia tudo.

- Ah! - gemeu ela ao sentir o mastro ereto de Angolos roçar em sua barriga lisa e dura. O corpo dela foi inundado por uma onda de desejo quente que quase a fez desmaiar.

Observando a reação dela com olhos cintilantes, Angolos terminou de se despir, jogando as calças para longe.

Deitando-se por cima dele, Georgie segurou a cabeça de Angolos e beijou-o, sentindo a rigidez do desejo dele em sua barriga.

- *Theos!* - gemeu ele com crueza e paixão junto aos lábios dela, deitando-a de costas novamente. Abriu as trêmulas pernas dela e deslizou para dentro em um só movimento, suave e irresistível. - Olhe para mim! - instruiu ele com voz gutural. - Quero ver você. - Quero ver você... Quero que você me sinta!

Georgie abriu os olhos. O rosto dele era uma sombra sobre ela.

- O que você quiser - gemeu ela quando Angolos a adentrou. - Qualquer coisa. Faço qualquer coisa por você.

CAPÍTULO TREZE

Georgie e Nicky já estavam instalados na casa dois dias antes do previsto. Angolos teve de fazer uma viagem urgente de negócios e tudo foi muito corrido, de modo que, quando o pai dela telefonou do nada oferecendo ajuda, antes de cair dura no chão ela respondeu "sim, por favor".

- Não sei o que foi que você falou para ele - disse Georgie quatro dias depois, sentada na ponta da escrivaninha no quarto que Angolos transformou em escritório.

O local estava cheio de tecnologia de última geração, o que a deixava nervosa, e a sala ao lado estava sendo ocupada por seu assistente pessoal, um agradável jovem chamado Demitri.

- Mas meu pai foi *mesmo* legal. Não disse nada de corrosivo... e ficou todo satisfeito com a casa.

- E...? O que lhe faz pensar que eu tenho algo a ver com isso?

- Bem... Meu pai nunca voltou atrás antes.

- Não tenho nada a ver com isto. Quem sabe se...? - começou ele a fechar o laptop.

- Quem sabe o quê?

- Quem sabe ele viu que você está feliz...?

Sem mais nem menos, Georgie sentiu os olhos umedecerem,

- Pode ser - respondeu ela baixinho.

Isto foi o mais perto que chegaram de discutir se o acordo estava dando certo. Ela, por sua vez, temia que admitir em voz alta que as coisas estavam indo bem pudesse trazer má sorte.

Claro que houve momentos estranhos, e ela não estava totalmente à vontade ao lado dele, mas não houve nenhuma das grandes dificuldades que esperava. Ao menos, *ainda* não. Quem sabe eles não estariam, na verdade, sendo terrivelmente diplomáticos?

De mais a mais, Georgie ainda tinha medo de começar a falar e deixar escapar a palavra *amor*.

Um comportamento destes estava fora de questão, já que o marido a quis de volta por ela ser a mãe de seu filho, não por ser... Bem... Ela mesma. Georgie tinha certeza de que alguém controlado como Angolos não gostaria de demonstrações de amor.

Já Nicky não estava fingindo nada. Estava apenas sendo ele mesmo. Para ele, não foi problema aceitar a presença de Nicky em sua vida. Angolos, por sua vez, tinha uma tocante vontade de estar sempre com o filho. Até o observador mais cético não teria dúvidas da devoção de Angolos pelo filho ao vê-los juntos.

- Bem, vou deixá-lo trabalhar - disse ela, levantando da escrivaninha.

- Não precisa se apressar.

- Você está ocupado e eu preciso...

- Lavar os cabelos? - sugeriu Angolos, olhando para os cabelos sedosos dela e concluindo que não precisavam ser lavados coisa nenhuma. Ele sentiu vontade de enfiar o rosto naqueles cabelos.

- Não precisa ser sarcástico.

- E você não precisa ser tão terrivelmente educada. A única hora em que você relaxa perto de mim é quando estamos na cama.

Georgie se recusou a corar ao ouvir aquilo. À noite, ela não controlava as palavras, pois todo mundo sabe que o que as pessoas dizem no calor da paixão não conta. Mas falava aquelas coisas para valer, e Angolos ainda não havia percebido isto.

- Não quero atrapalhar. Ainda estou me adaptando.

- Seja como for, você não está agindo exatamente de modo normal, está? Se estivesse, jamais teria assistido àquele filme meloso comigo ontem à noite.

- Foi uma concessão. Mas eu não estava assistindo ao filme e, sim, a você.

- Ah...
- Gosto de ficar olhando para você.
- Isso é realmente estranho. Não sou bem...
- Devo lhe dizer o que você é?

Angolos estava se levantando da cadeira quando seu assistente entrou pela porta que ligava os dois escritórios. Trazia uma impressão de computador na mão. Falava grego e sua expressão ao se referir ao impresso não era boa.

~ Desculpe, não sabia que estavam ocupados. Eu... - disse ele.

- Não - cortou Georgie. - Eu estava de saída.

- Você tem sido parte inestimável da equipe - elogiou a supervisora de Georgie, relutante em liberá-la do emprego.

- Vamos todos sentir sua falta.

Georgie, tocada pela sincera cordialidade, deixou a sala da supervisora quase em lágrimas. Estava um pouco triste e com medo por causa do fim deste capítulo em sua vida. Pensou pela centésima vez se estaria mesmo fazendo a coisa certa...

As novidades correram rápido e, no fim do dia, seis pessoas já haviam lhe perguntado se era verdade que ela ia embora.

Na manhã seguinte, Georgie fez o comunicado na sala do café.

- Sim, os rumores são verdadeiros. Dei o aviso prévio. Meu marido...

Comentários afloraram.

- Ah, eu não mencionei que era casada? - perguntou ela quando se calaram. Deu uma versão bastante resumida dos fatos que a levaram a se reconciliar.

Todos acharam tremendamente romântica a história e queriam conhecer o homem. Ela não os encorajou.

- Ele está totalmente atolado de trabalho. Eu mesma não devo vê-lo muito nas próximas semanas.

Ela o viu poucas horas depois, bem como o resto da escola. Ele causou boa impressão - *que surpresa!* - ao entrar no pátio com Nicky nos ombros.

- Olá, meu bem - disse ela para o filho, mas fechou o sorriso ao falar com Angolos.
- O que está fazendo aqui?

- Você é severa assim com as crianças?

- Nicky devia estar na creche. Como foram entregá-lo a você? Você podia ser qualquer um.

- O pessoal da creche não pensa assim. Disseram que eu e Nicky éramos... Como é mesmo?

- Cara de um, focinho de outro.

- Isso. Pessoal simpático!

- Percebi que você sabe lidar com senhoras de idade. Ele sorriu.

- Os animais também gostam de mim. Estou pedindo sua permissão para tirar Nicky da creche antes da hora hoje. Aquele grupo de teatro infantil que você mencionou está se apresentando esta tarde. Pensei em levá-lo. Não olhe agora - acrescentou Angolos -, mas acho que estão olhando para a gente.

- Claro que estão olhando para a gente! - Manter o sorriso fixo estava fazendo doer os músculos do rosto. - Dá para ser mais discreto?

- Algo errado com minha aparência?

Os olhos dela percorrem seu corpo alto e poderoso.

- Não. E é este o problema. Você faz idéia do que terei de agüentar agora? Elas não vão parar de falar de você.

De fato, vários olhares de inveja se direcionaram a ela.

Ela acabou se acostumando com as perguntas. Sua favorita era "ele é lindo, como você foi agarrá-lo?". Para seu alívio, à medida que o semestre foi passando, os comentários foram perdendo força, apesar de que, quando Angolos aparecia para pegar Nicky, sempre causava frisson entre as funcionárias e as mães também.

Só quando o proprietário entrou em contato com Georgie dizendo que havia alguém interessado em alugar seu apartamento que ela foi se lembrar que ainda havia várias caixas com suas coisas por lá. Ele explicou que precisava limpar o local no fim da semana.

- Jura que não se importa? - perguntou Georgie no dia seguinte enquanto subia na van que pegou emprestado da secretaria da escola.

- Está brincando? - disse seu amigo Alan, balançando Nicky no alto, para deleite do garoto. Vamos fazer uma farra. *Papai* não vai lhe ajudar a fazer a mudança?

Georgie fez cara feia. Não queria entrar neste assunto. Alan não fazia segredo que achava loucura a decisão de ela voltar para a Grécia com Angolos.

- O cara lhe fez infeliz para diabo na primeira vez, Georgie!

Mas, como era típico de Alan, depois de dizer o que pensava, deu o apoio de sempre.

- Não comece, *por favor* - pediu ela, dando um olhar de aviso em direção a Nicky. - Angolos está em Atenas, só volta amanhã.

Georgie esperava esvaziar o apartamento de uma só tacada, mas depois que encheram a van ainda restaram uma meia dúzia de caixas. Foi embora com a intenção de pegar o resto no dia seguinte, depois da escola.

Por volta da hora do almoço, recebeu uma ligação de Alan, que se ofereceu para pegar o resto para ela.

Ela aceitou, agradecida. Já tinha esquecido de uma reunião de pais após a aula.

- Pode me chamar de seu anjo da guarda - disse Alan. - A chave está no lugar de sempre? E lembre que você me deve uma cerveja.

- É o mínimo - riu Georgie. - Se importa de deixar as coisas no seu apartamento até amanhã?

- Sem problema.

A reunião de pais demorou mais que o normal e não foi só Nicky quem ficou desgastado quando foram embora. Sua fadiga de repente foi embora ao ver o Mercedes de Angolos estacionado em frente de casa.

Ele havia chegado antes do previsto.

Foi uma mistura estranha de excitação e agitação o que sentiu ao entrar em casa com Nicky. Emily, a babá meio grega, meio escocesa, que cuidara de Angolos quando criança, logo disse que Georgie parecia exausta.

- Foi um longo dia - admitiu Georgie.

- Por que não vai descansar lá em cima enquanto eu dou um banho no pequenininho?

- Ah, seria maravilhoso. E onde está Angolos?

- No escritório, querida.

Georgie parou na porta do escritório. Angolos olhava pela janela. Ela não pôde deixar de perceber que ele estava tenso.

- Que surpresa! Não esperava por você agora.

- Claro que não.

No momento em que ele abriu a boca, Georgie teve certeza de que havia algo errado. Quando ele virou, a expressão em seu rosto só confirmou.

- O que houve? As reuniões de trabalho não foram boas?

- Eu as cancelei.

Ela arregalou os olhos. Angolos lhe dissera que eram reuniões muito importantes.

- Por quê?

- Porque não agüentava ficar longe de minha adorada esposa.

- Não precisa me dizer se não quiser. Só estava tentando ser solidária. Não precisa ser sarcástico.

- Onde você esteve... Ou será que não devo perguntar? A pergunta e o jeito dela trouxeram perplexidade ao rosto dela.

- Claro que pode perguntar. Precisa ficar pisando em ovos assim?

Ele arqueou uma sobrancelha e olhou para ela com raiva.

- Estou sublimando... O que eu quero mesmo é apertar esse seu pescoço infiel.

Georgie não pôde acreditar naquilo.

- Não faço a mais vaga idéia do que você está dizendo, mas sei que já estou farta disto - disse ela, levantando-se. - E de você.

- Não me dê as costas quando eu estiver falando. Ela se virou de novo.

- Você não está falando, está gritando comigo. Está irritado e está sendo terrivelmente desagradável. Mas, falando comigo, você não está. - Ela levou a mão à cabeça, num gesto de extremo cansaço. - Posso lhe dizer algo engraçado? Quando vi

seu carro fiquei animada, feliz. - E parou de falar, odiando ouvir a própria voz embargada.

- Então, ele não ligou para você? Achei que ele iria...

- *Ele...*?

- *Theos!* Posso agir como idiota quando se trata de você, Georgette, mas não lhe aconselho a me tratar como idiota.

- Não faço idéia do que você está falando - reclamou ela.

- Estou falando - começou Angolos a dizer, aproximando-se lentamente dela como se fosse uma pantera prestes a dar o bote em sua presa - da visita que fiz ao seu apartamento.

- Você foi ao meu apartamento?

Angolos a observou e viu surpresa, mas nenhum traço de culpa em seu rosto.

- Você é melhor atriz do que eu pensava.

- Imagino que isto não seja um elogio... Ele não respondeu.

- Por que você foi ao meu apartamento?

- Eu fui porque uma pessoa que se dizia seu senhorio telefonou dizendo que ainda havia coisas suas lá e que você havia prometido levar tudo hoje... mas porque eu fui lá não importa.

- *Hoje?* Ele me deu até o final da semana! - exclamou, indignada. - Desculpe lhe incomodar. Alan vai levar tudo para mim.

Ele lançou-lhe um olhar hostil.

- Foi o que ele me disse.

- Ele estava lá?

- Ah, sim... Estava.

Georgie suspirou.

- Imagino que as coisas tenham ficado estranhas, não? Angolos levantou as sobrancelhas.

- *Estranhas?*

- Bem, você nunca gostou dele...

- E isto lhe surpreende?

- Não muito. Mas eu gostaria que você se esforçasse um pouco. Na verdade, ainda bem que ele estava lá, ou você não teria entrado. Você não tem a chave.

- Devo admitir que ainda não tinha pensando em como sou sortudo.

- Por favor, não fique assim. Eu tive um dia pesado.

- O meu não foi nenhuma maravilha.

- Quer falar sobre isso?

A tentativa de Georgie de ser uma esposa compreensiva foi recebida com tamanha hostilidade que ela chegou a se encolher.

- Devo entender isto como não, certo? Alan deixou recado?

- *Não!* - A voz dele soou como se fosse um tiro de revólver. - Ele não deixou recado, e não espere ouvir falar dele tão cedo, a não ser que ele seja mais idiota do que eu penso.

- Você foi horroroso com o Alan, não é? Agora vou ter que ligar para ele e pedir desculpas.

- Pedir *desculpas*? - repetiu Angolos, incrédulo. - Pedir desculpas por mim? - Encarou-a com revolta. - Você não vai pedir desculpas por mim. Aliás, você não vai falar com aquele homem de novo. Nem vai vê-lo mais. Deixei bem claro para o seu... *Alan*, que, se ele se aproximar de você novamente, vou quebrá-lo inteirinho.

- Você *o quê*? Ficou maluco?

- Há boas chances de eu ter ficado maluco. Estou maluco porque me casei com você, e estou maluco por não ter quebrado o pescoço dele. Entretanto, acho que o desgraçado entendeu o recado. Ele sabe o que vou fazer se ele se aproximar de você de novo.

Georgie ficou pálida de raiva e choque.

- Ah, pelo amor de Deus! - ela estava literalmente tremendo de tão aviltada ao se aproximar de Angolos. - Você acha que vou me deixar intimidar por este tipo de coisa? - Ela espetou o dedo no peito dele. - Porque lhe garanto que você não me intimida. Você só está mostrando o brutamontes que é. Como ousa tratar meu amigo assim? E quem você pensa que é para determinar quem pode e quem não pode ser meu ami-

go...? - Georgie fechou os olhos e balançou a cabeça. - E eu que pensei que isto poderia dar certo...

- O que mais me ofende é que você pôs meu filho em contato com aquele homem!

- Contato? Nicky conhece Alan desde sempre. Alan é ótimo para ele. - Compreendendo, enfim, ela o encarou atônita. - Então é esse o problema, não é? Achei que você fosse um monte de coisas, porém nunca achei que você fosse homofóbico. Bem, eu não me importo com seus preconceitos, mas não vou deixar você transmiti-los a Nicky. Para seu governo, Alan tem sido um bom amigo há anos e não vai deixar de ser só porque você é um babaca asqueroso - terminou ela, quase sem fôlego,

Angolos não reagiu de imediato, Não fez nada. Nem piscou.

- O que você falou? - perguntou, enfim, com voz tensa.

- Não lembro - respondeu, arrasada e trêmula. - *Homofóbico?*

- Vai negar, agora?

- Claro que vou, droga!

- É mesmo? Então me dê outra razão para agir desse modo.

Ao ver que ele não respondia, Georgie percebeu que ele estava assustadoramente tenso, com o corpo retesado.

- Você está bem?

Sem dizer nada, ele caminhou até a escrivaninha e abriu a agenda em uma página em branco, para a qual ficou olhando até dizer:

- Achei que ele fosse seu amante.

De início, Georgie achou que havia ouvido mal.

- Como é...?

Ele deu um suspiro profundo.

- Achei que você estava dormindo com ele. O que mais eu poderia pensar? - perguntou ele, subitamente furioso. - O Alan tinha a chave de sua casa e estava sempre com você...

- Amigos são assim mesmo - disse ela. - Mas ele é gay.

Angolos olhou para ela com frustração.

- Agora eu sei disso, mas está na cara que *ele* não sabia disso quando estava na Grécia.

- Você achou que eu estava dormindo com outro homem? Que loucura... Como você pôde achar uma coisa destas, por um minuto que fosse? Achar que Alan...

- Pare com isso, Georgette. - Ele agora parecia mais esgotado do que com raiva. - Eu sei do que houve entre vocês na Grécia.

- Do que você está falando, *o que foi que houve?* Não estou entendendo.

Angolos estudou seu rosto confuso e deu uma risada irônica.

- Então quer que eu explique? Assim você pode parar de fingir.

- Não estou...

- *Chega!* - A voz dele soou como um trovão. - Eu achei o bilhete que ele escreveu para você no dia que você veio me contar que estava grávida. - Fechou os olhos, lembrando. - "Desculpe. Achei que estivesse pronto, mas não estou. Desculpe por não ser forte. Sempre vou amar você, Alan."

- Você decorou cada palavra?

- Claro que decorei cada palavra. Estava com esta droga no meu bolso quando você veio dizer que estava grávida. Para mim, ficou óbvio que seu amante havia pulado fora e que você estava tentando fazer o menino se passar por meu, já que eu sabia que não podia ter filhos.

Georgie ficou parada, em estado de choque, sem conseguir acreditar no que estava ouvindo.

- Mas você podia ter filhos, sim - murmurou ela.

- Sim, podia. A propósito, você sabia quem era o pai antes de Nicky nascer? Ou ficou aliviada ao ver que o problema estava resolvido, pois ele se parecia comigo?

Lágrimas vieram aos olhos de Georgie. Não eram lágrimas de raiva. A esta altura, ela já tinha passado deste ponto.

- Sim, eu sabia quem era o pai. Nunca tive a menor dúvida.

- Nenhum método anticoncepcional é totalmente infalível.

Foram necessários vários segundos para Georgie entender o que ele quis dizer. Por razões que agora eram óbvias, Angolos jamais usara qualquer anticoncepcional, e mudava de assunto quando ela se referia a isso.

- Imagino que eu deva ficar contente de você ter feito sexo seguro.

- No momento, o que eu quero mesmo é bater em você.

Angolos ficou ligeiramente desconcertado com o comentário em voz baixa, em tom quase casual.

- Alan foi até a Grécia porque eu pedi. Eu estava sozinha.

- Está querendo me jogar isso na cara, Georgette? Porque...

- Estou tentando esclarecer as coisas - interrompeu ela. - O bilhete que você memorizou ganharia outro contexto se você soubesse que eu persuadi Alan a assumir sua sexualidade para os pais. Ao menos eu achei que tivesse persuadido.

Angolos, que estava de costas, ficou imóvel.

- No último minuto, ele resolveu que não agüentaria fazer isso. Ele levou seis meses para criar coragem para enfrentar a família. - Georgie parou e enxugou as lágrimas que corriam silenciosamente pelo rosto. - Os pais dele já sabiam de tudo. Estavam esperando que ele contasse. Agora, você tem de admitir que este é um caso clássico.

Angolos se virou.

- É verdade? - perguntou com a voz rouca. - Vocês nunca foram amantes?

-Você é o único homem com quem já dormi. Meu amante secreto é fruto da sua imaginação sórdida.

A acusação roubou o que restava de cor no rosto de Angolos. Ele enxugou com a mão o suor de sua testa, mas, em seguida, novas gotinhas se formaram.

- O que foi que eu fiz? - Ele levou as mãos à cabeça. - Achei que você estava me fazendo de bobo. Meu maldito orgulho! Achei que outro homem havia lhe dado o que eu não podia.

Georgie sabia que vê-lo sofrer de arrependimento pelo que fizera deveria satisfazê-la, porém, não foi o caso. Quando Angolos sorria, ela sofria também.

Ele endireitou os ombros e olhou para ela.

- É claro que vou pedir desculpas ao seu amigo.

O instinto de Georgie foi de tomá-lo nos braços, mas a atitude dele era distante e formal demais para tanto.

- Obrigada. - Não sabia mais o que dizer. Angolos olhou para ela agoniado.

- Não precisa me agradecer. Por minha culpa, você passou três anos lutando para criar um filho sozinha.

- Não foi uma luta, foi um prazer. E eu não estava sozinha: tinha minha família.

- Vou compensá-la. Nem que leve o resto de minha vida, vou compensá-la por tudo isso.

- Você acha que quero que nosso casamento seja um martírio? - Ela girou a cabeça para aliviar um pouco da tensão nos músculos do pescoço.

- E o que você quer que nosso casamento seja?

Enfim uma pergunta que ela sabia responder sem pensar por três horas.

- Uma parceria entre iguais. É o que sempre quis que fosse nosso casamento.

- Você ainda quer isto?

- O que foi que mudou?

Angolos a encarou. Para ele, tudo havia mudado. Cinco minutos antes, ele ocupava o mais alto degrau da moralidade. Georgie o havia traído e ele se dispusera a deixar para lá em nome do casamento e do lar estável para seu filho. Agora, Angolos sabia que tudo o que estava pensando era infundado. Punira a mulher amada por ter ficado cego de ciúme.

- Espero que um dia você consiga me perdoar pelo que fiz.

- Eu per...

- Isto não é possível.

Ela suspirou, cansada.

- Quer parar de me dizer como me sinto? Você é que nem minha família. É verdade. Sei que se sente mal, mas isto não é o que importa, é?

- Não?

- Nós voltamos por causa de Nicky, não foi? Angolos, que estava andando ansiosamente de um lado

para outro no recinto, parou. Olhou para ela.

- Foi por isso que voltamos? - perguntou ele.

Ela atribuiu a estranheza do tom que ele usou à descoberta de não ter sido traído.

- Ora, é claro.

- Bem, sendo assim, que diferença faz? Você estava errado, mas não pode mudar o passado. Será que não devíamos nos preocupar com o futuro de nosso filho? Posso dormir com outro, se isto lhe fizer se sentir melhor.

O rosto dele transpareceu fúria.

- Não... Não vou me sentir *melhor* assim.

-Pelo amor de Deus, Angolos, foi só uma piada! Você acha que eu iria...

Ele tocou levemente os ombros dela.

- Então! você quer ficar comigo por causa de Nicky? *Quero ficar com você por causa de nós dois...*

- Bem, não podemos desistir no primeiro probleminha, não é?

- Probleminha? - repetiu ele. - Você está mesmo encarando a vida de modo bem diferente.

- Sou prática.

- Então seremos práticos e ficaremos juntos. Georgie assentiu. De repente, tudo o que ela mais queria era chorar até secar.

CAPÍTULO CATORZE

Chegaram na casa de Paul e Mirrie Radcliff no dia anterior ao batizado e foram levados ao charmoso quarto de hóspedes. Nicky adorou a cama de armar que puseram para ele no quarto ao lado. Depois que viu Nicky brincando com o cachorro dos Radcliff, Georgie não se surpreendeu de ele querer um cachorro também.

Angolos entrou no quarto quando ela estava fechando um antigo colar de pérolas no pescoço. Ela era tão suave... Sua suavidade a deixou excitado. Quanto estava perto de Georgette, ele sempre perdia o autocontrole.

- Nicky disse que quer um cachorro... e dos grandes - disse ela.

- Qualquer garoto deve ter um cachorro.

- Você tinha? Ele fez que não.

- Minha mãe considerava falta de higiene ter cachorro em casa. Mas você tem alguma objeção?

- Não, não me importo com um pouquinho de pêlo de cachorro nos móveis, e concordo com você que qualquer garoto deveria ter um cachorro.

- Concordou comigo? Cuidado, Georgette - zombou ele.

- Isso já está virando hábito. Com licença - disse Angolos, tomando o fecho do colar de pérolas nas mãos.

Ela retesou ao sentir o toque dos dedos dele na pele. Solto um profundo suspiro.

- Algum problema? - perguntou ele.

Georgie abriu os olhos. Ele tinha de saber o que seu toque lhe causava.

- Dê-me isso aqui - ela pegou o colar das mãos dele. Angolos levantou as mãos como quem se rende.

- O que foi que eu fiz...? - Nada, e é este o problema. Você não precisa fazer nada, Apenas... precisa ser... você...

- Quem você gostaria que eu fosse então? Acha que viver comigo é um fardo assim tão grande?

- Estou ficando louca! Respirar o mesmo ar que você me enlouquece - revelou ela, numa explosão súbita de franqueza.

- Então, não há mais nada a dizer.

A tranqüilidade dele dava vontade de gritar.

- Tem muita coisa a ser dita! - gritou ela. - Estou cansada de olhar de um lado para o outro sem você olhar para mim. O único lugar onde você me quer é a cama.

- Isto não é verdade - retrucou Angolos, com expressão atônita.

- É, sim. Já lhe ocorreu que você, só de olhar para mim, me faz... - ela afundou as mãos no rosto. - Olhe para mim! Nem sei mais o que estou dizendo...

- Estou olhando para você. Estou sempre olhando para você... Não consigo parar de olhar para você. Quero tocá-la.

O tom profundo e emocionado da voz dele penetrou a infelicidade. Georgie levantou a cabeça, confusa.

- Você só me quer aqui por causa de Nicky. O rosto dele denotou tensão.

- Que coisa ridícula! - disse ele entre os dentes. - Você é minha *esposai* Eu não deveria ter de me desculpar por querer olhar para você, mas sinto como se devesse.

- Sou sua amante - respondeu, teimosa - em todos os sentidos, a não ser no título. Você só me quer na cama!

- Claro que a quero na cama. Você na minha cama é a única coisa que me mantém são. - Passou a mão nos cabelos. - Mas também quero que seja minha esposa em todos os outros sentidos. Só achei que, já que eu... Achei que você preferiria assim.

- Pois não prefiro - rebateu Georgie com lábios trêmulos. - Não acho que eu tenha de ficar sofrendo por causa da sua culpa idiota.

Angolos pareceu desconcertado e ligeiramente estupefato com o desabafo. -Você está sofrendo...? Ela levantou os olhos para encarar os dele.

- Claro que estou, seu idiota! Quero poder conversar com você sobre algo além de Nicky sem ter de pisar em ovos. Quero poder gritar com você, e lhe abraçar e...

Bateram na porta.

- Ignore.

Georgie, que lutava para retomar o fôlego, estava mais do que disposta a obedecer, mas a segunda batida foi impossível de ignorar, já que alguém chamou também. Angolos soltou um palavrão baixinho e disse:

- Já vai! - e foi até a porta.

- Está na hora de ir para a igreja, se estiverem prontos...? - Paul, sem saber do clima tenso, enfiou a cabeça pela porta e falou: - Você está muito bem, Georgie.

Georgie, quase rindo da expressão de Angolos, agradeceu e disse que estava pronta.

Ver Angolos com Paul e a esposa foi uma verdadeira revelação para Georgie, que jamais o vira tão à vontade. Ela até achou graça quando seu elegante marido se prontificou para ajudar a lavar a louça.

- Quando vocês se mudam para a Grécia? - perguntou Mirrie.

- Na terça-feira - disse Georgie com ar preocupado. - Estou bem nervosa.

- Não fique. Tenho certeza de que dará tudo certo. Dá para ver que você e Angolos têm uma relação sólida.

- Acha mesmo? Para ser franca, não sou a melhor amiga de Olympia. Você conhece...? Mirrie riu.

- Ah, sim, conhecemos Olympia. Uma senhora assustadora. Mas, Georgie, agora você tem mais idade e mais sabedoria, e mais importante de tudo, tem Nicky. Você fez algo para ganhar um lugar no coração desta senhora, que é lhe dar um neto. Acho que vai ver que as coisas mudaram.

- Não sei, não - respondeu Georgie, e levantou-se.

Angolos e Paul ficaram conversando até altas horas depois que Georgie foi para o quarto.

Mas ela não estava dormindo quando ele finalmente foi também. Não demorou a retomarem a conversa do ponto que haviam interrompido quando bateram à porta.

- E aquela conversa da tarde de hoje? Ela deu de ombros.

- Eu a faço infeliz?

- Não foi o que eu disse. É que nosso casamento é de conveniência. Estamos juntos por causa de Nicky. Claro que sexo é bom... Na verdade, é sensacional. Mas não basta.

- Você não está tendo tudo o que quer em nosso casamento?

- Não é questão do que eu quero. Mas, caso tenha esquecido, se não fosse por nosso filho, estaríamos divorciados a esta altura.

- Theos! Como posso me esquecer disso se você fica relembrando todos os dias?

- Eu não...

- A vida é preciosa e, apesar de ser um clichê, devemos viver cada dia como se fosse o último. E você vive como se esperasse que um cataclismo fosse ocorrer toda vez que dobra uma esquina!

- Talvez porque a experiência tenha me ensinado a ser assim. - Ela se arrependeu no momento em que deixou escapar aquela observação amarga. - Desculpe. Não quis dizer isso.

- Mas é o que você pensa, não negue. Estou pronto para encarar que sou em parte responsável por este seu medo da vida, *yineka mou*. Mas o que importa - acrescentou ele - é que não estamos divorciados, nem nos divorciaremos.

- Você não pode ter certeza disso.

- Posso, sim - disse Angolos. - Ao contrário de você, estou *totalmente* comprometido com este casamento.

- Por causa de Nicky.

- E por que outra razão, *agape mou*?

Mais uma vez, ele a pegou de surpresa. Por alguma razão, parecia simplesmente furioso. Georgie deu de ombros como quem não liga.

- A única coisa que pode me afastar de você é... Deus - disse ele, tomando seu queixo entre os dedos e com a outra mão acarinhando sua nuca.

Do jeito que Angolos falava, parecia uma condenação. Era assim que ele encarava?

Para profundo espanto de Georgie, o que Mirrie dissera em relação a Olympia aconteceu mesmo. Bastou a temida Olympia olhar para Nicky que logo caiu em lágrimas.

Como Angolos logo saiu do recinto, restou a Georgie consolá-la. De repente, Georgie descobriu que estava com tudo. Havia lhe dado um neto, afinal.

Georgie também achou mais fácil lidar com a sogra não tendo de morar na mesma casa, apesar de que ela visitava sempre. No final das contas, as coisas acabaram fluindo bem, e Georgie concluiu que metade do problema da primeira vez em que morava lá foi sua própria insegurança.

Apesar de não ser mais a garota inexperiente de antes, ainda tinha que provar uma coisinhas a si mesma. Daí a festa, a qual ela fez questão de convidar Sônia.

No dia da festa ela ficou pensando o que havia lhe dado. Não era nenhum anfitriã de sociedade, não sabia ficar de conversinha... Não sabia direito nem os talheres certos a usar. Mesmo assim, convidou pessoas ricas e influentes.

Só podia estar fora de si.

Pensou até em cancelar tudo.

Foi até o escritório de Angolos e entrou se bater. Quando ia falar, viu que ele estava ao telefone.

Ele fez um gesto para que ela se sentasse em uma cadeira. A conversa era em grego, mas uma palavra ela captou: *Sônia*.

Georgie foi até a tomada e desligou o telefone.

Angolos demorou um pouquinho para se dar conta que a ligação havia caído. Até que se virou e viu Georgie com o fio do telefone na mão.

- Que diabo está fazendo?

- Atraindo sua atenção.

Ele apoiou o queixo na mão.

- Sou todo ouvidos.

- Vim dizer que vou cancelar o jantar desta noite.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- E...?

Sua reação a desconcertou.

- E nada.

- Certo, não haverá jantar.

- Só vai dizer isso?

- Que mais gostaria que eu dissesse?

- Não seja condescendente comigo! Não sei se você reparou, mas andei planejando este jantar a semana toda. Convidei um monte de gente importante e tudo o que você diz é "tudo bem"?

- Na verdade, eu disse "certo, não haverá jantar".

- Não interessa o que você disse. Sei que você pensa que sou um fracasso... Que não tenho a menor vocação para a sociedade.

- Eu nunca quis dar este jantar mesmo.

- Não me faça rir, Angolos.

- Não gosto de jantares formais.

- É uma pena, porque este jantar vai ser um sucesso e tanto! - disse Georgie, e saiu batendo a porta sem ouvir que ele estava dando risada.

As preparações corriam bem, quando, no meio da manhã, ela recebeu um telefonema e em seguida pegou o carro para sair às pressas.

Ao entrar no escritório, perguntou:

- Achou minha mãe?

O homem a encarou com compaixão. Nem parecia um detetive particular.

- Ela morreu dois anos atrás.

Georgie afundou na cadeira.

O homem lhe entregou uma pasta grossa com documentos.

- Está tudo aqui. Ela se casou com o homem com quem... bem. Ele ainda está vivo. É dono de uma cadeia de hotéis, da qual cuida com seu filho mais velho.

- Quer dizer que tenho um meio-irmão?

- Sim, e duas meias-irmãs. Os detalhes estão todos aí dentro.

Quando Georgie chegou em casa, estava de coração apertado. Tinha uma família que não conhecia e que, provavelmente, nem sabia da existência dela também. Nem sabia dizer como estava se sentindo.

Mais tarde, conversaria sobre isto com Angolos e pensaria no que fazer.

Quando Angolos entrou, parecia que ele mesmo tinha muito a dizer.

- Onde você esteve?

Ela estava emocionalmente exausta, e seu tom acusatório foi o fim da picada. -Eu saí!

- Saiu com um homem?

- Perdão?

- E aí ele ligou dizendo que tinha algo que me pertencia, mas que era para eu não me preocupar, pois tudo seria devolvido. Quando perguntei quem ele era, desligou. O que eu poderia pensar, Georgie?

- O pior possível, imagino. Depois de... tudo o que aconteceu - sua voz estava trêmula -, eu não posso acreditar que você ainda acha que eu seria capaz de traí-lo. Minha bolsa...

- Achei que você havia sido seqüestrada!

- *Fala sério?*

- Quase liguei para a polícia.

- Isto é ridículo!

Ele respondeu friamente.

- Que bom que pensa assim. - E saiu andando. Georgie percebeu que talvez o tivesse magoado com suas risadas.

- Não me dê as costas quando eu estiver falando! - gritou ela. Então, ao ver que as palavras não fizeram efeito nenhum, acrescentou: - Quando estará de volta?

- Quando eu tiver certeza de que não vou lhe estrangular.

E quando seria isto? Pelo olhar que Angolos lançou, podia ser nunca.

No meio da confusão de sua vida pessoal, ela acabou esquecendo de avisar ao *chef* que um convidado era vegetariano e que outro tinha intolerância a laticínios.

Quando vieram lhe dizer que Nicky havia escorregado e batido com a cabeça perto da piscina, ela demorou a entender, mas quando entendeu saiu correndo.

Aquele era um dos seus locais favoritos na mansão, mas ela não tinha como prestar atenção naquele momento à vista espetacular do mar Egeu. A única coisa que viu foi o corpinho de Nicky deitado no chão.

- Desculpe... Ele correu e...

Georgie ignorou as explicações chorosas de Emily e se ajoelhou ao lado de Nicky.

- Ele está respirando. Graças a Deus! - disse, enxugando as lágrimas. - Não podemos deixá-lo aqui. Temos que levá-lo para dentro de casa. Acorde, Nicky!

- Não, não podemos mexer nele. Não é seguro. A ambulância virá direto para cá.
- Sim, tem razão - concordou Georgie. - Acha que ele...?
- Ele vai ficar bem - disse Thomas, um dos empregados.
- Onde está Angolos?
- Estamos tentando contatá-lo.

A espera pela ambulância pareceu uma eternidade e o trajeto até o hospital foi a jato.

Já no hospital, Georgie se viu sendo consolada por Olympia quando disse que Angolos jamais a perdoaria se algo acontecesse. Nicky seria submetido a uma cirurgia no cérebro, e não havia garantia de que ele sobrevivesse sem seqüelas.

- Meu filho não seria mesquinho assim.
- Eu sei, mas nós discutimos - admitiu Georgie. - Ele havia saído, estava furioso comigo.

A sogra segurou a mão da nora.

- Angolos tem pavio curto, mas tem coração grande e ama você.

Atônita, Georgie olhou para a sogra.

- E acho que você também o ama... Certo...? Georgie fez que sim.
- Então, tudo vai se acertar quando conversarem. Primeiro, precisamos localizá-lo, mas ele já está sendo procurado, não se preocupe. Ele vai chegar.

E o que ele vai encontrar ao chegar...? Georgie nem ousava pensar no que vinha pela frente.

As duas ficaram em silêncio enquanto os minutos passavam arrastados.

- O que eu vou fazer se Nicky não melhorar? Eu não vou agüentar... - falou Georgie depois de algum tempo.

Olympia apertou a mão de Georgie.

- Pensei que já havíamos concluído que não adianta sofrer por antecipação. Nicky pode ser pequeno, mas já é um lutador, que nem o pai.
- Sim, ele é, não é mesmo? - Georgie deu um sorriso triste e enxugou as lágrimas.

- E agora você também é uma Constantine, de modo que precisa ser corajosa. Nicky vai precisar da mãe.

Georgie empinou o queixo, recompondo-se.

- Obrigada.

Uma enfermeira se aproximou.

- Senhora Constantine? Ambas se levantaram.

- E então?

- Bem, o doutor vai explicar, mas...

Georgie conseguiu se controlar para ouvir que seu menino ficaria bem e sem seqüelas depois da operação. Porém, depois que o deixou adormecido, sentiu o chão lhe faltar. Apoiou-se na parede, com o corpo trêmulo e as lágrimas em profusão.

Ao abrir os olhos, deparou-se com os olhos negros do marido. Fraca de alívio, ela se surpreendeu ao se ver em seus braços.

- Angolos! - suspirou ela, sentindo-o respirar perto de sua orelha.

- Eu sinto... sinto muito - respondeu, agoniado. - *Ele está...?*

Então, ela percebeu que ele não sabia ainda das boas novas sobre Nicky.

- Nicky vai ficar bom, Angolos. A operação foi um sucesso.

- Mas... Quando a vi chorando, eu...

- Eu chorei de alívio.

- Verdade? - As mãos enormes que a seguravam pelos ombros estavam tremendo.

- Nicky vai ficar bem...?

Ela fez que sim, voltando a sentir um nó na garganta ao pensar no que se passara.

- Haverá seqüelas?

Georgie fez que não.

- Não, garantiram que ele vai ficar cem por cento.

Ela fez menção à porta.

- Ele está aí dentro. Quer vê-lo?

Os músculos do pescoço moreno de Angolos pulsaram quando ele assentiu.

A enfermeira que estava lá dentro e Angolos trocaram algumas palavras em grego.

- Ela disse que Nick vai dormir por um tempo. Georgie assentiu.

- Mas ele acordou antes.

- E perguntou por mim?

- Não... - respondeu ela com um tom sorridente. - Mas pediu um cachorro... Um cachorro grande. E ainda disse que não foi culpa dele.

Angolos deu uma risada breve.

- Desculpe - disse ele então.

- Por quê?

- Eu não estava lá quando você precisou de mim.

- Mas como você iria saber? E sua mãe estava aqui.

- Minha mãe? - Ele pareceu perplexo.

- Sim, e ela foi uma verdadeira heroína. Me ajudou muito.

- Que bom... - respondeu Angolos, secamente.

- Bem, eu estava indo pegar um café para mim quando você chegou. Você também quer?

- Sim, eu vou com você. Nicky não vai acordar agora mesmo.

Quando já estavam com os cafés, Georgie começou a falar.

- Hoje de manhã, esqueci minha bolsa no escritório de um detetive particular que contratei para encontrar minha mãe.

- Você fez o quê?

- Eu ia lhe dizer, mas não havia muito a dizer, já que ele não a encontrou.

- Não?

- Ela morreu faz dois anos e eu tenho um meio-irmão e duas meias-irmãs. - As palavras saíram atropeladas.

Angolos abriu os braços e ela caminhou até ele.

- Você passando por isto tudo e eu gritando com você... Eu dando ataques enquanto você corria perigo. Desculpe! - Ela sentiu os lábios dele em seus cabelos.

- Não sei por que eu fui rir... Não conseguia parar.

- Histeria, creio. - Ele segurou o rosto dela e o trouxe em direção ao seu.

O beijo que se seguiu foi duro, sedento e, ao mesmo tempo, de cortar o coração de tão terno. Todos os seus pensamentos foram dragados da mente.

Quando se desenlaçaram, ele estavam respirando forte, e Georgie estava com as pernas bambas. Ela mal conseguia caminhar, mas Angolos a tomou pela mão e a conduziu por uma porta que dava para um jardim que era como um oásis em meio às paredes frias do hospital.

- Como sabia deste jardim?

- Tenho meus contatos.

- Contatos?

- Isto aqui não passava de algumas pedras, mas pedi para um arquiteto amigo meu projetar este jardim.

- Que gesto lindo da sua parte, Angolos!

Ela já sabia que Angolos doava para caridade, mas sempre fazia questão de não divulgar essas doações.

- Aquela porta ali - disse ele, apontando - leva ao centro de tratamento de câncer.

O coração dela começou a bater forte.

- Você conheceu alguém que tenha se tratado aqui, Angolos?

- Por assim dizer. Fiz boa parte de meu tratamento em Londres, mas passei algum tempo aqui quando... Bem, não vou lhe aborrecer com detalhes.

- Você estava doente? Você teve c... cân...?

- Câncer. Eu tive câncer.

Primeiro, ela achou que deveria estar havendo algum engano.

- Não tive intenção de chocá-la - disse Angolos, entrelaçando seus dedos aos dela.

Georgie sentiu o gosto metálico do medo na boca.

- E agora você está bem? - Sim, já passou.

Ela respirou aliviada. Claro que havia passado. O sujeito esbanjava vitalidade!

Mas, então, lembrou quando se conheceram.

- Por isto você estava tão magro naquela época? E, mesmo assim, entrou no mar para me salvar!

- Eu teria ficado doente de verdade se não tivesse lhe salvado. Naquele dia, eu tinha acabado de receber alta. Tinha ido contar as novidades a Paul. - Se não fosse por ele... - Em resumo, se não fosse por Paul, eu estaria morto hoje.

- Não diga uma coisa dessas! - A idéia de um mundo sem Angolos era tenebrosa demais para considerar. - Sempre gostei de Paul.

Ele sorriu.

De repente, Georgie entendeu tudo.

- Quando você me encontrou, tinha acabado de receber sua vida de volta.

- De certa forma, sim.

- E você não estava exatamente agindo de maneira muito sensata... Isto explica tudo.

- Explica o quê?

- Faça-me o favor, Angolos! Se estivesse em seu juízo perfeito, você jamais olharia duas vezes para mim. Que dirá casar... Não admira que seus amigos e sua família tivessem desaprovado. - Ela deu uma risada fraca e cobriu o rosto com as mãos.

- Olhe para mim! - ordenou Angolos, segurando-a pelos pulsos. - Ninguém passa pelo que passei e continua o mesmo. Eu só vivia para fazer dinheiro e, quando sobrevivi ao câncer, decidi que seria diferente. Em vez de sofrer de insanidade temporária, no dia em que a conheci, eu estava mais lúcido que nunca.

- E por que nunca me contou nada disso?

Ele baixou os olhos.

- A verdade, Georgette, é que eu tinha medo de perdê-la. Você era muito jovem e eu sabia que você só havia tido um entusiasmo por mim, enquanto eu me apaixonei por você à primeira vista.

- Quanta bobagem! - disse ela, sorrindo. - Bem, você não vai me perder. Estamos juntos para sempre, e você estará ao meu lado quando este bebê sair daqui.

Uma expressão de estupor se fez no rosto dele.

- *Bebê...?* - Olhou para a barriga dela.

- Eu estava pensando em lhe contar depois da festa de hoje. - Ela então arregalou os olhos, caindo em si. - Ah, Deus, aquela gente toda!

- Para o inferno com esta festa. Você está grávida! - O rosto dele se iluminou de um modo que a emocionou. - Eu era um homem que não tinha vida. Agora, tenho uma mulher que foi feita para mim, tenho um filho e mais outro a caminho. O que poderia ser melhor?

- Uma filha?

- Seria aceitável. Agora, gêmeos seriam demais!

- Nem pense nisto - pediu ela, rindo.

- Vamos dizer a Nicky que ele terá um irmão ou uma irmã?

- Ele vai dizer que prefere um cachorro - previu Georgie.

Angolos deu uma risada e a abraçou forte.

- Eu amo você - disse ele, olhando para o rosto radiante de Georgie.

- Eu também amo você.

- Eu amei você primeiro - rebateu Angolos.

- Você sempre tem que ter a última pa... - o marido a silenciou. E Georgie... não ligou nem um pouquinho...

FIM